

DO BAIÃO À INOVAÇÃO: AS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA COMO FERRAMENTA DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Simone Silva Simas

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

Profa. Doutora M^a Natalina F. Cristóvão Santos
Profa. Doutora Mari Saho



**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

SIMONE SILVA SIMAS

**DO BAIÃO À INOVAÇÃO: AS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA COMO
FERRAMENTA DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

Funchal - 2020

SIMONE SILVA SIMAS

**DO BAIÃO À INOVAÇÃO: AS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA COMO
FERRAMENTA DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica.

Orientadoras: Profa. Doutora M^a Natalina F. Cristóvão Santos.

Profa. Doutora Mari Saho

Funchal - 2020

Dedico este trabalho a Luiz Gonzaga (in memoriam), o eterno Rei do Baião.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora M^a Natalina F. Cristóvão Santos, por sua compreensão, por sua atenção durante a produção deste trabalho. Gratidão.

À Professora Doutora Mari Saho, que muito colaborou, sempre atenciosa, que transmite tranquilidade, o que foi muito importante, pela competência com que aprendi muito durante esse processo. Meus sinceros agradecimentos.

À Mariana Sebastião, gratidão pela colaboração no desenvolvimento deste trabalho, o que foi fundamental para organização e conclusão desta pesquisa.

À direção da escola e a professora Ana Maria, que abriram as portas para o desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Doutora Jesus Maria e ao Professor Doutor Carlos Fino. Obrigada por trazer este curso para o Brasil dando a oportunidade a muitos alunos de alcançarem o almejado curso de Mestrado.

A todos da DH2, pelo apoio, dedicação e orientação a todos os alunos.

À Universidade da Madeira, pela oportunidade.

Agradeço a todos que direta e indiretamente colaboraram para a conclusão desta pesquisa. Cada palavra de incentivo, cada torcida, cada injeção de ânimo foi primordial para que eu seguisse em frente.

São muitos obstáculos que surgem ao longo do caminho, mas a força daqueles que torceram verdadeiramente para o meu sucesso nesta pesquisa fez toda a diferença para que realmente eu chegasse à conclusão desta dissertação.

Gratidão à minha família e amigos.

Minha eterna gratidão a todos vocês!

“Quero ser lembrado como o sanfoneiro que amou e cantou muito seu povo, o sertão, que cantou as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes, os valentes, os covardes, o amor...”

Luiz Gonzaga

RESUMO

O presente estudo procura analisar o uso das músicas de Luiz Gonzaga como ferramenta auxiliar no processo de aprendizagem, e se essa ferramenta pode ser considerada como instrumento de inovação pedagógica. Tem como questão norteadora: como as músicas de Luiz Gonzaga podem ser utilizadas no processo de aprendizagem e ser consideradas como instrumento de inovação pedagógica? A autora parte da perspectiva de que a prática da professora participante desta pesquisa foi de grande relevância e contribuiu significativamente para o desenvolvimento e percepção do mundo dos alunos da escola em que ocorreu a intervenção. Isso foi constatado durante o processo de observação e de entrevistas individuais desta pesquisa, de raiz etnográfica, que demonstrou como usar as músicas do artista citado fomentava nos alunos a reflexão, o questionamento, ressignificando o espaço de aprendizagem e permitindo que os estudantes percebessem seu papel na construção do conhecimento e no espaço social que viviam. A análise dos dados coletados durante todo o processo mostrou que a utilização das músicas de Luiz Gonzaga tem fortes indícios de ser uma prática pedagógica inovadora, pois estas práticas são em sua essência caracterizadas por promoverem o envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem, desenvolvendo as suas habilidades e competências. Diante da análise dos resultados desta pesquisa, é dentro deste contexto que está norteadora a prática pedagógica observada.

Palavras-chave: Luiz Gonzaga; Música; Aprendizagem; Inovação Pedagógica; Professor.

ABSTRACT

This study aims to analyze the use of Luiz Gonzaga's music as an auxiliary tool in the learning process, and whether this tool can be considered as an instrument of pedagogical innovation. Its guiding question is: How can Luiz Gonzaga's songs be used in the learning process and be considered as an instrument of pedagogical innovation? The author starts from the perspective that the practice of the teacher participating in this research was of great relevance and contributed significantly to the development and perception of the world of the student at the school where the intervention occurred. This was observed during the process of observation and individual interviews of this research of an ethnographic nature which demonstrated how to use the songs of the aforementioned artist encouraged students to reflect, question, re-signify the learning space and allowing students to perceive their role in the construction of knowledge and in the social space they live in. The analysis of the data collected throughout the process showed that the use of Luiz Gonzaga's music has strong indications of being an innovative pedagogical practice because these practices are in essence characterized by promoting the involvement of students in the learning process by developing their skills and skills. In view of the analysis of the results of this research it is within this context that the observed pedagogical practice is guided.

Keywords: Luiz Gonzaga, music, learning, pedagogical innovation, teacher.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à analyser l'utilisation de la musique de Luiz Gonzaga comme outil auxiliaire dans le processus d'apprentissage, et si cet outil peut être considéré comme un instrument d'innovation pédagogique. Sa question directrice est la suivante: comment les chansons de Luiz Gonzaga peuvent-elles être utilisées dans le processus d'apprentissage et être considérées comme un instrument d'innovation pédagogique? L'auteur part du point de vue que la pratique de l'enseignant participant à cette recherche était d'une grande pertinence et a contribué de manière significative au développement et à la perception du monde des élèves de l'école où l'intervention a eu lieu. Cela a été vérifié au cours du processus d'observation et des entretiens individuels de cette recherche, de nature ethnographique, qui ont montré comment utiliser les chansons de l'artiste susmentionné encouragé les étudiants à réfléchir, questionner, re-signifier l'espace d'apprentissage et permettre aux étudiants de percevoir leur rôle dans la construction des connaissances et dans l'espace social dans lequel ils vivaient. L'analyse des données recueillies tout au long du processus a montré que l'utilisation de la musique de Luiz Gonzaga a de forts signes d'être une pratique pédagogique innovante, car ces pratiques se caractérisent essentiellement par la promotion de l'implication des étudiants dans le processus d'apprentissage, le développement de leur aptitudes et compétences. Au regard de l'analyse des résultats de cette recherche, c'est dans ce contexte que se guide la pratique pédagogique observée.

Mots-clés: Luiz Gonzaga; la musique; l'apprentissage; innovation pédagogique; enseignant.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo analizar el uso de la música de Luiz Gonzaga como herramienta auxiliar en el proceso de aprendizaje y si esta herramienta puede considerarse como un instrumento de invocación pedagógica. Su pregunta guía es: como pueden usarse las canciones de aprendizaje y considerarse como un instrumento de innovación pedagógica? El autor parte de la perspectiva de que la práctica del profesor que participa en esta investigación que de gran relevancia y contribuyó significativamente al desarrollo y la percepción del mundo del estudiante en la escuela donde tuvo lugar la intervención. Esto se observó durante el proceso de observación y las entrevistas individuales de esta investigación etnográfica que demostraron como usar las canciones del artista antes mencionado alentaron a los estudiantes a reflexionar sobre el cuestionamiento resignificando el espacio de aprendizaje y permitiendo a los estudiantes percibir su papel en la construcción del conocimiento. Y en el espacio social en el que viven. El análisis de los datos recopilados a lo largo del proceso mostro que el uso de la música de Luiz Gonzaga tiene fuertes indicios de ser una práctica pedagógica innovadora porque estas prácticas se caracterizan esencialmente por promover la participación de los estudiantes en el proceso de desarrollo de sus habilidades y competencias. En vista del análisis de los resultados de esta investigación es dentro de este contexto que se guí la práctica pedagógica observada.

Palabras Clave: Luiz Gonzaga, música, aprendizaje, innovación pedagógica, docente

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	v
AGRADECIMENTOS	vii
EPÍGRAFE.....	ix
RESUMO	xi
ABSTRACT	xiii
RÉSUMÉ.....	xv
RESUMEN.....	xvii
INTRODUÇÃO.....	1

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA	7
1.1 EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE E SEUS DESAFIOS	7
1.1.1 A identidade humana e a era do conhecimento.....	10
1.1.2 Educação, cultura e mudanças	15
1.1.3 A educação nas sociedades multiculturais	18
CAPÍTULO 2 – INOVAÇÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	23
2.1 INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: UMA REFLEXÃO	23
2.1.1 Inovação da prática pedagógica: uma oportunidade de se obter melhor resultado na aprendizagem.....	25
2.1.2 Aspectos relevantes numa prática pedagógica inovadora.....	29
CAPÍTULO 3 – MÚSICA: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA.....	39
3.1 A MÚSICA NO CONTEXTO HISTÓRICO.....	39
3.2 A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	40
3.3 A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO INOVADOR	46
3.4 A UTILIZAÇÃO DAS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	50

3.4.1 As músicas de Luiz Gonzaga na sala de aula	50
3.4.1.1 Luiz Gonzaga, o Rei do Baião	53

PARTE II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

CAPÍTULO 4 – PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	59
4.1 REFLETINDO SOBRE A ETNOGRAFIA	59
4.2 INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA DE RAIZ ETNOGRÁFICA	62
4.3 INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA COLETA DE DADOS	67
CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	69
5.1 O LOCUS DA PESQUISA	69
5.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	70
5.3 A PROFESSORA E OS ALUNOS PARTICIPANTES	75
5.4 O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS COM AS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA.....	76
5.4.1 Asa Branca: discutindo o contexto histórico-social nordestino	78
5.4.2 Crenças e fenômenos naturais na música Acauã	82
5.4.3 Xote das Meninas: discutindo variações linguísticas e comportamentos sociais...	85
5.5 O QUE DIZEM AS ENTREVISTAS	86
5.6 DIÁRIOS DE BORDO.....	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	105

INTRODUÇÃO

Pensar numa mudança no contexto Educacional não é uma tarefa fácil. É necessário realizar uma reflexão sobre o histórico da Educação e buscar entender de que forma o conhecimento foi passado para as gerações até a atualidade, pois a mudança no âmbito educacional está atrelada à inovação pedagógica que segundo Fino, “implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais” (FINO, 2007, p. 1).

Desta forma, para que ocorra a inovação pedagógica é de grande relevância observar e compreender a importância que a educação tem para a construção do ser na vida individual e coletiva. O homem precisa saber pensar por si mesmo, e perceber a escola como um ambiente de interação social.

E trazendo o que diz Pedro Demo (2007) a escola resiste em reconhecer que, ela mesma, está a cada dia mais distante das motivações das novas gerações. O que se faz em sala de aula, sobretudo o que se estuda em sala de aula, como regra, não faz parte do futuro que os alunos esperam. No entanto, a escola não pode ser mais vista como ambiente onde os alunos recebem informações dos livros didáticos e dos professores numa postura passiva. Necessitando de uma nova postura face aos anseios de uma sociedade atual, alunos que recebem as informações, refletem sobre elas e interagem com os demais dentro e fora da escola.

Segundo Pinto (2010) a vida é, assim, reconhecida como um contexto de aprendizagem e de desenvolvimento de competências, em que, cada vez mais, se valorizam os saberes e as competências adquiridas à margem dos sistemas tradicionais. A experiência é considerada como uma fonte legítima de saber, que pode (e deve) ser formalizado e validado.

Um aspecto a considerar é que a constante necessidade de mudanças na educação continua sendo tema de estudo da atualidade, porém o “como mudar” ainda está sendo o grande questionamento. Essa necessidade de mudança vem de anos atrás quando a sociedade percebeu que as escolas estavam seguindo um modelo tecnicista e que não estava mais acompanhando o mercado de trabalho, tendo em vista que o mercado se utilizava da alta tecnologia do momento que não era apresentada ao aluno durante seu período escolar (FINO, 2001).

Neste contexto, a modernidade chegou com muita tecnologia transcendendo a visão medieval dela. A escola pública foi um produto dessa inovação utilizando-se do modelo fabril. Contudo, esse símbolo deixou de existir devido às amplas necessidades sociais vigentes. Refletir sobre essas novas perspectivas faz repensar como a escola pode reorganizar as disciplinas para atender às necessidades atuais da sociedade (FINO; SOUSA, 2003).

Surge, então, a ideia de inovação, que muitas vezes é confundida com a ideia de mudança. São conceitos diferentes, mas que podem ser utilizados juntos no sistema educacional. Porém, é importante salientar que nem toda mudança resulta em inovação, podendo ser apenas uma releitura das práticas anteriores. Para se concretizar a mudança, a inovação precisa passar pelas etapas da seleção, difusão e integração.

Cunha (1998) advoga que a inovação necessita de uma mudança com intuito de reconfigurar o conhecimento para ir além do que é proposto pela modernidade. Quebrar paradigmas e inovar na maneira de compreendê-lo. De acordo com Fino (2007, p. 2) “a inovação pedagógica pressupõe a criação de contextos de aprendizagem contrastantes com os tradicionais contextos de ensino”. Esse é o caminho para que se rompam os laços das práticas tradicionais visando uma real qualidade nas práticas pedagógicas.

Assim, é importante a compreensão de que “a revolução implica inovações. Ela despeja um dilúvio de novidades nas vidas de incontáveis indivíduos, confrontando-os com instituições desconhecidas e situações inéditas”, diz Toffler (1970, p. 158). É importante repensar sempre como utilizar a tecnologia em resoluções inovadoras para as problemáticas educacionais que estão a todo o momento desafiando a escola.

Por isso, vivemos hoje uma necessidade de rever significativamente as práticas pedagógicas e ter um olhar diferenciado para o aproveitamento das tecnologias em sala, no como podemos nos apropriar delas para ampliar o que está sendo estudado. Fazer com que haja uma inovação no âmbito educacional e que seja significativo para o crescimento intelectual do aluno. Ou seja, existe a necessidade de buscar novos caminhos se atribuindo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como apoio (FINO; SOUSA 2003).

A escola é um local no qual são projetados os anseios da sociedade no que se refere expectativa de um futuro melhor, pois é na escola que estão aqueles dos quais se espera habilidades e conhecimentos para mudar o contexto de uma sociedade. Uma das muitas expectativas sobre a escola é que ela ofereça ao aluno um ambiente de mudança,

promovendo ações pedagógicas inovadoras que sejam o elo entre o aluno e o conhecimento.

A inovação pedagógica passa pela criação de novos contextos de aprendizagem, implicando alterações qualitativas na prática partilhada pelos aprendizes e pelo professor. Como é evidente, o senso comum não chega para se conseguir isso. E também não é suficiente para discernir completamente o sentido de práticas pedagógicas tão profundamente alteradas, a não ser, talvez, perceber que são diferentes. (FINO 2011 p. 99 -118)

Sendo assim, não devemos confundir inovação como uma simples mudança, pois a inovação vai além do mudar de atitude. É uma ação pensada e refletida.

[...] o conceito de mudança aparece frequentemente associado ao de evolução gradual, sendo utilizado para se referir às alterações provocadas por agentes internos ou externos, concretizadas de forma progressiva, enquanto o de inovação educativa se utiliza para assinalar a ruptura com situações ou práticas anteriores (FERNANDES, 2000, p. 48).

Neste âmbito, o educador precisa estar consciente do seu papel na sala de aula, tendo em sua prática pedagógica ações que auxiliem o aluno a construir sua identidade. Quando é oportunizado ao aluno conhecimentos que fomentem a reflexão, a análise, a criticidade, a pensar enquanto sujeito ativo que parte de uma sociedade em constantes mudanças e crescimento. Este aluno irá reconhecer-se como agente construtor do próprio conhecimento e que este conhecimento irá contribuir para a interação do meio que está inserido.

Refletindo sobre este contexto, pretendo apresentar nesta pesquisa a utilização das músicas de Luiz Gonzaga na sala de aula e se estas podem ser consideradas como uma ferramenta auxiliar na aprendizagem de uma prática pedagógica inovadora, tendo como a questão norteadora: como as músicas de Luiz Gonzaga podem ser utilizadas no processo de aprendizagem e serem consideradas como instrumento de inovação pedagógica?

Visando responder essa questão foi traçado como objetivo geral do estudo: Analisar o uso das músicas de Luiz Gonzaga como ferramenta auxiliar no processo de aprendizagem e se essa ferramenta pode ser considerada como instrumento de inovação pedagógica. Este objetivo geral foi desdobrado em seguintes objetivos específicos:

- Analisar os impactos da utilização das músicas de Luiz Gonzaga ao nível da interação social;
- Percepcionar a utilização das músicas de Luiz Gonzaga para o desenvolvimento dos conteúdos curriculares;
- Descrever como uso das músicas de Luiz Gonzaga de forma adequada e planejada resulta numa aprendizagem significativa e inovadora;
- Analisar benefícios das músicas de Luiz Gonzaga para uma prática pedagógica inovadora;

Esta pesquisa originou-se a partir do entendimento de que as músicas de Luiz Gonzaga apresentam um rico material didático que pode ser utilizado na sala de aula, tornando-se de relevância no processo de aprendizagem. Desta forma, com esta pesquisa pretende-se evidenciar de que forma o uso das músicas de Luiz Gonzaga no contexto pedagógico da sala de aula torna-se uma ação pedagógica inovadora. E de que modo essa prática poderá impulsionar os aspectos cognitivos, afetivos e sociais, o que a tornaria um significativo recurso didático-pedagógico, contribuindo no desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inovadoras e transformadoras.

Esta pesquisa foi organizada em duas partes a Parte I contém três capítulos. O primeiro capítulo traz uma abordagem sobre a educação na atualidade e inovação pedagógica, trazendo reflexões sobre a identidade humana e a era do conhecimento. Perpassa também pelos temas da educação, cultura e mudanças, o que nos leva a pensar na educação em relação às sociedades multiculturais. Este capítulo é finalizado com os aspectos relevantes de uma prática pedagógica inovadora.

O capítulo dois apresenta o tema “inovação na prática pedagógica”, e também discute uma oportunidade de se obter melhor resultado na aprendizagem. Em seguida, o capítulo três traz o tema a “Música: construção histórica e inovação pedagógica”, discutindo a utilização da música no processo de aprendizagem, a música como recurso pedagógico inovador, trazendo também uma reflexão sobre a utilização das músicas de Luiz Gonzaga na prática pedagógica, além de falar sobre Luiz Gonzaga, o Rei do Baião.

A Parte II apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. O capítulo quatro traz o percurso metodológico da pesquisa, instrumentos utilizados para coleta da pesquisa e o diário de campo, no qual consta todo o desenvolvimento da pesquisa na prática. O Capítulo cinco, por sua vez, apresenta o lócus da pesquisa, a discussão e

análise dos resultados, além de uma discussão sobre a professora, os alunos participantes, e o desenvolvimento das aulas com as músicas de Luiz Gonzaga. Por fim, no capítulo seis, são apresentadas análises obtidas no lócus de pesquisa, considerações finais, referências e apêndice.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

1.1 EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE E SEUS DESAFIOS

Um dos grandes desafios na educação atualmente é transformar a escola num espaço formador, no qual os alunos adquiram conhecimentos que o façam perceber-se agente atuante do meio em que vivem, sendo capaz de modificar sua própria realidade. Diferentemente de outrora a educação é um processo que está envolvido em valores, construção de relações sociais e nesse sentido é relevante que esteja voltada para as mudanças culturais da sociedade.

Numa visão tradicional, a educação era vista como um processo de transmissão de conhecimento, cujo objetivo era a instrução, sendo restrita à escola. Segundo Mizukami (1986)

[...] atribui-se ao sujeito um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está "adquirindo" conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico (MIZUKAMI, 1986, p. 11).

Nesta abordagem tradicional a educação era um produto resultado de uma ação vertical, no qual os conteúdos eram pré-selecionados e transmitidos pelo professor que exercia o papel do detentor do conhecimento. Cabia aos alunos copiarem os modelos a eles apresentados sem questionar, discordar, opinar ou analisar as informações que a eles eram oferecidas. A aprendizagem era subordinada à instrução, assim o aluno habituava-se a um conhecimento com uma compreensão parcial.

Para Vasconcellos (2009),

[...] capacidade de mudar um cenário, de revolucionar, por mais simples que seja a ideia inovadora, se ela for capaz de revolucionar trará um ganho imenso para aquele que executou a inovação e permitirá a este ter uma melhor posição no espaço em que ele convive. (VASCONCELLOS, 2009, p.1).

Com toda certeza a educação sempre esteve presente nas civilizações mesmo nos ambientes nos quais não havia um espaço chamado “escola”. Mas junto com a evolução das civilizações a educação também evoluiu e com o passar dos tempos a educação sofreu modificações em decorrência dos inúmeros acontecimentos históricos, econômicos e sociais que envolveram a sociedade. Dentro deste contexto, Fino (2008, p. 2) acrescenta que “o conhecimento é uma construção do aprendiz e não substância independente e descontextualizada, que se pode transacionar”. Se observarmos a história da educação veremos a evolução educacional, temos outrora um contexto repleto de autoritarismo no qual o poder estava nas mãos daqueles que detinham o conhecimento, sendo estes “os professores”.

Entretanto, a sociedade passa por mudanças e força o ensino a adaptar-se às novas exigências sociais, assim não podemos ficar estagnados, presos a ultrapassados conceitos, pois mudar é uma necessidade do ser humano que impulsiona a novas descobertas e novas aprendizagens. Alves (2008) defende que a inovação acontece quando a consciência de inovar vem dos indivíduos, quando este usa a criatividade fazendo desta a principal arma para inovar. E desta forma, a educação vem passando por transformações relevantes marcando cada vez mais a ruptura com práticas pedagógicas tradicionalistas pautadas basicamente na transmissão de conteúdos em detrimento da aprendizagem significativa dos aprendizes.

Sacristán (1995, p. 66), advoga que:

O ensino é uma prática social, não porque se concretiza na interação entre os professores e alunos, mas também porque estes atores refletem a cultura e contextos sociais a que pertencem. A intervenção pedagógica do professor é influenciada pelo modo como pensam e como agem nas diversas facetas da sua vida (SACRISTÁN, 1995, p. 66).

A educação está integrada às relações de uma sociedade no que tange à sua economia, sua história, sua política e cultura. De certa forma, há uma subordinação do processo educativo às mudanças sociais, pois a educação precisa acompanhar as exigências que a sociedade determina. Podemos perceber esta relação fazendo uma reflexão sobre as mudanças educacionais ocorridas nos últimos tempos desde a época da industrialização até a inserção dos computadores nas escolas.

Fino (2007) salienta que:

[...] no espaço de um século e meio, muitas foram às inovações introduzidas na sequência do desenvolvimento tecnológico, o que não significou que a incorporação de mais tecnologia redundasse em alteração

substancial no modo de funcionamento das escolas, que mantiveram inalterável o essencial de seus pressupostos organizacionais (FINO, 2007, p. 6).

Não obstante, muitas escolas enfrentam dificuldades para garantir um aprendizado de qualidade e com significado para o aprendiz. Assim, teóricos e estudiosos preocupados em compreender e explicar como ocorre na educação o processo de aprendizagem alertam para a necessidade de inserir no contexto educacional práticas inovadoras que permitam ao aprendiz uma aprendizagem significativa. Papert (2008, p. 20) nos traz que “[...] os computadores estão começando a ensinar os adultos que algumas formas de aprendizagem são rápidas, muito atraentes e gratificantes”,

Conforme Fernandes (2000, p 79) “a inovação passa a ser o elemento motor da actividade do professor, constituindo uma resposta inteligente a uma realidade em permanente mutação (...)”. Para Libâneo (2010) a Pedagogia é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa.

Assim, para Fino (2011b, p. 5) “a inovação pedagógica só se pode colocar em termos de mudanças e de transformação,” é uma ação que visa mudanças nas práticas educacionais, baseada em teorias que permitam ao aprendiz novas ações, novas experiências que possibilitem o aprendizado com a realidade do aprendiz.

Neste contexto é importante que haja um divórcio com práticas tradicionais que tenham o aluno como um mero recipiente no qual seja depositado conteúdo sem nenhuma participação construtiva deste. Para Papert, (1994, p.29) “a melhor aprendizagem ocorre quando o aprendiz assume o comando de seu próprio desenvolvimento em atividades que sejam significativas e lhe despertem o prazer”. A inovação pedagógica fundamenta-se numa aprendizagem construída pelo aprendiz para que desta forma ele se aproprie do saber construído, tendo este saber um significado para ele.

Em seu início a escola foi criada para atender as exigências da era industrial e segundo Sousa e Fino (2003):

Desenharam-na segundo um modelo inspirado literalmente nas fábricas de forma que os alunos, quando nela entrassem, passassem a respirar uma atmosfera carregada de elementos e de significações que se revelaram ser mais importantes e decisivos que as meras orientações inscritas no brevíssimo currículo oficial da escola pública (SOUSA E FINO, 2003, p. 4).

A educação vive um processo transformativo no qual se objetiva o desenvolvimento de competências e habilidades, cabendo à escola oportunizar aos alunos propostas pedagógicas integradas às novas exigências da nossa atualidade. Dentro das novas exigências está inserida a música, que deve ser utilizada de forma integradora, interativa, dentro de uma proposta construtivista. Assim, o aluno não será um mero depósito de informações, será um agente que irá refletir interagir, produzir e construir o próprio conhecimento.

Para Freire (2002),

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar a criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a comunicabilidade. É imprescindível, portanto que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la” [...] (FREIRE, 2002, p.140).

Nesta mudança da Educação está a valorização da cultura, da música, da arte, que fomenta na maioria dos alunos o desejo de aprender, o que é um ponto a favor do professor para conquistar o estudante e deste ver o contexto escolar como um lugar agradável para aquisição de conhecimento.

1.1.1 A identidade humana e a era do conhecimento

A identidade marca a individualidade de cada ser, o que permite diferenciá-lo um do outro, marcando suas características e as características do grupo que pertence. Essa identidade do ser tanto caracteriza quanto diferencia, pois ela marca as características diferenciando um grupo do outro, uma sociedade da outra, uma civilização da outra. Para Morin (1970; 2002; 2006) devemos buscar a compreensão do mundo, do humano e da humanidade tendo como base os códigos de um conhecimento complexo, pois estes têm a pretensão de conceber, inseparavelmente, a dialógica da unidade e da diversidade.

De acordo com Oliveira (1999) no período da Idade Média o homem via-se como um ser integrado a comunidade na qual vivia tanto no âmbito social quanto religioso. Havia uma identificação com os grupos, sendo influenciado pelo meio. Porém naquela época não havia uma classe social totalmente desenvolvida.

No que se refere à ciência “de longa data, é o homem considerado como ser à parte, qualitativamente diferente dos animais” (LEONTIEV, 1978, p. 261-284). O homem integra

a natureza suas faculdades físicas e mentais adaptando-a as suas necessidades e assim “põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeças e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil á vida humana” (MARX, 1994, p. 202).

Todavia, com o passar do tempo o homem começa a produzir o que está além das suas necessidades imediatas pode-se dizer então que a identidade humana também se constitui de acordo com o objetivo da vida cotidiana do homem, assim “quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectualmente, mas operativa, efetivamente, contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele” (MARX, 1844, 2004, p. 85).

Para Ciampa, (1987) a identidade é um fenômeno social, assim afirma que:

Dizer que a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural é aceitável pela grande maioria dos cientistas sociais [...] Com efeito, se estabelecermos uma distinção entre o objeto de nossa representação e a sua representação, veremos que ambos se apresentam como fenômenos sociais [...] Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos-biológicos, psicológicos, sociais, etc. que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação [...] (CIAMPA, 1987, p. 64-65).

Edgar Morin (2002) fundamenta seus estudos sobre a identidade humana, nos conhecimentos da Filosofia, Literatura, Religião, História, Antropologia, Sociologia e a Psicologia que são as ciências que buscam compreender a evolução humana. A partir do momento que o homem entra em contato com o mundo, começa neste momento a constituição da sua identidade, pois neste contato ele pode transformar a natureza e produzir culturas diversas. A “cultura reflete-se no indivíduo e é melhor apreendido pelo estudo da vida de um determinado grupo de indivíduo” (ANDRADE, 2006, p. 22).

Segundo Morin (2002)

A cultura constitui a herança social do ser humano: as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico. Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incompreensíveis umas para as outras (MORIN, 2002, p. 64).

Para o autor, o ser humano biologicamente nasce e se desenvolve como um ser que ainda está em construção, tendo a cultura o papel de moldar este ser enquanto indivíduo membro de uma espécie e de uma sociedade. A nossa identidade biológica tem uma ligação entre a identidade humana e a planetária. De acordo com Morin (2002, p. 165) “a cultura é a emergência maior da sociedade humana”, pois a cultura alimenta a identidade individual e social.

Nesse sentido, o conceito de identidade pode ser encontrado nos dicionários e segundo o dicionário Aurélio, identidade são: “os caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo etc.” (AURÉLIO, 2001 p. 371). Porém, ampliando a compreensão sobre a palavra, encontraremos que a identidade são aspectos que envolvem os contextos sociais, históricos e subjetivos do ser humano que corroboram de forma qualitativa diferenciando-o de acordo com o grupo está inserido, a atividade de trabalho que exerce o papel que assume diante do grupo, etc.

Em suas pesquisas sobre a identidade humana Morin (2002) salienta que essa identidade é constituída da interação entre o indivíduo, a espécie e a sociedade. Compreender o ser humano não é simples, se faz necessário mergulhar na sua cultura e na sua história. Para ele, “o indivíduo não é noção primeira nem última, mas uma noção central da trindade humana” (MORIN, 2002, p. 94).

O ser humano define-se, antes de tudo, como trindade indivíduo/sociedade/ espécie: o indivíduo é um termo dessa trindade. Cada um desses termos contém os outros. Não só os indivíduos estão na espécie, mas também as espécies estão nos indivíduos; não só os indivíduos estão na sociedade, mas a sociedade também está nos indivíduos, incutindo-lhes, desde o nascimento deles, a sua cultura (MORIN, 2002, p. 51-52).

Logo, a trindade humana para Morin (2002) é o indivíduo, a sociedade e a espécie, estando o indivíduo dentro da sociedade e da espécie. Em contrapartida a sociedade e a espécie estão dentro do indivíduo, e assim cada indivíduo carrega a forma da condição humana.

Para Morin (2004, p.89) “temos uma natureza biológica”, uma natureza social, uma natureza individual e existe a seguinte explicação para a identidade e a cultura: “o indivíduo não é noção primeira nem última, mas uma noção central da trindade humana” (MORIN, 2002, p. 94), sendo que a nossa identidade individual está integrada a uma identidade

social. Quando aborda a cultura, o autor diz que enquanto patrimônio organizador e emergência maior da cultura humana, esta constrói a identidade das sociedades arcaicas até as atuais.

Segundo Moreira e Silva (2002),

A cultura é vista menos como uma coisa e mais como um terreno de luta (...). “A cultura é o terreno em que se enfrentam diferentes e conflitantes concepções da vida social, é aquilo pelo qual se luta e não aquilo que recebemos” (MOREIRA; SILVA, 2002, p. 27).

Com efeito, em seus estudos e pesquisas Morin (2002, p. 167) aborda a relação hologramática na qual “o indivíduo está na sociedade que está no indivíduo”. Nesta relação ele afirma que os indivíduos produzem a sociedade e por sua vez a sociedade produz os indivíduos. Desta forma, o indivíduo é o resultado da produção da sociedade que o próprio indivíduo produz. Assim, tem uma relação indivíduo e sociedade que é antagônica e complementar, sendo esse homem singular e plural, único e múltiplo, sujeito e objeto.

De fato, a formação da identidade humana é construída pelas diferenças culturais. Segundo Morin (2002), é desde alguns dos seus traços fundamentais comuns que as sociedades arcaicas começam a se diversificar pelo emprego de diferentes línguas, crenças, mitos e formas de organização familiar e social. “Entender a cultura, em oposição à natureza, como criação e produção humana”, Silva (2001, p. 63). Na atualidade a escola precisa desenvolver ações que despertem no ser humano a formação da sua identidade, de forma que possa ser compreendido o homem como um ser total e plural. Porém, para estas ações atingirem seus objetivos é fundamental compreender o processo da construção da história da humanidade, desde a sua origem até os dias atuais, que é a época planetária. Silva (2000, p. 139) traz a ideia de que “a cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser”.

Cabe à escola promover em seu cotidiano ações que cultivem o respeito, a diversidade, a pluralidade cultural e a tolerância. A escola atual precisa promover conhecimentos que fomentem no aluno a construção da identidade individual, da espécie e da sociedade. Refletindo sobre os estudos de Morin no que se refere à construção da identidade, podemos entender que a identidade é uma construção individual influenciada pelos contextos familiar, social e cultural no qual o ser está inserido. Nessa construção, o indivíduo é um ser singular e plural: singular por ter características exclusivas na sua

personalidade, no modo de agir consigo e com o outro; plural por ter na sua individualidade atitudes e valores adquiridos na interação com o meio onde está inserido.

A cultura constitui a herança social do ser humano, assim como as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico. Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incompreensíveis umas para as outras (MORIN, 2002 p. 64).

A inserção do indivíduo em cada cultura é o que vai produzir marcas significantes em sua identidade, sendo identidades múltiplas e diferenciadas, ao mesmo tempo que apresenta semelhanças e diferenças. Biologicamente, segundo os estudos de Morin, o ser humano após o seu nascimento desenvolve-se como um ser ainda em construção, sendo moldado pela cultura e o meio no qual está inserido. Sendo este homem um indivíduo membro de uma espécie e de uma sociedade. As culturas moldam as identidades individuais ao mesmo tempo em que distingue a que meio e qual cultura pertence. Para Morin (2002, p. 165) “a cultura é a emergência maior da sociedade humana”.

A teoria da Complexidade apresenta elementos que são de grande relevância para o estudo da identidade humana. Morin (1975, p. 215) afirma que “[...] a ciência do homem, não como um edifício que deve ser completado, mas como uma teoria a construir. É uma tarefa enorme e sua urgência inquieta-nos”. Morin difunde a ideia de que o indivíduo passa por um processo evolutivo em concordância com a evolução do universo.

Para Morin (2000b, p. 58) não é possível conceber uma definição única para a natureza do homem, pois o homem é por natureza, uma complexidade num processo de “auto-ecoexo-organização”, pois “o ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagonistas”. Seguindo o princípio dos estudos do autor, os outros moram em nós assim como nós moramos nos outros, pois o indivíduo não se constrói sozinho, mas em interação com o outro, sendo que nele encontra o outro que o desafia que lhe traz a inquietude, que o ensina e o faz aprender.

Nóvoa (1997, p.34) elucida que a identidade “não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto”, ela faz parte da construção do desenvolvimento pessoal, o profissional e também institucional, pois somos constituídos de partículas do outro e do mundo que nos cerca.

Diante do exposto, torna-se fundamental uma mudança na escola atual. Isso porque cada instituição escolar tem um papel fundamental na construção da identidade humana, devendo esta cultivar princípios que respeitam as diferenças e individualidades de cada indivíduo, levando em consideração os valores e a cultura de cada um. Cada escola necessita sempre promover o diálogo e novas ideias. Desta forma, irá formar alunos capazes de se situar e compreender a si e a complexidade do ambiente que envolve a construção do ser, reconhecendo-se como parte integrante do universo e que dentro de si está parte dos diversos conhecimentos adquiridos com o outro, com as diversas culturas e com o meio que vive.

1.1.2 Educação, cultura e mudanças.

Com as mudanças que movimentam a sociedade, as escolas precisam considerar princípios educacionais baseados nas necessidades do educando. Isso promove uma educação para além do ensino dos conteúdos específicos das áreas do conhecimento, tendo como resultado o desenvolvimento de habilidades que levem o aluno ao progresso, à autonomia social e emocional.

A escola fundamentada num processo educativo de cunho inovador busca em sua prática o desenvolvimento de competências sociais e emocionais. Nesse contexto é preciso que não seja apenas valorizado o aprendizado de conteúdos formais, mas é necessária a abordagem de valores que estejam baseados em ações de convivência norteados na integridade, na inclusão, na solidariedade, na honestidade, em valores importantes na formação do homem.

“Segundo Perrenoud (2002) inovar significa transformar a própria prática” e para que ocorram as transformações se faz necessário analisar as ações e as razões de forma a permanecer ou substituí-las por novas ações. É notória a necessidade da mudança na educação. Mesmo diante de muitas ações no sentido de avançar a qualidade do ensino, ainda se percebe que os resultados não foram alcançados na proporção objetivada.

Alvin Toffler (1970), em seu livro *O Choque do Futuro* afirma que a maioria das aflições que atingem as pessoas estão relacionadas à aceleração das mudanças que acontecem em todo contexto social, pois estas mudanças forçam de maneira abrupta as pessoas a desempenharem novos papéis, causando muitos conflitos pessoais e sociais. E é neste momento que a sociedade vive uma nova doença chamada de “choque do futuro”.

Na concepção de Toffler (1970), existe o choque da cultura, que é uma consequência do choque do futuro, sendo esta responsável por grande parte da frustração e desorientação que atinge os americanos, pois estes resistem a conviver com outras culturas, com outras sociedades. Este é um fenômeno temporal causado pelas mudanças aceleradas que as pessoas vivem.

Para Toffler (1970), a mudança é relativa e também desigual, pois se todos os processos de mudança ocorressem na mesma velocidade ou no mesmo momento não seria possível a percepção destes processos na sociedade. As mudanças ocorrem de forma tão variada, constante e acelerada que as pessoas não conseguem acompanhar. Isso causa em si problemas que trazem consequências de questões emocionais como aflições, estresse, depressão, frustrações etc.

O autor acredita na educação como uma força cultural que é pressionada a inserir em seu âmago a nova tecnologia. Atribui aos computadores o crédito de proporcionar às grandes escolas a flexibilidade de suas programações, possibilitando a oferta de mais cursos, favorecendo a diversidade na sala de aula, de forma que cada aluno avance num ritmo individual, causando uma ruptura no modelo tradicional de ensino vivenciado no período da industrialização. Também afirma que

O único modo de manter qualquer semelhança de equilíbrio durante a revolução Super industrial será responder a invenção com invenção – criar novos meios pessoais e sociais para regular a mudança. Assim, não precisamos nem de uma aceitação cega nem de uma resistência cega, mas um conjunto de estratégias (TOFFLER, 1970, p. 301).

Na verdade precisamos criar estratégias de adaptação, analisar e refletir sobre as nossas ações e as mudanças, para que saibamos o momento de agir com rapidez e de agir de forma mais lenta. Precisamos encontrar o ponto de equilíbrio entre a nossa vida e as mudanças. Mas a sociedade também precisa adaptar-se dispondo de novas instituições, organizações e estratégias capazes de abarcar a mudança nos setores educacional, social, econômico e histórico. Assim, aprenderemos a conviver com as mudanças que ocorrem no nosso dia a dia, na nossa sociedade.

Toffler (1970) propõe uma mudança na educação como forma de preparar os jovens para lidar com essas novas estruturas sociais. Para ele, nada deveria ser incluído no currículo escolar que não fosse justificado como aplicável ao futuro, pois atualmente os

currículos não estão baseando-se nas necessidades humanas. A preocupação entre as instituições educacionais é aumentar o próprio orçamento.

O autor também alerta sobre necessidade de diversificação do currículo, sendo necessário ter o cuidado para que essa diversidade não forme uma sociedade sem estruturas, sem referências, o que seria um novo problema, principalmente no que tange à comunicação. Ele lembra que as escolas não podem manter um currículo fechado, homogêneo, pois os espaços externos das escolas vivem de forma totalmente diversificada: “[...] os estudantes devem aprender como se livrar de velhas ideias e como e quando substituí-las. Devem, em suma, aprender a aprender” (TOFFLER, 1970, p. 332).

Em seu livro *O Choque do Futuro*, Toffler retrata a sociedade diante de tantas mudanças que exigem uma adaptação aos novos caminhos que surgem em consequência dessas mudanças. Apesar de ter sido escrito há mais de 40 anos atrás, a obra é atual em suas colocações, em suas reflexões e na análise que faz da sociedade em seus diversos setores educacional, econômico, de saúde, ou seja, em todo o contexto histórico e social, pois os espaços externos das escolas vivem de forma totalmente diversificada.

Para a Unesco:

os processos da globalização e de transformação social, ao mesmo tempo em que cria condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, geram também, da mesma forma que o fenômeno da intolerância, graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido em particular à falta de meios para a sua salvaguarda (UNESCO, 2003, p. 2).

É fato que a globalização trouxe uma abertura cultural para dentro das escolas, o acesso a diversas culturas permitiu uma mudança na realidade escolar, mostrando também as diferenças sociais e culturais. Segundo Loureiro (2002, p 386), a globalização também pode trazer “manifestações exacerbadas de arrogância, falta de interesse pelo outro e a sua cultura, e pela incapacidade de aprender sobre aquilo que é culturalmente diverso”. Esse é um ponto que emperra a disseminação da pluralidade cultural.

Pereira nos traz o pensamento de que:

(...) pensar a diversidade é interpretar a pluralidade, é interrogar pelo lugar que essa pluralidade implica no contexto de uma educação multicultural. Dialogar com a diversidade é ter consciência de que o outro não pode ser reduzido à lógica do mesmo (...). É compreender a necessidade de preservar o outro nas suas diferenças e na sua dignidade como pessoa. É

liderar o ouvido na escuta do outro, no comum e no diferente” (PEREIRA, 2004, p. 28).

Comportamentos voltados para o etnocentrismo reforça atitudes negativas para a aceitação de culturas de povos diferentes. Não existem culturas superiores ou inferiores, mas sim culturas diferentes.

1.1.3 A educação nas sociedades multiculturais

O movimento multiculturalista tem sua origem no final do século XIX nos Estados Unidos resultado da ação do movimento negro para romper com a discriminação racial no país e lutar acima de tudo pelos seus direitos civis.

Para Silva e Brandim (2008, p. 56) “Os precursores do multiculturalismo foram professores, doutores afro-americanos, docentes universitários na área dos estudos sociais que trouxeram por meio de suas obras, questões sociais, políticas e culturais de interesse para os afro-descendentes”. Sendo estes precursores o alicerce para que no século XX através de intelectuais novos o foco também fosse à educação.

E o pós-modernismo vem defender a importância da pluralidade cultural curricular isso ajuda a intensificar estudos multiculturais nos anos 80 e 90. Nos dias atuais o tema sofreu influências da globalização, através dos intercâmbios culturais chegando a se falar numa hegemonia cultural o que tem motivado alguns problemas sociais.

A educação é o alicerce fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade, pois é através dela que o indivíduo adquire conhecimentos capazes de transformá-lo num cidadão ativo e participativo nas ações do cotidiano, fazendo com que interaja com o mundo que o rodeia. Para que essa percepção aconteça, a educação precisa ganhar força e autonomia. Sendo assim, são necessárias mudanças que devem ser pensadas por organismos cujos objetivos sejam o crescimento econômico, educacional e social.

Um dos pontos relevantes para a melhoria na educação é compreender a importância da construção de saberes que preparem o aluno para conviver com a diversidade cultural, respeitando sua individualidade e a do outro. Segundo Moreira (1999), no mundo todo o multiculturalismo é motivo de preocupação dos vários teóricos da literatura pedagógica. Segundo Santomé (2008), fazer abordagem sobre educação multicultural nos remete à reflexão sobre instâncias além do ambiente físico da escola.

A escola é o espaço propício para que sejam desenvolvidas ações para que o indivíduo tenha conhecimentos relevantes com o intuito de adquirir valores que o levem a perceber-se como ser integrante de uma sociedade multicultural, e assim interpretar o mundo em sua volta.

Ainda trazendo Moreira (1999), se faz necessário compreender que os conflitos vivenciados atualmente pela humanidade, são na sua maioria culturais. É possível perceber isso nos confrontos e divergências devido à presença de grupos sociais que sofrem o domínio, pois suas produções culturais, étnicas, crenças e condutas são diferentes das dos grupos que dominam.

Geralmente os conflitos entre os diferentes grupos culturais ocorrem pela razão de terem interesses diferentes e a busca de alguns grupos tentarem imprimir seus ideais aos demais, E neste momento a cultura passa a ter um outro sentido é visto como uma forma de diferenças, de relações de poder e de desigualdades.

Segundo Santomé (2008), ao se referir ao multiculturalismo afirma que a educação multicultural é o resultado de movimentos sociais que buscam a igualdade de direitos para todos que convivem dentro do mesmo território, isso independe da sua origem, raça, etnia.

Toffler (1970) alerta sobre necessidade de diversificação do currículo, sendo necessário ter o cuidado para que essa diversidade não forme uma sociedade sem estruturas, sem referências, o que seria um novo problema, principalmente no que tange à comunicação. Ele lembra que as escolas não podem manter um currículo fechado, homogêneo, pois os espaços externos delas vivem de forma totalmente diversificada.

Silva e Brandim (2008)

O multiculturalismo crítico levanta a bandeira da pluralidade de identidades culturais, a heterogeneidade como marca de cada grupo e opõe-se à padronização e uniformização definidas pelos grupos dominantes. Celebrar o direito à diferença nas relações sociais como forma de assegurar a convivência pacífica e tolerante entre os indivíduos caracteriza o compromisso com a democracia e a justiça social, em meios às relações de poder em que tais diferenças são construídas. Conceber, enfim, o multiculturalismo numa perspectiva crítica e de resistência pode contribuir para desencadear e fortalecer ações articuladas a uma prática social cotidiana em defesa da diversidade cultural, da vida humana, acima de qualquer forma discriminatória, preconceituosa e excludente (SILVA; BRANDIM, 2008, p. 64).

O multiculturalismo, de acordo com Andrade (2009, p. 26) “seria também a expressão de uma luta, contra as ‘margens que comprimem’, centrada em duas frentes distintas e interligada: redistribuição e reconhecimento”.

O desenvolvimento do Estado Moderno foi fundamentado nos denominados direitos humanos de tradição liberal “cujas principais características seriam a) monoculturalismo, b) isonomia, c) homogeneidade, c) universalismo, d) estado-nação” (PACHECO, 2005, p. 30).

Dietz e Cortés (2011), ao discutirem sobre as questões educacionais em sociedades multiculturais, trazem alguns enfoques que surgiram através de atores sociais e instituições que contribuem para a prática educativa, buscando respostas dos problemas da diversidade cultural nas questões educativas; assim destacam-se: a) Educar para assimilar ou compensar, b) Educar para diferenciar ou biculturalizar, c) Educar para tolerar ou prevenir o racismo, d) Educar para transformar, e) Educar para interatuar um princípio crítico, f) Educar para capacitar/fortalecer g) Educar para descolonizar.

Ao se refletir sobre o modelo educativo proposto por Dietz e Cortés (2011), é perceptível que a ideia de uma educação multicultural não é o bastante para sanar as reais necessidades de classes desfavorecidas. Sendo urgente a implementação de uma educação igualitária de acesso a todos.

Para Silva (2013)

Em geral o chamado “multiculturalismo” apóia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e o respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas, a ideia de diversidade. Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. (SILVA, 2013, p.73).

Atualmente a sociedade vive numa constante mudança em termos sociais, culturais, históricos e econômicos. Mostrando a necessidade do professor, estão integrados aos conhecimentos ligados a diversidades para que se possam desenvolver atividades que abordem a diversidade, mostrando que o diferente pode ser tratado igual.

O multiculturalismo está interligado a outros fenômenos da contemporaneidade, sendo estes o pós-modernismo e o relativismo cultural. Durante o pós-modernismo as diversas culturas possuem os mesmos direito de existência, tendo ou não algo em comum

entre elas. Neste ponto, surge o multiculturalismo trazendo um currículo contra toda e qualquer discriminação dentro do ambiente escolar.

De acordo com McLaren (2000),

[...] O multiculturalismo revolucionário reconhece que as estruturas objetivas nas quais vivemos, as relações materiais condicionadas à produção nas quais estamos situados e as condições determinadas que nos produzem estão todas refletidas em nossas experiências cotidianas. Em outras palavras, as experiências de vida constituem mais do que valores, crenças e compreensões subjetivas; elas são sempre mediadas através de configurações ideológicas do discurso, economias políticas de poder e privilégio e divisão social do trabalho. (MCLAREN, 2000, p. 284).

Diante do exposto, a ideia do multiculturalismo na visão do autor objetiva desenvolver uma prática de independência superando os pacotes prontos resistindo a cultura dominante desmistificando toda e qualquer proposta de subordinação.

2. INOVAÇÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

2.1 INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: UMA REFLEXÃO

Fino (2008) sinaliza que:

[...] É certo que há fatores que encorajam, fundamentam ou suportam mudanças, mas a inovação, ainda que se possa apoiar nesses fatores, não é neles que reside, ainda que possa ser encontrada na maneira como são utilizados. Se quisermos colocar a questão em termos de ruptura, no sentido de Khun (1962) atribui à ruptura paradigmática, a inovação pedagógica pressupõe um salto, uma descontinuidade [...]. E consiste na criação de contextos de aprendizagem, incomuns relativamente aos que são habituais, nas escolas, como alternativa à insistência nos contextos de ensino (FINO, 2008, p. 1).

Toffler (1970, p. 158), advoga que “a revolução implica inovações. Ela despeja um dilúvio de novidades nas vidas de incontáveis indivíduos, confrontando-os com instituições desconhecidas e situações inéditas”. Faz-se necessário repensar sempre como utilizar a tecnologia em resoluções inovadoras para as problemáticas educacionais que estão à todo momento desafiando a escola.

Vivemos hoje uma necessidade de rever significativamente as práticas pedagógicas e ter um olhar diferenciado para o aproveitamento das tecnologias em sala, no como podemos nos apropriar delas para ampliar o que está sendo estudado. Fazer com que haja uma inovação no âmbito educacional e que seja significativo para o crescimento intelectual do aluno. Ou seja, a necessidade de buscar novos caminhos se atribuindo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como apoio (FINO; SOUSA, 2003).

De fato, nos últimos tempos muito se tem discutido sobre a Inovação pedagógica no âmbito educacional estando envolvidos os educadores, especialistas, pesquisadores e autoridades educacionais. E com o avanço tecnológico há por parte de alguns a tendência de atrelar e limitar a inovação pedagógica ao uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula.

Para Fino (2009), a introdução das novas tecnologias no âmbito educacional apenas, não havia significado de inovação pedagógica. Para que haja a inovação pedagógica se faz necessário que a prática seja norteadada na abordagem construcionista.

Toffler (1974) afirma que:

Um grande desafio da ciência contemporânea é criar e transmitir o conhecimento necessário a que se compreenda e faça a frente a um futuro que continua em grande parte desconhecido. Para uma resposta adequada, talvez seja necessário nada menos que uma revolução na ciência social-revolução nas teorias e perspectivas dominantes, na metodologia, no conteúdo do que se ensina, e nas próprias técnicas de ensino TOFFLER (1974, p. 104).

É perceptível que para uma prática inovadora se faz necessário a quebra de paradigmas, sendo desafiador e de extrema importância que o educador reflita sobre suas ações para que possa despir-se do papel tradicional do professor que apenas é o transmissor para ser o educador que possibilita que o educando seja participante na ação educativa.

Portanto, a inovação proporciona a resolução para situações diversas que enfrenta a sociedade atualmente. E neste contexto de mudança a escola vem sendo forçada a acompanhar as novas exigências sociais. “A ênfase deverá estar na aprendizagem e não no ensino, na construção do conhecimento e não na instrução” (MORAES, 1997, p.139). Desta forma, a inovação vem como uma mudança das práticas tradicionais e assim permitindo o surgimento de novas práticas.

Para Toffler (1970),

O indivíduo de amanhã terá de lidar com mudanças ainda mais febris do que as que enfrentamos hoje. Para a educação, a lição é clara: seu principal objetivo deve ser aumentar a capacidade de luta do indivíduo (TOFFLER 1970, p. 324).

Segundo Sousa (2004),

Neste contexto os Cenários surgem como instrumentos para aprender sobre os pressupostos usados pelos decisores políticos. “Os cenários são umas ferramentas para nos ajudar a ter uma visão geral num mundo de grande incerteza” (SOUSA, 2004. p. 3).

Essa mudança que surge exigindo uma nova maneira de olhar o mundo impõe mudanças na sociedade presente que dará resultados na sociedade futura. “O uso dos cenários está relacionado com visões sobre o impulso das mudanças na sociedade” (SOUSA, 2004, p.3). Estes cenários serão recursos nos quais as pessoas se terão como base para uma visão geral de mundo.

Conforme Fino (2006),

Inovar [...] não se trata de procurar soluções paliativas para uma instituição (ou para o sistema educacional) a beira do declínio. Trata-se de olhar para além dela, imaginando outra, deixando de se ter os pés tolhidos pelas forças que conduzem inexoravelmente em direcção ao passado (FINO, 2006 p.14).

E ainda trazendo a concepção de Fino (2008) no que se refere à inovação pedagógica ele defende que a inovação é mudança nas concepções da prática pedagógica, na qual se aprendem conceitos novos, sendo necessário aceitar o novo e estar receptível para aprender com elas, criando novas formas de avaliar, buscando envolver a comunidade na escola, é perceber a criança e o jovem como globais, percebendo que é preciso investir neles, no desenvolvimento das suas capacidades no âmbito da oralidade, cooperação, respeito ao outro.

2.1.1 Inovação da prática pedagógica: uma oportunidade de se obter melhor resultado na aprendizagem

A educação é o alicerce fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade, pois é através dela que o indivíduo adquire conhecimentos capazes de transformá-lo num cidadão ativo e participativo nas ações do cotidiano, interagindo no mundo que a rodeia. Para Roldão (2007), a "ação de ensinar" é o que caracteriza e diferencia o professor de outros profissionais presentes na sociedade. Assim, é necessário um grupo de profissionais estruturado nessa função em torno das características da sociedade moderna.

Existindo controvérsias entre o "professar um saber" e fazer os outros se apropriarem de um saber, produzir essa mediação não é um dom, embora alguns o tenham; não uma técnica, embora requeira uma excelente operacionalização técnico-estratégica; não é uma vocação, embora alguns a possam sentir. É ser um profissional de ensino legitimado por um conhecimento específico exigente e complexo. O ato de ensinar era praticado muito antes de sobre ele se produzir conhecimento (ROLDÃO, 2007, p.102).

Inclusive é importante mediar o "saber ensinar" e o "saber levar o conhecimento", pois esta mediação permitirá o aluno apropriar-se do saber. Entretanto, para que isso aconteça, é necessária à existência de profissionais da educação que seja legitimado de

conhecimentos específicos e gerais. Para que possa ser colocada em prática uma pedagogia Nova o conhecimento é construído ao longo do processo da aprendizagem.

Fontoura e Nunes (2004) acrescentam que:

Para esta denominada Pedagogia Nova, o Conhecimento é algo que se constrói durante a aprendizagem, e que está em constante mudança, refletindo as transformações da sociedade, ao mesmo tempo contribuindo para estas transformações. O importante não é o que se aprende, mas como se aprende. Assim, a ênfase desloca-se dos conteúdos para os métodos de aprendizagem. Enquanto a Pedagogia Tradicional articula o ensino com o Conhecimento considerado como produto, a Escola Nova entende que o Conhecimento se identifica com seu processo de desenvolvimento e, portanto, "ensino é pesquisa" (FONTOURA; NUNES, 2004, p. 06).

Seguindo essa linha de raciocínio, o pensamento da escola tradicional dá espaço para outro pensamento pedagógico no qual se está voltado para a construção da identidade social, deixando de ter a visão de que a escola prepara o aluno apenas para o conhecimento profissional. Ele vai além, torna-se construtor do próprio conhecimento.

Na concepção de Parra (2008):

O desenvolvimento de novas ideias pedagógicas, particularmente as vinculadas à escola ativa, começou a colocar em evidência, ao menos no discurso educativo, determinadas práticas qualificadas de rotineiras e passivas. A memória se desvaloriza ao enfrentar o problema que começou a ser crucial: a compreensão. Estes dois aspectos aparecem como antagônicos (PARRA, 2008, p. 190).

Papert (1994) traz grande contribuição quando diz que:

[...] na era da nova aprendizagem, era onde o importante é reaprender, aprender novas formas de pensar, novas habilidades, novos conceitos, novas maneiras de lidar com o inesperado, novas formas de trabalho; era onde a força competitiva de uma nação é diretamente proporcional a sua capacidade de aprendizagem – combinação das capacidades de aprendizagem dos indivíduos, das instituições da sociedade (PAPERT, 1994, p. 146)

Em decorrência do surgimento das novas tecnologias, as transformações culturais da sociedade, a velocidade com que se chegam as informações e o uso das multimídias forma um conjunto de fatores que promovem modificações básicas de tempo e espaço que levam ao repensar da realidade de uma sociedade. Neste movimento de mudança espera-se do

professor práticas reflexivas que promovam o diálogo, que promovam a interação entre o indivíduo e o contexto. Desta forma, a escola pautará o ensino para além da sociedade do conhecimento, onde o professor rompe paradigmas utilizando recursos técnicos e pedagógicos, permitindo que o aluno tenha uma aprendizagem significativa.

Para Hargreaves (2004),

[...] ensinar além da sociedade conhecimento significa, portanto, servi-lhe de contraponto corajoso, com vistas a estimular os valores da comunidade, democracia, humanitarismo e identidade cosmopolita, sem estes, há pouco esperança de segurança sustentada para qualquer um de nós (HARGREAVES, 2004, p. 76-77).

Entretanto, para essa mudança é necessário que o educador seja capaz de refletir sobre seu papel e reorientar sua prática de forma a acompanhar as novas exigências da sociedade atual. O perfil deste educador compreende toda a complexidade da nova sociedade e assume a responsabilidade de ser um pesquisador comprometido na construção do seu conhecimento e do conhecimento do seu aluno.

Por conseguinte, é necessário que busque a inovação, ofereça ao aluno um espaço de aprendizagem no qual se oportuniza o conhecimento capaz de favorecer para ele a percepção de que também é responsável pelo seu processo de aprendizagem. E neste contexto o educador é parte importante neste processo, pois sua atuação tem uma relação estreita com os resultados obtidos pelos alunos. Convém ressaltar que não podemos atribuir ao educador toda a responsabilidade em relação aos resultados da educação, sendo estes positivos ou negativos, pois não cabe só ao educador a responsabilidade de buscar a melhor qualidade no ensino.

Para Freire (1996), nessa perspectiva inovadora os espaços de aprendizagens devem ser muito bem aproveitados, adotando e adaptando práticas pedagógicas de modo a considerar a criticidade e seriedade como aspecto de muita relevância. Assim, faz-se necessário um diálogo constante, não apenas entre o aluno e o professor, mas com todos envolvidos com o espaço escolar.

Em vista disso, será possível, então, criar mecanismos que estabeleçam uma prática pedagógica dinâmica e garantir uma educação voltada para a transversalidade com abordagens que possibilitem um aprender significativo. Para Freire (1996), o cabedal inovador produzido na escola terá função especial de promover, para todos, bem-estar, mudanças de comportamento, percepção crítica, aperfeiçoamento de valores e de

conhecimentos metodológicos, entre outros. Desta forma o resultado será extremamente positivo nos educandos e em consequência no seu contexto social.

De modo que tanto o indivíduo quanto o meio no qual vive passam por constantes transformações, o que fomenta a necessidade de se adquirir novos saberes. Cabe à escola preparar esse indivíduo para produzir e transformar conhecimentos, o que irá prepará-lo para adaptar-se às mudanças exigidas pela sociedade atual. Na visão construcionista as estratégias pedagógicas apresentam diversas ferramentas que colaboram com a aprendizagem. As TICs levam o educando a desenvolver suas próprias estratégias dialógicas para seu conhecimento, um conhecimento que fomenta a mudança no próprio meio social.

Paulo Freire (1996) afirma que:

Mulheres e homens somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós, é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE, 1996, p. 69).

Com isso, adotando uma proposta pedagógica construcionista e inovadora será obtido um processo de aprendizagem progressivo baseado na reflexão sobre seu papel e sua atuação enquanto indivíduo transformador, com a capacidade de constante construção e reconstrução. Isso o leva a perceber-se capaz de atuar de forma positiva, superando os novos paradigmas que estão na sociedade atual.

Alba (2006) aponta que:

Entender a educação como um direito de todos, significa necessariamente contar com todos e cada um dos componentes da sociedade, com suas formas variadas de ser, aprender, mover-se ou de socializar-se. As tecnologias podem contribuir para tornar efetivo o direito de participar nos contextos sociais e culturais, escolares e profissionais, especialmente quando é utilizada para dar resposta a diversidade (ALBA, 2006, p. 131).

Decerto, a inovação da prática pedagógica é uma oportunidade de se obter melhor resultado na aprendizagem, pois que o aluno participe de forma ativa do seu próprio processo de aprender. Estando envolvido neste processo aluno, professor, família e toda a comunidade escolar.

Moraes nos diz que:

É um movimento rumo ao desenvolvimento da compreensão, da autoridade interior, da integração da humanidade, da responsabilidade social e planetária, que traduz também o reconhecimento do próprio espírito humano. Um movimento que implica o desenvolvimento da inteligência, do pensamento de qualidade superior, que envolve a criatividade e racionalidade em direção à evolução da consciência individual e coletiva, em busca de justiça, paz e harmonia (MORAES, 2006, p.210).

Em suma, as escolas precisam acompanhar os novos cenários que surgem o homem é um ser em constantes mudanças e que vivem sempre num processo de construção. Pois os fatos históricos, culturais, sociais e econômicos interferem na vida do homem. Cabendo a escola oportunizar a seus alunos essa leitura de mundo para que estes não venham a ter uma visão estática e alienada do seu papel enquanto sociedade.

2.1.2 Aspectos relevantes numa prática pedagógica inovadora

Para Hernandez (2000), a inovação engloba vários fatores:

[...] Nas escolas, sob a denominação de inovação, se incluem não só mudanças curriculares, mas também a introdução de novos processos de ensino e aprendizagem, de produtos, materiais, idéias e inclusive, pessoas (HERNANDEZ *et. al.*, 2000, p. 2).

O ambiente escolar precisa que a inovação pedagógica esteja inserida em seu contexto. Assim é possível que os alunos aprendam a desenvolver a autonomia, sejam construtores de seus conhecimentos, sendo de grande relevância que os professores oportunizem situações nas quais os alunos possam ressignificar seus conhecimentos.

Vasconcellos (2009) define, inovação como a,

[...] capacidade de mudar um cenário, de revolucionar, por mais simples que seja a idéia inovadora, se ela for capaz de revolucionar trará um ganho imenso para aquele que executou a inovação e permitirá a este ter uma melhor posição no espaço em que ele convive (VASCONCELLOS, 2009).

Segundo Fino (2006),

A primeira etapa de qualquer processo de inovação terá de coincidir com uma tomada de consciência dos constrangimentos existentes contra ela. E acredito, também, que o invariante cultural, que procurei revelar, deve ser o primeiro constrangimento a ser desmontado. Em cada um de nós, em primeiro lugar. E só depois o professor inovador estará apto a imaginar uma instituição (ou nenhuma instituição) educativa diferente. (FINO, 2006, p.14).

Ainda nos dias atuais muitas escolas estão presas ao ensino totalmente tradicional, na qual se valoriza a transmissão de uma grande quantidade de informações que geralmente tem como base o livro didático. Apesar de cumprirem uma grande quantidade de tarefas as crianças apresentam grande dificuldade de compreender frases e textos dentro do seu processo cognitivo, tendo muita dificuldade de aprender a ler e calcular, pois o material utilizado para seu estudo não lhe apresenta significado.

Cardoso (1992) nos diz que:

[...] inovação não é uma simples renovação, pois implica uma ruptura com a situação vigente, mesmo que seja temporária e parcial. Inovar faz supor trazer à realidade educativa algo efetivamente —novol, ao invés de renovar que implica fazer aparecer algo sob um aspecto novo, não modificando o essencial (CARDOSO, 1992, p.1).

Em decorrência do surgimento de novas exigências da atualidade, a educação necessita incorporar no seu contexto a inovação pedagógica como base para romper com modelos tradicionais. A presença da inovação pedagógica na sala de aula promove a aquisição de novos saberes, não de forma mecânica, mas tendo em vista o diálogo, a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de competências, habilidades e valores.

De acordo com Ferreira (2004, p. 66) “Inovação é a criação de novo conhecimento, baseada em informação ou conhecimento preexistente”. É urgente repensar no processo de aprendizagem do aluno, principalmente no que se refere à prática pedagógica, que deve favorecer o conhecimento através de ações significativas. Mesmo nos dias atuais ainda temos aulas que apresentam semelhanças com as aulas tradicionais tendo sua metodologia baseada na exposição, exercitação e comprovação de aprendizagem por meio de atividades que valorizam a repetição e memorização em detrimento da compreensão do aluno.

Abordando Freire (1983)

O educador faz “depósitos” de conteúdos que devem ser arquivados pelos educandos. Desta maneira a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. O educador será tanto melhor educador quanto mais conseguir “depositar”

nos educandos. Os educandos, por sua vez, serão tanto melhores educados, quanto mais conseguirem arquivar os depósitos feitos (FREIRE, 1983, p. 66).

Não podemos perder de vista que aprender significa levar ao aluno a relacionar experiências anteriores a experiências pessoais do aprendiz, provocando mudança de comportamento e de forma a usar o que foi aprendido em diferentes situações do seu cotidiano. Assim, a aprendizagem significativa deixará de ser apenas um discurso e será algo concreto, estando integrada a aprendizagem.

Para Fino (2003),

é complexo definir inovação pedagógica sob a ótica conformada de uma educação tradicional, uma vez que —[...] a inovação pedagógica tem que ver, fundamentalmente, com mudanças nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico face às práticas pedagógicas tradicionais (FINO, 2003, p.3).

Assim, quando o professor agrega novos conhecimentos à sua prática, promove uma comunicação reflexiva com seu aluno na qual o conhecimento é construído pelo aluno e o papel do professor torna-se de um mediador, desvincilhando-se da concepção tradicionalista de que o professor é o detentor do saber, verticalizando o conhecimento. Com a mudança na prática do professor, ele e seu aluno passam a ter uma identidade próxima e isso é possível: “[...] uma pessoa que abre-se em uma interação dinâmica e ativa, por vezes conflituosa e batalhadora, na construção da sua personalidade” (SOUSA, 2000, p. 13). O resultado lhe traz novas percepções, um novo olhar para suas ações.

[...] às diferentes perspectivas sobre o ensino e a aprendizagem é que, em si mesmas, não representam um novo paradigma ou modelo pedagógico. Assim, professores e especialistas em educação tendem a adaptá-las às suas próprias crenças sobre como acontece a aprendizagem. O desafio é que os profissionais de educação mudem de imediato sua forma de conceber e pôr em prática o ensino ao descobrir uma nova ferramenta (SANCHO, 2006, p. 21-22).

Por vezes a inovação pedagógica é confundida com a inserção da tecnologia em sala de aula, mas uma prática inovadora vai muito além. Na verdade é realmente um desafio no qual o professor deve estar preparado para enfrentar a quebra de paradigmas que estão incutidos em sua prática em muitos casos, desde a sua formação docente.

[...] propostas dinâmicas de aprendizagem, em que se possam exercer e desenvolver concepções sociohistóricas da educação - nos aspectos cognitivo, ético, político, científico, cultural, lúdico e estético - em toda a sua plenitude e, assim, garantir a formação de pessoas para o exercício da cidadania e do trabalho com liberdade e criatividade (KENSKI, 2012, p.67).

É importante a análise de como são desenvolvidas as aulas, independente dos níveis de ensino. Sempre é de grande relevância o refletir, reorganizar, usar estratégias buscando o desenvolvimento do pensar e isso ocorre quando há uma participação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

O professor inovador necessita fazer uso da reflexão constantemente para que possa analisar a sua prática. Deve também buscar motivação para desenvolver sua prática, pois assim vai dialogar e perceber que suas práticas não se limitam apenas a ações rotineiras. Segundo Moreira (1999), o professor percebe que a prática também é pensar: os professores pensam pedagogicamente.

Muitos dos momentos ricos em sala de aula não são registrados e são nestes momentos que está envolvido o pensar pedagógico enriquecido em cultura e valores muitas vezes não sistematizados. Neste contexto, o professor precisa “ter o seu espaço de autonomia que lhe permita, com uma base sólida de conhecimento e cultura alargada, tomar também decisões que incidam na esfera socioétnica e filosófica, ou seja, na esfera da cidadania política” (SOUSA, 2009, p. 104). E quando motivado, o professor certamente dialoga, explica, sistematiza o seu pensar pedagógico e conseqüentemente enriquece a sua prática.

Assim, quando abordarmos sobre a inovação pedagógica temos que perceber a amplitude do seu significado e utilização, pois a amplitude de cada termo nos indica o sentido que ele assume de acordo com os diferentes contextos em que esteja inserido, além da relação que este estabelece com o contexto social, econômico e histórico.

Para Perrenoud (2002), o professor surge como o principal responsável pela inovação por se encontrar no centro da atividade pedagógica. Moreira (1999), por sua vez, afirma que o professor descobre que a prática é também pensar, e os professores pensam pedagogicamente. A sociedade passa por mudanças e força o ensino a adaptar-se às novas exigências sociais. Nesta proposta, a educação vem passando por transformações

relevantes, marcando cada vez mais a ruptura com práticas pedagógicas tradicionalistas pautadas basicamente na transmissão de conteúdos.

Neste sentido, para Libâneo (2012, p. 133) “[...] a educação deve ser entendida como um fator de realização da cidadania, com padrões de qualidade da oferta e do produto, na luta contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social”. Além disso:

O educador não é mais apenas o docente, são os múltiplos agentes educativos conforme as instâncias em que operam (família, escola, meios de comunicação, fábricas, movimentos sociais etc.). Não é na escola, mas o adulto, os pais, o telespectador, o leitor, o trabalhador, o morador, o consumidor etc. Os conteúdos e também sofrem outras modulações conforme as variedades de situações pedagógicas (LIBÂNEO, 2010, p.56).

A mudança é necessária, mas colocá-la em prática requer muitos artifícios, inclusive sociais. Porém, é importante salientar que nem toda mudança resulta em inovação, podendo ser apenas uma releitura do que já foi feito antes. A inovação pedagógica acontece de forma sistêmica, através de projetos de desenvolvimento de aprendizagem e currículo, uma transformação macro, na qual essas ações não são restritas da sala de aula ou a uma escola, mas em todas as escolas. Os educadores devem proporcionar esses momentos de ações de mudanças no âmbito educacional para que o aluno, ao adquirir novos saberes, seja capaz de ressignificar o conhecimento que já possui e construir seus próprios saberes.

Toffler e Morin (1970) afirmam que estamos vivendo um período de muitos desafios que envolvem diferentes culturas, contexto social e político, reverberando na nossa saúde, educação, economia, etc. Para que haja a mudança é importante que se comece pela educação através de práticas pedagógicas inovadoras que contemplem as novas exigências da sociedade atual.

A inovação no processo educativo requer uma forma planejada para introduzir mudanças no fazer pedagógico. E “por mudanças deve-se entender uma alteração significativa de algo entre o primeiro e o segundo momento. Por objeto entende-se qualquer elemento que pode ser afetado pela mudança” (GARCIA, 1980, *apud* MILLER, 1980, p.56).

Já Freire (1996) afirma que:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participarmos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica,

gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve-se achar e mãos atadas com a decorrência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p. 24).

Desta forma, a prática pedagógica inovadora do educador deve oportunizar o aluno a questionar, analisar, desenvolver a criticidade, refletir, compreender, ser autônomo, de forma que seja o construtor do próprio conhecimento. Para que isso aconteça, o professor deve ter uma prática diversificada, recorrendo a metodologias interativas, tendo como base ferramentas que auxiliam no fazer pedagógico. Garcia (1980) afirma que:

[...] inovar em termos metodológicos, tem, então, o significado de estruturar métodos de ensino que levem o aluno a utilizar habilidades intelectuais, a exercitar o pensamento reflexivo na solução de problemas e tomada de decisão: criar métodos ou técnicas de ensino que favoreçam a interação dos conteúdos e a integração social dos alunos bem como estimular a participação destes em outros níveis que não apenas intelectual (GARCIA, 1980, p. 63).

O educador que tem uma prática inovadora torna-se o facilitador, mediador e o educando é o questionador, aquele que constrói seu próprio conhecimento. O profissional reflexivo não cessa de buscar o conhecimento, ou seja, sempre buscando novos saberes, de forma que possa integrá-los em sua prática pedagógica. Inovar tem um sentido relevante de valor, pois traz a ideia de inserir algo novo, corrigir, mudar algo pré-existente, dar novas condições. Para inovar é necessário antes de tudo conhecer a realidade do que se pretende mudar, as dificuldades que serão encontradas, e quais os recursos que auxiliarão na mudança.

Sousa e Fino (2007) declaram:

[...] acreditamos que a mudança na Educação, numa óptica de superação de alguns paradoxos existentes, passará por considerar o papel da escola na construção do conhecimento, bem como de valores que deverão prevalecer no acto educativo, envolvendo um processo pluridisciplinar e pluricompetencial (SOUSA; FINO, 2007, p. 362).

No atual contexto histórico social, mudar conceitos pré-existentes não é uma tarefa simples, pois é necessária uma visão sistêmica da realidade com a capacidade de trocar desarticulação por articulação, descontinuidade por continuidade, individual por coletivo.

Isso promove a desconstrução de valores e conceitos antigos por um novo olhar, na busca de novos resultados.

Nessa prática inovadora é necessário um profissional reflexivo capaz de reavaliar constantemente seu planejamento, seus objetivos, suas ações, seu método, objetivando seu aprimoramento profissional. Quando existe o respeito pelo professor e uma valorização do seu trabalho, isto facilita que este repense sua prática pedagógica proporcionando aos seus alunos um ambiente prazeroso, no qual os alunos sejam capazes de preparar-se para conviver numa sociedade mais justa. Segundo Fino (2008)

Para olhos, viciados pelas rotinas escolares tradicionais, é evidente que resulta complicado definir inovação pedagógica, e tornar a definição consensual. No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção ao muitas vezes inesperado. Aliás, se a inovação não fosse heterodoxa, não era inovação (FINO, 2008, p. 2).

Nesse sentido, não podemos definir inovação apenas como quebra de paradigmas, pois inovação também é despir-se de ações pré-estabelecidas e permitir que novas ações sejam contempladas, utilizadas, agregadas, experimentadas e integradas às ações atuais. No processo educativo o conhecimento é uma bússola que indica caminhos a serem seguidos, e conforme Kuhn (1989), a mudança de paradigma não é um processo racional. Não é um descartar de tudo o que já foi construído, mas resignificar, agregar, é um caminhar juntos para alcançar novos objetivos, formando novos alicerces.

De acordo com o filósofo e educador Paulo Freire (2001, p. 12), o homem como ser social é “[...] um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo”. Nos dias atuais, mais que outrora, se espera do educador uma postura baseada num permanente ato de reflexão sobre sua prática, estimulando resultados inovadores. É importante que o educador tenha consciência do seu papel no contexto social e histórico, e de que se educa em um movimento de via dupla com o mundo que ao seu redor.

Para Freire (2005, p. 135) “[...] só na relação dialética contraditória, prática-teoria, nós nos encontramos e, se nos perdemos, às vezes, nos reencontramos por fim”. E assim podemos dizer que o direcionamento da educação está atrelado a uma avaliação criteriosa do que já aconteceu e o que está acontecendo com o processo educacional, pois este é o

ponto de partida para se inserir o novo, para se perceber a necessidade de inovar, de ações que rompem com paradigmas que emperram o processo de aprendizagem.

Segundo Parra (2008),

O desenvolvimento de novas ideias pedagógicas, particularmente as vinculadas á escola ativa, começou a colocar em evidência, ao menos no discurso educativo, determinadas práticas qualificadas de rotineiras e passivas. A memória se desvaloriza ao enfrentar o problema que começou a ser crucial: a compreensão. Estes dois aspectos aparecem como antagônicos. (PARRA, 2008, p. 190).

Diante disso podemos dizer que com a inovação pedagógica o pensamento da escola tradicional é envolvido por um pensamento pedagógico inovador que vai além de uma formação engessada, objetivando desenvolver no aluno uma identidade social que ultrapassa o muro da escola.

E partindo deste princípio temos da escola tradicional e da nova pedagogia percepções distintas no que se refere ao aprendizado, pois a escola tradicional tem como base para o aprendizado a memorização já a escola nova baseia-se na compreensão do que está sendo ensinado. Segundo Sousa (2007, p. 26) o processo de inovação pedagógica pode ser percebido como resultante dos novos instrumentos que a atualidade possui [...]. E de acordo com Fino (2010, p. 277) “a inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais”.

Desta forma, as práticas inovadoras no ambiente escolar fomentam a necessidade de reflexões críticas, a serem realizadas observações fundamentadas um planejamento adequado, com desenvolvimento e uma avaliação processual, permitindo assim, a observação de erros, acertos, construção, desconstrução permitindo novos desafios, transformando a escola em um verdadeiro espaço de aprendizagem.

A habilidade mais determinante do padrão de vida de uma pessoa é a capacidade de aprender novas habilidades, assimilar novos conceitos, avaliar novas situações, lidar com inesperado. Isso será cada vez mais verdadeiro no futuro: a habilidade para competir torna-se a habilidade de aprender (PAPER, 2008, p. 13)

Em outras palavras a inovação pedagógica surge para colocar em prática ações que favoreçam uma formação integrada, na qual todos os conteúdos têm como base a realidade também e a necessidade do aluno. Esse aprendizado não é mais apenas para se obter uma formação que capacite o aluno para atuar numa área específica de trabalho tendo uns

conhecimentos básicos e restritos, a inovação pedagógica propõe a formação de maneira global, preparando o aluno para ser capaz de atuar e transformar a sua realidade.

3. MÚSICA: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

3.1 A MÚSICA NO CONTEXTO HISTÓRICO

Em 1822 acontece o centenário da independência do país, cenário em que ocorria diversas mudanças sociais, políticas e económicas, e junto com isso a necessidade de uma nova modelagem, onde as diversas artes tivessem mais espaço no campo brasileiro, surgindo assim a Semana da Arte Moderna. A pretensão era de quebrar os parâmetros de artes impostos na sociedade, e nele estavam presentes músicos, pintores e escritores que brilharam durante três dias esse evento de cunho político, artístico e cultural.

A partir de 1950, a música, o canto, e os trabalhos manuais foram impressos no currículo escolar. Nesta época a pedagogia era voltada para a transmissão de conteúdos que eram reproduzidos pelos alunos sem levar em conta seu contexto sociocultural, sendo uma educação com bases tradicionais.

A pedagogia libertadora até Paulo Freire, a partir de 1971, trouxe um novo olhar, despertando para a consciência crítica da sociedade. Em sequência a arte entra no currículo escolar com a nomenclatura de educação artística, porém ainda não era como disciplina. Por isso quase foi retirada do currículo por um entendimento de que tinha um papel secundário na educação.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 (Lei nº 9.334/96) insere a arte como disciplina obrigatória na educação básica, de acordo com o artigo 26, parágrafo 2º, onde enfatiza o ensino da arte como componente curricular obrigatório, tendo como objetivo o desenvolvimento cultural dos alunos. No momento atual a arte é voltada para auxiliar no desenvolvimento das linguagens de música, dança, teatro (artes cênicas) e arte plásticas. Depois da Lei Federal de nº 11.769/08, houve uma mudança e o ensino da música tornou-se obrigatório. A partir de então o profissional a ministrar as aulas de música deveria ter licenciatura plena em música.

Assim, a pedagogia musical sofreu alteração por volta do século XX. Émile Jaques Dalcroze promoveu inovadoras pedagogias musicais. Ele desenvolveu um método de educação musical baseado em movimentos, no qual a aprendizagem se dá através da música, a rítmica, que nada mais é que um sistema de educação musical cujo objetivo é a musicalização do corpo.

Émile Jaques Dalcroze, que era compositor e pedagogo musical, criou esse método num momento em que a Europa passou por transformações no seu contexto social. Neste

momento o avanço da ciência, principalmente no que se refere à psicopedagogia, foram fortes elementos para algumas mudanças na área da pedagogia no século XX (SANTOS, 2001).

Dalcroze tem como premissa a ideia de uma memória corporal, realizada por outras partes do corpo além do ouvido, numa espécie de sinestesia. Discute-se hoje essa transversalidade tátil-cinestésico-visual-auditiva. Ela é desejada por profissionais de canto e de vários outros instrumentos, e é tema de estudos sobre cognição e memória, no campo da epistemologia e dos processos comunicacionais (SANTOS, 2001, p. 33).

Desta forma, Jaques Dalcroze percebe que o movimento corporal de manifestação é perceptível aos olhos tornando-se elementos musicais experimentadas pelo pensamento e pelas emoções, resultando na consciência rítmica aperfeiçoada pela expressão. E ao se falar em emoções e expressões, os jogos infantis, as brincadeiras, as melodias estão presentes no nosso cotidiano e na vida escolar dos alunos logo a partir dos primeiros anos na escola.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) brasileiros para a disciplina artes,

“[...] As oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior.” (BRASIL, 1998, p.19).

Segundo Choksy (1974), para Kodaly as canções e jogos infantis, as melodias folclóricas constituem uma música viva e que pode ser vivenciada antes mesmo da criança frequentar a escola. Não se trata de melodias compostas para atender padrões pedagógicos, mas de canções que oportunizam a vivência natural de rima, frases, formas e que estão diretamente ligadas ao idioma materno, no qual a criança cresce e se comunica.

3.2 A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Sem dúvidas o desafio de ter uma prática pedagógica que desperte no aluno suas capacidades e habilidades realmente é grande, pois esbarra na resolução de problemas que estão presentes, principalmente, no planejamento de situações de ensino e aprendizagem. Duarte Jr. (1998, p. 51) diz que as ações humanas visam à realização dos valores, que “seu objetivo é tornar históricos (no sentido de objetivos, concretos), através de imitação e

repetição, aquilo que a comunidade toda considera ser os valores supremos.” E na sala de aula essas situações devem ser ao mesmo tempo atividades e intervenções pedagógicas adequadas às necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos.

Conforme Fino (2003),

Chegamos ao momento, portanto, em que o velho paradigma, exausto deve dar lugar a um outro, capaz de ir ao encontro de novas e indeterminadas necessidades de uma nova ordem pós-industrial emergente...as tecnologias emergentes que invadiram as nossas vidas fazem-nos perceber que há, agora, meios e possibilidades com as quais nem sonharíamos há apenas poucos anos. E eis o ponto crucial: devido ao avanço exponencial da ciência sobre o conhecimento a ameaça permanente da instabilidade. O que sabemos desatualiza-se dramaticamente depressa. As escolas já não preparam mais para a vida. Então servem para que? (FINO, 2003, p. 4, 5).

Neste sentido a prática pedagógica deve ter como base o favorecimento da construção da autonomia intelectual dos alunos, para que estes possam acompanhar a nova ordem pós-industrial que invadiu toda a sociedade. Além de considerar e atender às diversidades na sala de aula. Também oferecer a interação e a cooperação, analisar o processo de aprendizagem e o conhecimento prévio dos alunos, organizar o espaço em função das propostas do que se pretende ensinar, selecionar materiais adequados ao desenvolvimento do trabalho, assim como avaliar os resultados obtidos e redirecionar as propostas quando necessário.

Inquestionavelmente, a música permite a interação, a cooperação, porém quando não utilizada de forma assertiva na sala de aula torna-se apenas um recurso a mais. Segundo Sachs (1962, p. 1)” Os homens das civilizações avançadas tornaram-se ouvinte vorazes, mas quase que já não ouvem. Usando a música como um ópio, esqueçamo-nos de questionar sobre sentido e valor de que ouvimos.

Sendo assim, para desenvolver um trabalho pedagógico com a música é relevante que os professores estejam cada vez mais preparados para analisar a realidade e o contexto da própria atuação, e desenvolvam seu planejamento a partir da realidade à qual se destina. Devem estar atentos às possibilidades que permitam planejar intervenções com antecedência, além de identificar e caracterizar problemas, obstáculos, dificuldades, distorções e inadequações que possam surgir durante o processo. Importante também trabalhar em colaboração com os pares e refletir sobre a própria prática.

A música contribui para o desenvolvimento de um trabalho importante na sala de aula. E segundo Goés (2009):

[...] criança é um espectador do mundo dos adultos e o resultado das relações sociais que vê a sua volta. Primeiro, ela é espectadora e só posteriormente é que se transforma em ator, como por exemplo, quando imita um adulto. A imitação é um aspecto importante no envolvimento intelectual e afetivo da criança. A linguagem musical é um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de um poderoso meio de interação social (GOÉS, 2009, p. 5).

Conforme Santos (2008, p. 42), para que a aprendizagem ocorra de forma eficiente, é relevante observar que todos nós possuímos “três maneiras de processar as informações e fixá-las na memória que são: a visual (aprendizagem pela visão), a auditiva (aprendizagem pela audição) e a sinestésica (aprender interagindo/fazendo/sentindo)”. Desta forma é imprescindível uma mudança de postura de todos envolvidos no processo da educação para que haja uma aprendizagem significativa.

É certo que a prática pedagógica que tem como base a música proporciona o desenvolvimento de habilidades e define conhecimentos, pois estimula a curiosidade e a imaginação, promovendo aquisição do conhecimento com sonoridade e ludicidade. A música na sala de aula é um recurso facilitador para o desenvolvimento da inteligência e da integração do ser, harmonizando o ambiente e integrando professor/aluno e aluno/aluno. A música é uma ferramenta que facilita o processo de aprendizagem e a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio (BRASIL, 1998).

E sendo um bem cultural, a música deve estar ao alcance de todos, seus benefícios não podem ser restritos, nem devem ser privilégio de poucos. Cabe à escola oportunizar seus alunos o contato com diversos gêneros musicais e novos estilos, embasando o aluno a desenvolver a criticidade em suas escolhas pela vida. Para Moreira (2006) desenvolvimento cognitivo é um processo dinâmico em que novos e velhos significados se integram constantemente, proporcionando cada vez mais uma estrutura cognitiva organizada e sofisticada.

Como linguagem universal a música sempre esteve presente em todos os contextos culturais e sociais. Através dela os alunos se apropriam de diversas linguagens, melhorando

a socialização, o desenvolvimento cognitivo, linguístico e o psicomotor. A linguagem musical na sala de aula promove diversos desenvolvimentos: físico, mental, emocional e espiritual. Para Swanwick (1993, p.31), “Quando alguma obra de arte nos afeta, é mais que estimulação sensorial ou algum tipo de indulgência emocional. Estamos ganhando algum conhecimento e expandindo nossa experiência.”

Surpreendentemente a linguagem musical vem se destacando por ser uma área de interesse de todo ser humano. Assim, é um importante recurso para elaboração de uma prática pedagógica inovadora, pois através da música o educador alcança seus objetivos de forma lúdica e prazerosa. Desta forma a sala de aula trona-se um ambiente leve e divertido sem perder de vista a aprendizagem significativa.

É de conhecimento de todos os benefícios que a música promove para o ser humano. Mesmo assim ainda sofre restrições por parte do sistema educacional brasileiro. Ainda é vista por muitos como um dom que pertence a alguns. Williems, (*apud* PAREJO, 2012, p. 21) advoga que “o canto na criança, é mais que simples imitação e desperta nela qualidades musicais congénitas ou hereditárias: o sentido rítmico, da escala, dos acordes, até mesmo da tonalidade”, mas a maioria das escolas insere a música em seu contexto apenas como momento de diversão, e nesta perspectiva fica de lado a formação do indivíduo no que tange às realizações sociais, a percepção, a compreensão da sua própria existência e do seu papel na sociedade.

Segundo Snyders (1992),

O ensino da música, evidentemente, não pretende nenhum monopólio e mesmo o progresso em direção à emoção musical não é, afinal de contas, separável dos avanços semelhantes na literatura, nas outras artes, nem da abertura ao pensamento científico. Quero, entretanto, afirmar que o ensino da música dispõe de condições exemplares para difundir a alegria musical (SNYDERS, 1992, p. 131)

Mesmo não tendo a música seu devido reconhecimento pelo sistema educativo, como ferramenta que promove a formação e a socialização capaz de fomentar mudanças profundas no comportamento humano, algumas escolas dão um passo a frente inserindo-a em seu fazer pedagógico. Estas instituições percebem-na como uma ferramenta capaz de promover uma aprendizagem significativa.

Aprendizagem significativa para Ausubel (1963, p. 58) “é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de ideias e informações

representadas em qualquer campo de conhecimento.” E assim é importante que a escola desenvolva uma prática pedagógica que ofereça ao aluno diversos conhecimentos: tanto para que possa ressignificar seus conhecimentos prévios diante dos novos que forem adquiridos, quanto para ser construtor da sua aprendizagem.

Para Moreira (2006),

Desenvolvimento cognitivo é assim um processo dinâmico em que novos e velhos significados interagem constantemente, proporcionando uma estrutura cognitiva cada vez mais organizada e sofisticada, em uma estrutura hierárquica encabeçada por conceitos e proposições mais gerais, seguidos de conceitos menos inclusivos até alcançar dados e exemplos mais específicos (MOREIRA, 2006, p. 40).

Assim, a aprendizagem significativa requer um ambiente dinâmico no qual o aluno aprenda a criar, ressignificar, sem que seja visto como integrante passivo deste processo, o que o levaria ao desinteresse nas aprendizagens. Neste contexto é necessário que o professor seja inovador para que haja um melhor resultado no ensino. Para Willems (*apud* PAREJO, 2012, p. 103), “é muito importante que a criança viva os fatos musicais antes de tomar consciência deles.” Assim, o trabalho com a música na escola torna-se importante, pois insere o aluno num mundo de cores, alegria, no qual muitas vezes ele assume o seu lugar de aprendiz, vivenciando situações diversas através da melodia, podendo este processo contribuir para a construção da sua personalidade.

Sabemos que a música desenvolve os atos de analisar, compreender o seu contexto, expressar suas opiniões etc. Neste sentido, atividades desenvolvidas com a música buscam também desenvolver nos alunos o hábito de inserir no seu cotidiano a musicalidade para que assim percebam a importância do ato de ouvir melodias de diversos estilos e que este é o caminho para aquisição de novos conhecimentos.

Para Zambrin (2003),

[...] independente das condições em que a criança vive, brincar é natural dela. A atividade lúdica é fundamental, pois contribui para sua vida afetiva e intelectual. [...] teremos adultos equilibrados. A presença de momentos lúdicos na vida escolar da criança leva-a a grandes descobertas, à auto-suficiência, ao crescimento e ao desenvolvimento cognitivo, à construção de julgamentos ético-morais, ao aprendizado de fazer escolhas. [...] Educação Musical é uma proposta de socialização em grupo não apenas de formadora de conteúdos (ZAMBRIN, 2003 p. 9).

A música no contexto histórico “desempenhou, um importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja no aspecto religioso, moral e social, o que contribuiu para a aquisição de hábitos e valores indispensáveis ao exercício de sua cidadania” (LOUREIRO, 2011, p. 5).

Snyder (*apud* BARRETO; CHIARELLI, 2011) afirma que

A música torna o ambiente escolar mais alegre e favorável à aprendizagem por propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente. Propiciando uma atmosfera escolar mais receptiva para os alunos, dando um efeito calmante após a atividade física fazendo também que reduza atenção em momentos de avaliação, podendo utilizar músicas como recursos de aprendizado em diversas disciplinas. As atividades musicais realizadas na escola visam a vivência e compreensão da linguagem musical, propiciar a abertura de mais sensoriais, ampliando a cultura geral, facilitando a expressão de emoções e contribuindo para a formação integral do ser (SNYDER *apud* BARRETO; CHIARELLI, 2011, p.5).

A música sempre fez parte do cotidiano da humanidade, sendo utilizada em diversos momentos para diferentes objetivos de acordo com a demanda de cada situação. Pode ser para alegrar, acalmar, celebrar, ninar, dançar etc., pois é uma ferramenta poderosa da comunicação. Quando a diversão da música adentra o ambiente escolar, proporciona inúmeros ganhos para os alunos, pois auxilia na construção dos valores que formam o seu caráter, contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico, para o equilíbrio emocional e interação social. A sala de aula passa a ser um lugar no qual o aluno tem prazer em estar deixando de ser como em muitas situações, apenas um lugar no qual se cumpre as tarefas escolares por obrigação.

Para Brécia (*apud* BARRETO; CHIARELLI, 2011),

a musicalização é um processo de construção do conhecimento, que desperta e desenvolve o gosto musical, onde, favorece o desenvolvimento da sensibilidade, senso- rítmico, do respeito ao próximo, do prazer de ouvir música, a afetividade, memória, criatividade, autodisciplina, concentração, imaginação, socialização e atenção, onde também é construído uma movimentação e uma consciência. (BRÉSCIA *apud* BARRETO; CHIARELLI, 2011, p. 3),

É imprescindível a presença da música no processo do desenvolvimento do homem, pois ela proporciona o movimento, a socialização, cria o hábito de respeito mútuo, o

despertar da criatividade e de solidariedade e a compreensão de conviver com as diferenças com mais facilidade.

Para Penna (2012):

[...] musicalizar é desenvolver instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível a música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo. Pois nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado ao quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos (PENNA, 2012, p. 33).

A música está inserida no cotidiano das pessoas, tendo um papel importante como fonte da história. A presença da música independe de raça, classe social, padrões econômicos etc., o que contribui para que o aluno possa ampliar sua visão de mundo.

3.3 A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO INOVADOR

É desafiador ter uma prática pedagógica que desperte no aluno suas capacidades e habilidades. Isso porque esbarra na resolução de problemas que estão presentes, principalmente, no planejamento de situações de ensino e aprendizagem que sejam ao mesmo tempo atividades e intervenções pedagógicas adequadas às necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos. Para Libâneo (2005),

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76).

Portanto, muda-se o papel do professor, de transmissor de conhecimento para transformador de comportamento do aluno para ser um ator ativo e reflexivo de acordo com a realidade que se apresenta.

Os professores devem possuir a capacidade de autodesenvolvimento reflexivo, que sirvam de suporte ao conjunto de decisões que são chamados a tomar no dia a dia, no interior da sala de aula e no contexto da organização escolar (NÓVOA, 2002, p. 37).

Desta forma, para desenvolver um trabalho pedagógico com base nestes propósitos, é relevante que os professores estejam cada vez mais preparados para analisar a realidade e o contexto da própria atuação e desenvolver seu planejamento a partir da realidade à qual se destina. Além disso, estar atento às possibilidades que permitam planejar intervenções com antecedência, além de identificar e caracterizar problemas, obstáculos, dificuldades, distorções, inadequações que possam surgir durante o processo. É importante também trabalhar em colaboração com os pares e refletir sobre a própria prática.

A prática pedagógica que tem como base a música proporciona o desenvolvimento de habilidades, define conhecimentos, pois estimula a curiosidade, a imaginação, promovendo aquisição do conhecimento com sonoridade e ludicidade. Para Brito (2003, p. 53): “a contribuição da música no crescimento geral do educando se dá através de vivências e reflexões orientadas, onde todos têm o direito de desfrutar, mesmo não tendo aptidão musical, pois o fazer, o praticar, se encarregam pelo desenvolvimento das competências do indivíduo”.

Para Penna (2008, p. 26), “[...] faz necessário encarar a música em sua diversidade e dinamismo, pois sendo uma linguagem cultural e historicamente construída, a música é viva e está em constante movimento”. Como linguagem universal a música sempre esteve presente em todos os contextos culturais e sociais. Através dela, os alunos se apropriam de diversas linguagens melhorando a socialização, o desenvolvimento cognitivo, linguístico e o psicomotor.

Todo conhecimento, portanto, pressupõe dois elementos: o sujeito que quer conhecer e o objeto a ser conhecido, que se apresentam frente a frente, dentro de uma relação. Isso equivale a dizer que o conhecimento é *o ato*, o processo pelo qual o sujeito se coloca no mundo e, com ele, estabelece uma ligação (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 54).

Segundo Loureiro (2003, p. 35) “[...] a educação musical era vista por Platão como pré-requisito ao conhecimento filosófico”. Para Andrade (1976, p.13) “[...] os elementos formais da música, o som e o ritmo, são tão velhos quanto o homem”. E a música desenvolve os atos de analisar, compreender o seu contexto, expressar suas opiniões, etc. Neste sentido, as atividades desenvolvidas com música buscam também desenvolver nos alunos o hábito de inserir no seu cotidiano a musicalidade para que assim percebam a importância do ato de ouvir melodias de diversos estilos, e que este é o caminho para aquisição de novos conhecimentos.

Segundo Brito (2010),

O fazer musical é um modo de resistência, de reinvenção (questões caras ao humano, mas ainda pouco valorizadas no espaço escolar) que, ao mesmo tempo, fortalece o estar juntos, o pertencimento a um grupo, a uma cultura. O viver (e conviver) na escola - espaço de trocas, de vivências e construção de saberes, de ampliação da consciência - deve, obviamente, abarcar todas as dimensões que nos constituem, incluindo a dimensão estética (BRITO, 2010, p. 91).

Vygotsky (2003) nos ensina que o ambiente externo interage diretamente no desenvolvimento do processo de aprendizagem das crianças. Dessa forma, acredita-se que a interação do aprendiz com a cultura que o rodeia é algo fundamental para o seu crescimento.

A cultura está presente em todas as gerações e sua relevância é incontestável. Como linguagem universal a música tornou-se uma marca na identidade de cada comunidade e sua cultura. Segundo Oliveira (1999, p. 42), “é a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem”. A música é atemporal, uma forma de expressar a arte, tanto no campo popular quanto no erudito.

No *Dicionário de Termos e Expressões da Música* do pesquisador Henrique Autran Dourado (2008, p. 214), “música” é “a arte de exprimir ideias por meio de sons”. Já para o artista Richard Wagner (*apud* JEANDOT, 1990, p. 12) a música é “a linguagem do coração humano”. Refletindo sobre este conceito é possível perceber o quanto a música está dentro de Jeandot (1990, p. 12) a música é “a linguagem do coração humano”. Refletindo sobre este conceito é possível perceber o quanto a música está dentro de nós, não é algo estanque, é algo que vem de dentro para fora. A exemplo, temos o nosso coração que bate num som ritmado, a nossa respiração que tem uma frequência compassada. Além disso, a música tem grande influência nos sentimentos e comportamentos humanos.

A música é uma grande aliada no processo de aprendizagem, pois possibilita ao aprendiz caminhos para desenvolver habilidades, para a formação de hipóteses e para elaboração de conceitos. A musicalização proporciona ao educando a interação com situações que despertam curiosidade, além de promover a interação com o outro e com o ambiente no qual está inserido. Também, quando inserida na Educação, é um ganho incontestável, pois esta é um meio de expressão de diversos sentimentos como alegria, tristeza, amor, saudade etc.

Além disso, a música traz em si traços culturais que são passados por diversas gerações e promovem a conexão com a afetividade, o cognitivo e a cultura. Ao introduzirmos a música na proposta pedagógica, passamos a estabelecer na sala de aula vínculos afetivos, favorecendo a aquisição e desenvolvimento de múltiplas linguagens.

[...] fica claro que as parlendas e as cantigas de roda podem ter um papel fundamental e imprescindível no processo de construção de sua alfabetização, não só pela sua familiaridade com o discurso ingênuo da criança, mas também, porque permite a criança a conquista de linguagem verbal por meio da oral, tão forte vivenciada (SOARES; RUBIO, 2012, p. 11).

A prática pedagógica com base na música contribui no processo de formação do sujeito de forma integral dentro e fora do ambiente escolar. A melodia desperta a atenção e o interesse do aprendiz através da letra, do ritmo, da escuta do som, fazendo com que desperte o gosto pelo aprender, aflorando a sensibilidade para os processos de aprendizagem interdisciplinares.

Inegavelmente a música está inserida no contexto do indivíduo desde sempre: nas canções de ninar, nas cantigas de rodas, nas brincadeiras infantis e em vários momentos da vida adulta. A linguagem musical é um eficaz meio para desenvolver a expressão, o equilíbrio, a autoestima, a autoconfiança e o autoconhecimento, sendo também um relevante meio de inserção social. Bellochio e Figueiredo (2009) ainda afirmam que,

[...] a música na escola pode adquirir um papel relevante se tratada como uma área de conhecimento que requer estudo, diversidade, prática e reflexão, de forma que esteja inserida nos planejamentos e no cotidiano escolar de maneira significativa, compondo com as demais áreas um conjunto de saberes fundamentais para o desenvolvimento sociocognitivo e humano dos alunos (BELLOCHIO; FIGUEIREDO, 2009, p. 37).

Para Theodor Adorno (2008),

A música assemelha-se à linguagem. Expressão como idioma musical e entonação musical não são nenhuma metáfora... a música é análoga ao discurso não apenas como conexão organizada de sons, mas também porque ha uma semelhança com a linguagem no modo de sua estrutura concreta... música assemelha-se com a linguagem na qualidade de sequência temporal de sons articulados (ADORNO, 2008, p. 167).

Por certo que ao trabalhar com a música, o professor está oportunizando ao aluno o contato com expressões culturais e novas realidades, de forma que este compreende a importância de valorizar sua própria cultura e a do outro. Valoriza a sua identidade e reconhece-se como ser integrado a uma sociedade de uma cultura plural.

3.4 A UTILIZAÇÃO DAS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.4.1 As músicas de Luiz Gonzaga na sala de aula.

A música, ao ser inserida no ambiente escolar, trouxe mudanças no contexto pedagógico, como cita Santos (2007) que:

Foi num ambiente de profundas transformações ocorridas no século XX que alguns pedagogos (John Dewey, Jean Piaget e Jerome Bruner) surgem com novas ideias, mudando radicalmente os fundamentos do pensamento pedagógico e educativo, deixando por terra concepções e práticas enraizadas (SANTOS, 2007, p. 217).

E pensando na educação como um processo de cunho transformador no qual se objetiva o desenvolvimento de competências e habilidades, cabe à escola oportunizar aos alunos propostas pedagógicas integradas às novas exigências da nossa atualidade. Assim, o aluno não será um mero depósito de informações, será um agente que irá refletir, interagir, produzir e construir o próprio conhecimento.

[...] a música do Nordeste estava tomando nova orientação. Já não eram exatamente o baião, o xote, o xaxado, a toada que interessavam o público urbano, mas o “forró”. Nessa acepção, incorporava-se a grande novidade da música nordestina dos anos 80 – da qual no entanto, Gonzaga fora o precursor desde 1949 (DREYFUS, 1996, p. 274).

Desta forma, as músicas do chamado “Rei do Baião”, ou Luiz Gonzaga como é conhecido, podem levar o aluno a refletir, agregando novos conhecimentos sobre si, o lugar onde vive e o outro. Como exemplo temos o trecho da música “Asa Branca”:

Até mesmo a asa branca/ Bateu asas do sertão/ Então eu disse adeus Rosinha/ Guardarei contigo meu coração. (Trecho de Asa Branca – Luiz Gonzaga)

Os versos da música “Asa Branca” trazem elementos da natureza. Marcam o sofrimento do povo que precisa deixar sua terra em busca de novos horizontes e de uma vida melhor, tendo que na maioria das vezes deixar sua família, sua gente. Fala da falta de chuva na Região Nordeste.

Por meio de algumas canções de Gonzaga e seus parceiros foi possível constatar os elementos culturais de matrizes africanas de maneira que o sanfoneiro cantador passou a ser tradutor afrodiaspórico na cultura brasileira (MORAES, 2013, p. 46).

“Asa Branca” é uma espécie de pombo. Este pássaro tem como característica em suas asas uma faixa branca, porém cientificamente esta ave recebe o nome de *Patagioenas picazuro*, palavra que tem origem grega, cuja tradução é “pombo que faz barulho” devido ao som do ruflar de suas asas quando voa. Já o nome “picazuro” tem origem guarani, língua de alguns povos indígenas da América do Sul falada pela população do Paraguai até os dias de hoje. Os versos da música falam sobre o comportamento desta ave no período de seca, que voa para outras regiões assim como a população daquela localidade.

A utilização das músicas de Luiz Gonzaga na sala de aula permitirá que o professor trabalhe a identidade do aluno, levando-o a refletir, analisar e questionar de forma crítica as questões sociais. Também é possível perceber que utilização das músicas cantadas por Luiz Gonzaga na prática pedagógica leva o aluno a conhecer sua própria região, agregando a este um conhecimento cultural e social.

Swanwick (2003) afirma que

[...] o discurso musical, embora inclua elementos de reflexão cultural, também torna possível a refração cultural, ver e sentir de outras maneiras. Não “recebemos” cultura meramente. Somos intérpretes culturais. O ensino de música, então, torna-se não uma questão simplesmente de transmitir cultura, mas algo como um comprometimento com as tradições em um caminho vivo e criativo, em uma rede de conversações que possui muitos sotaques diferentes (SWANWICK, 2003, p.46).

Ao ser levado para a sala de aula um gênero musical, o professor está levando para sua aula um modelo de sociedade, pois a música reflete o contexto histórico, social e econômico de um povo. O gênero sertanejo, por exemplo, traz a história de uma sociedade

rural, do interior do Brasil. Quando a música ultrapassa seu limite territorial ela adquire novas características sociais e culturais, em decorrência das transformações naturais da sociedade.

Conforme Tonini (2013),

As conexões entre grupos específicos e seus estilos de vida e posições sociais estão marcadas na expressão musical que produzem. Isso não significa, necessariamente, que a música é o reflexo da sociedade; ela também produz a sociedade, pois ela, como os demais objetos. Está em movimento, sofre transformações e se reestrutura de forma diferenciada. Por exemplo, a música é modificada e modifica a medida em que é incorporada ao circuito comercial. Transformada em produto, adquire novas características que lhe imprimem movimentos que, por sua vez, resultam em transformação da sociedade (TONINI, 2013, p.04).

Conforme Martins (1985, p. 47) “Educar musicalmente é propiciar à criança uma compreensão progressiva de linguagem musical. Através de experimentos e convivência orientada”. O uso da música em sala de aula abrange pequenas canções, com o intuito de desenvolver a atenção dos alunos, a um conteúdo musical mais denso, que englobem a vida em sociedade e o cotidiano do aluno. Vale ressaltar que as canções de Gonzaga são enriquecidas de elementos culturais. Assim como advoga Vieira (2000),

A narrativa de Luiz Gonzaga, no seu conjunto, passa por muitos caminhos, através dos quais, como se viu antes, vai descrevendo costumes, reativando crenças e valores, tipificando personagens, enfim, vai interpretando prática e princípios constitutivos de um universo cultural onde o verossímil e o “idealizado” se misturam. Tem-se nesse sentido, um “sertão da partida”, que cruza aqui e ali por vezes numa mesma canção, com um sertão de saudade (VIEIRA, 2000, p.14).

Neste sentido, as músicas de Luiz Gonzaga preenchem um espaço dentro do ambiente escolar, no qual se valoriza a cultura fomentando uma ação multiculturalista promovendo a inter-relação entre diferentes grupos culturais. Desenvolvendo o respeito pelas diversas culturas de forma que os alunos possam conviver no mesmo espaço de forma integrada.

As músicas de Luiz Gonzaga trazem nas suas letras a interdisciplinaridade, pois retratam aspectos biológicos, geográficos, linguísticos, políticos, gramaticais, históricos, artísticos, sociológicos, antropológicos, tendo assim, uma rica fonte de conteúdos que irá

auxiliar na aprendizagem do aluno, “as tradições identidades e ideologias que se definem, para além das implicações estéticas mais abstratas, como um objeto sociocultural complexo e multifacetado” (DONAS, 2004, p.77).

Através das músicas do Rei do Baião o aluno tem a oportunidade de preservar sua história, sua identidade, pois as tradições serão mantidas vivas por seu ambiente de aprendizagem. Nos dias atuais é possível encontrar registros de várias pesquisas em áreas diferentes da educação que mostram trabalhos desenvolvidos na sala de aula utilizando as músicas de Luiz Gonzaga. São artigos científicos, dissertações, teses de doutorado, trabalhos científicos desenvolvidos no âmbito social, histórico e econômico.

São diversos escritos em diversas áreas: Língua Portuguesa, Geografia, História, Matemática, Música, Ciências, Sociologia, entre outros. Os temas abordados nas letras das músicas de Luiz Gonzaga permeiam a transversalidade, além de serem atemporais, o que o torna sempre atual.

3.4.1.1 Luiz Gonzaga, o Rei do Baião.

Lá no sertão de Pernambuco, num cantinho escondido chamado Fazenda Caiçara, em Exu, no dia 13 de dezembro de 1912, nascia o segundo filho mais velho de Januário José dos Santos e Ana Batista de Jesus. Com oito irmãos, Luiz Gonzaga do Nascimento, ainda não sabia, mas se tornaria o mais famoso dentre eles (DREYFUS, 1996).

Quando criança, Luiz Gonzaga já auxiliava nas atividades da fazenda, mas isto não era o que mais lhe fixava a atenção, o que ele gostava mesmo era observar o pai, que era sanfoneiro, tocar a sua sanfona. Então, toda vez que o pai estava nos afazeres da roça, Luiz aproveitava para tocar nas sanfonas e iniciar ali seus primeiros acordes, apesar de obter reprovação da mãe, que acreditava que o filho não teria um bom futuro ao sair tocando sanfona por aí, como o pai (SÁ, 2002).

Mas nada impediu que o menino de apenas oito anos acompanhasse o pai nas festas da vizinhança para vê-lo tocar, e posteriormente arriscasse alguns acordes com ele, até se tornar companhia fixa do pai, e tocar junto a ele em todas as festas que ele era convidado. Entretanto, o maior sonho de Luiz ainda não tinha se concretizado, que era comprar sua própria sanfona, e para isso, ele foi juntando um pouco do dinheiro que recebia das apresentações, mesmo assim a sanfona era muito cara para ele pagar. Então, um fazendeiro

da região, o Coronel Manuel Aires de Alencar, lhe emprestou metade da quantia, completando o dinheiro que faltava para Luiz finalmente, aos 13 anos, comprar sua primeira sanfona (DREYFUS, 1996)

Em 1929, aos 17 anos, Luiz teve sua primeira paixão, uma moça chamada Nazarena, filha do Coronel Raimundo Deolindo, que não aprovava a relação dos dois. Contudo, o casal permaneceu junto, escondido e planejando um futuro, até tudo ser descoberto por sua mãe, que lhe deu uma surra e o proibiu de vê-la novamente. Triste e revoltado com a situação, Luiz Gonzaga fugiu de casa e foi em direção a Crato, no Ceará. Lá, vendeu sua sanfona e partiu para Fortaleza, visando se alistar no exército e ter uma vida melhor (DREYFUS, 1996).

Com a Revolução de 30, Luiz viajou por inúmeros estados brasileiros, e em 1933, servindo a Minas Gerais, tentou entrar para a orquestra do quartel, mas não obteve êxito pois não sabia a escala musical. Então decidiu aprender um pouco mais, e para isso, mandou fazer uma sanfona e decidiu ter aulas com Domingo Ambrósio, um famoso sanfoneiro da região. Depois de um tempo foi transferido para Ouro Fino, sul de Minas, onde tocou pela primeira vez em um clube.

No ano de 1939, já passados nove anos sem dar notícias à família, Luiz Gonzaga deixa o exército e parte para pegar o navio rumo a Pernambuco. Lá, um dos guardas que estavam à espera do navio junto com ele o aconselha a ir para o Rio de Janeiro para ganhar dinheiro tocando na cidade, e assim ele o faz. Logo, ele já estava tocando em bares, docas, ruas e cabarés em busca de dinheiro.

Nesse período, o único repertório que o público queria ouvir eram tangos, fados, valsas, foxtrotes etc. Embalado por esse ritmo que já estava acostumado a tocar nas suas apresentações no Rio de Janeiro, Luiz fez sua primeira tentativa no rádio, se apresentando num programa de calouros dos apresentadores Silvino Nero e Ari Barroso. Contudo, sua nota não passava de três.

Em 1940, em uma de suas apresentações, um grupo de estudantes cearenses lhe aconselhou que ele voltasse ao seu ritmo de origem e tocasse algumas músicas dos sanfoneiros nordestinos. Já com essa abordagem, Luiz participou de outro programa, tocando “vira e mexe”, ganhando desta vez nota 5 e o prêmio de primeiro lugar. Logo após o sucesso obtido no programa, ele foi procurado por Januário França para gravar juntamente com Genésio Arruma uma composição, e seu talento foi tanto que ele foi

convidado pelo diretor artístico da RCA, Ernesto Morais, a gravar seu próprio disco. Então, dia 14 de março de 1941, ele gravou dois discos como sanfoneiro, contendo no primeiro “A Mazurca Véspera de São João” e “Numa Seresta”, e no segundo “Saudade de São João Del Rei” e “Vira e Mexe”.

No decorrer de cinco anos Luiz Gonzaga gravou em média 60 músicas, fez carreira no rádio e começou a batalha para gravar apenas músicas nordestinas. Apenas em 1945 ele conseguiu gravar outro disco, mas dessa vez como sanfoneiro e cantor, com a música *Dança Mariquinha*. A partir daí, Luiz Gonzaga decolou, buscou um parceiro nordestino e conheceu o cearense Humberto Teixeira, com quem fez uma parceria durante cinco anos. Lançou músicas novas e com versos simples, contando sobre a vida nordestina. Agora acompanhado além da sanfona, do triângulo e da zabumba.

Da parceria entre Luiz e Humberto saiu um dos primeiros sucessos em nível nacional da carreira de Luiz Gonzaga, intitulada de “Asa Branca”. A música retrata a dor e o sofrimento do povo do sertão nordestino perante a seca que aflige a região. A música posteriormente foi regravada por vários cantores, dentre eles Dominginhos, Sérgio Reis e Banden Pawell.

Quando Gonzaga cantou a música “Asa Branca”, mostrou o sofrimento humano universal que foge do sofrimento causado pela seca. Também estão presentes o sentimento da religiosidade, da desesperança, do desengano que marcam presença nos quatro primeiros versos, em primeira pessoa e numa linguagem popular que é influenciada pela oralidade, o que demonstra conhecimento de causa de quem a compôs.

Quando oiei a terra ardeno/ Qua fogueira de São João/ Eu perguntei a Deus do Céu, ai/ Por que tamanha judiação (Trecho de Asa Branca – Luiz Gonzaga).

Após um longo período longe de casa, Luiz Gonzaga retorna à sua terra natal, e em 1949 leva toda sua família para morar no Rio de Janeiro. No mesmo ano, Luiz faz uma viagem para Recife onde conhece o médico Zé Dantas, que sabia cantarolar todas as suas músicas, dando início a uma nova parceria, que rendeu os sucessos “Vem Morena”, “A Dança da Moda”, “Cintura Fina”, “A Volta da Asa Branca”, dentre outros.

Dentre os anos de 1948 e 1954, Luiz Gonzaga morou em São Paulo e viajou por todo país fazendo shows. O sucesso foi iminente, e ele foi convidado a se apresentar para o

Papa João Paulo II, e pela cantora Nazaré Pereira, a se apresentar em Paris. Recebeu o prêmio Nipper de ouro e dois discos de ouro pela composição “Sanfoneiro Macho”.

Enquanto ainda estava no Rio de Janeiro, Luiz Gonzaga conheceu a carioca Odaléia Guedes, que estava grávida. Luiz, completamente apaixonado pela moça, assumiu seu filho e o registrou como Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, o Gonzaguinha, que ficou órfão de mãe aos 2 anos de idade. Passados três anos, em 1948, Luiz Gonzaga apaixonou-se novamente, e se casou com a pernambucana Helena Neves Cavalcanti e juntos adotaram a menina Rosa Gonzaga.

Durante seis anos Luiz Gonzaga lutou contra um câncer de próstata, e já bastante debilitado, no dia 21 de junho de 1989, ele foi internado em Recife, no hospital Santa Joana, onde faleceu no dia 2 de agosto de 1989, vítima de uma parada cardíaca. De acordo com as palavras do escritório regional do Ministério de Cultura, diz que Luiz Gonzaga além da sanfona, a zabumba, o triângulo e as vestes de cangaceiro também foram características do seu trabalho a alegria. Por onde se apresentava, levava a alegria de suas músicas, que tanto ajudaram a difundir, pelo restante do país, os sons musicais do Nordeste e a realidade de toda a Região.

Luiz Gonzaga leva o título de maior sanfoneiro do país, e ficou conhecido como Rei do Baião por difundir perante todo o Brasil a cultura nordestina. Até os dias de hoje é muito lembrado e homenageado por vários artistas, e pelo povo brasileiro. Estourou por todo o país e vendeu milhares de discos colocando o Nordeste no cenário da Música Popular Brasileira (MPB). Além do seu sucesso musical Luiz Gonzaga ficou conhecido como um dos construtores da MPB. Ao se referir a Luiz Gonzaga, Araújo (2002) diz que "ele não foi só um instrumentista ou um compositor. Gonzaga definiu um gênero musical e sintetizou como ninguém a cultura nordestina".

A musicalidade de Luiz Gonzaga marca a evolução da MPB nos regionalismos temáticos, nas classes populares, no Tropicalismo e no samba dos morros cariocas. Com seu estilo singular, Gonzaga dialoga com o mundo levando a história do homem do sertão que sofre com a seca desta região. Utiliza da língua e dos símbolos que, ao serem modificados, sugerem variações linguísticas que valorizam o universo social nordestino.

José Mário Austregésilo (2008), pesquisador “Gonzagueano”, ressalta o papel da oralidade na elaboração das narrativas sertanejas que permeia os versos dos cantadores,

repentistas, cordelistas, emboladores e rezadeiras, como de grande relevância para o entendimento das práticas da sociedade rural nordestina.

A cultura está contida em tudo e está entretecida com tudo aquilo em que nós nos transformamos ao criarmos as nossas formas próprias – simbólicas e reflexivas – de convivermos uns com os outros, em e entre as nossas vidas. Vidas vividas, de um modo ou de outro, dentro de esferas e domínios de alguma vida social. (...) Desta forma a cultura está presente nas maneiras como criamos: entre nós mesmos, sobre nós mesmos e para nós mesmos, as palavras, as ideias, as crenças e as fábulas a respeito de quem nós somos; do porque somos quem somos; de como devemos ser uns com os outros, e com os outros que não são como nós (AUSTREGÉSILO, 2008, p. 31-32).

As músicas de Gonzaga trazem o que há de característico de uma tradição mantida como uma riqueza do passado de um povo, e o seu estado psicológico e emocional, explicitando momentos de sua vida e suas atividades.

Cantores, músicos, escritores e compositores são unânimes em afirmar que Luiz Gonzaga foi o maior artista do Nordeste em todos os tempos, de uma influência tamanha em qualquer parte do País e que nenhum acordeonista pega o instrumento sem ensaiar antes uma música do “Rei do Baião”. O professor Sebastião Vila Nova, sociólogo, com mestrado em arte, cultura e antropologia nos Estados Unidos, além de violinista e pesquisador da música brasileira, confirma que, “como homem, há poucos senões na vida de Gonzaga, tanto que era altamente respeitado por todos, e tido como uma figura dignificante na profissão que exercia” (OLIVEIRA, 1991, p. 101).

Conforme Freire (1979, p 30), “cultura é tudo que é criado pelo homem”. E dentro do contexto escolar a cultura é de grande relevância no processo de aprendizagem, cabendo a escola preparar os educandos para estarem receptivos a reconhecer sua cultura e aceitar a influência de outras culturas no seu contexto. Percebendo que as culturas são decorrentes de uma organização política, social e econômica dentro das diversidades culturais, a escola precisa transcender a contemplação da cultura e percebê-la na perspectiva de socialização do conhecimento que leva a uma ação libertadora.

A música sertaneja de Luiz Gonzaga traz em sua letra um texto crítico e analítico, que leva o ouvinte à reflexão, ao questionamento sobre o mundo que o rodeia em diversos aspectos: político, social, cultural e humano. As letras das músicas são verdadeiros poemas musicados, que apresentam diversas situações que podem ser exploradas. São mensagens

que levam ao repensar o homem enquanto ser político e também denuncia a repressão política.

Durante o período do regime militar por volta de 1968 a música brasileira passava por pressões. Ao mesmo tempo em que ritmos variados movimentavam o país, cujo objetivo era encontrar que um desses ritmos representasse o Brasil como uma nação elaborada por uma cultura política e baseada pela ideologia nacional-popular, e pelo desenvolvimento industrial fomentado a partir dos anos 50 (NAPOLITANO, 2002).

A música no Brasil tem uma dimensão maior que a de um veículo neutro de ideias. Ela é uma política cultural que reflete o ponto de encontro de etnias, religiões, ideologias, classes sociais, experiências diversas, ora complementares, ora conflitantes (NAPOLITANO, 2002, p.110).

Luiz Gonzaga levou o baião para cenário urbano em todo país junto com o cearense Humberto Teixeira (1916-1979). Com esta parceria, “Gonzaga obteve o respaldo pòrtico letúrico (letra) que faltava ao baião que nesse momento só tinha melodia” (LIMA, 2011, p. 32).

Gonzaga, sempre quis levar a música, a história, a cultura do Nordeste para o mundo, levar sua arte aos grandes centros. Para isso trouxe a memória das lembranças, dos lugares originários do sertanejo que vivia distante da sua terra natal. Em uma de suas falas no livro *Vida de Viajante: a saga de Luiz Gonzaga*, ele diz:

Eu queria era cantar o Nordeste. Eu tinha a música, tinha o tema. O que eu não sabia era continuar. Eu precisava de um poeta que sabia escrever aquilo que eu tinha na cabeça, de um homem culto pra me ensinar as coisas que eu não sabia. Eu sempre fui um bom ouvitor (SANTOS *apud* DREYFUS, 2004, p. 43).

Nas composições de Gonzaga estão presentes os símbolos do Nordeste, mexendo com a memória afetiva do povo nordestino, pois aqueles que estão longe de casa ao ouvir as composições do Rei do Baião, seu imaginário levando-os imediatamente de volta à sua terra natal.

PARTE II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

4.1. REFLETINDO SOBRE A ETNOGRAFIA

Este estudo tem como objetivo investigar o potencial das músicas de Luiz Gonzaga como ferramentas para uma intervenção pedagógica inovadora, e no seu desenvolvimento foi utilizado a abordagem qualitativa de cunho etnográfico. Segundo Minayo, (2008 p. 21) “(...) o universo da produção humana que pode ser resumida no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzida em números e indicadores quantitativos”. O tema desta pesquisa possui componentes subjetivos, não sendo possível utilizar medidas ou variáveis.

O método de pesquisa qualitativo surgiu diante da quebra de paradigmas através de uma evolução histórica. Foi fortemente defendido por variadas tendências e teorias como por exemplo a fenomenológica, construtivista, etnometológica, naturalista, interpretacionista, sócio-interacionista, pós-modernista entre outras. Flick (2004) advoga que a pesquisa qualitativa é caracterizada por “apropriabilidade de métodos e teorias; Perspectivas dos participantes e sua diversidade; Reflexividade do pesquisador e da pesquisa; Variedade de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa” (FLICK, 2004, p.20).

Aqueles que utilizam a pesquisa qualitativa defendem a ideia de que é através das experiências da realidade social que se forma a experiência humana, e que esta é o resultado da interação de um indivíduo com o outro. Segundo Bardin (2011) e Gil (2008) a pesquisa qualitativa é aquela que se recobre de intencionalidades, de detalhes significativos que não podem ser medidos. Assim, é “um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses” (BARDIN, 2011, p. 115).

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com o nível da realidade que não pode ou não deve ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2008, p. 21).

A pesquisa qualitativa tem vínculo profundo com a fenomenologia por ressaltar aspectos do comportamento do indivíduo. A fenomenologia, a hermenêutica e a etnometodologia são vistas como uma corrente social que interfere diretamente na abordagem qualitativa da pesquisa. Este é um estudo que busca compreender como o indivíduo percebe e estrutura seu dia a dia.

Numa investigação qualitativa, é importante levar em consideração os aspectos epistemológicos, sendo estes de caráter científico da própria pesquisa e o que se objetiva com a relação subjetividade/objetividade. Desta forma, o sujeito está profundamente implicado no processo de produção de conhecimento, por isso torna-se imperioso reconhecer a subjetividade inerente a esse processo como parte integrante da objetivação, aprofundá-la e refletir sobre ela.

No que se refere às práticas pedagógicas, estas acontecem efetivamente onde pessoas se reúnem com o intuito de aprender algo, de mediar ou facilitar o conhecimento. Desta forma, o espaço escolar, sendo um local no qual há a fomentação da aprendizagem, este deve ser o precursor de movimentos da inovação pedagógica, buscando a adequação de um novo modelo de ensino.

Portanto, a pesquisa utilizada foi a qualitativa, de abordagem etnográfica, e este tipo de pesquisa é definido como um método de investigação científica que se atem no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas especificidades e experiências individuais. As respostas na pesquisa qualitativa não são objetivas, e o resultado não traz dados numéricos nem quantidades como resultados. Porém tem como objetivo compreender o objeto de pesquisa em suas ações, em seu comportamento (MINAYO, 2008).

Hammersley e Atkinson (1994) afirmam que a pesquisa etnográfica se caracteriza pelo fato do pesquisador estar inserido no ambiente, exigindo deste a observação e interpretação dos dados obtidos, no que tange as ações humanas. Fino (2008) explica a expressão “observação participante” utilizando a seguinte forma:

Para Georges Lapassade (1991; 1992; 2001), a expressão “observação participante” tende a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo da investigação, quando inicia as negociações que lhe darão acesso a ele, até o momento em o abandona, depois de uma estada longa. Enquanto presentes, os observadores imergirão pessoalmente na vida dos locais, partilhando as suas experiências (FINO, 2008, p. 04).

Segundo Goode e Hatt (1979), a observação participante é uma técnica antiga e moderna considerando sua capacidade de apreender a realidade empírica, para que esta seja validada posteriormente a nível científico. Para que isso ocorra é necessário planejamento em relação o que observar e como observar.

Para investigar o potencial das músicas de Luiz Gonzaga como ferramentas para uma intervenção pedagógica inovadora, este trabalho precisou seguir alguns procedimentos metodológicos: 1) a observação participante periférica no ensino fundamental de uma escola pública municipal, nas quais foram trabalhadas músicas do cantor numa intervenção pedagógica; 2) a realização de entrevista com 07 alunos e a professora regente da turma em que foi realizada a intervenção pedagógica. A pesquisa foi realizada com estudantes do 5.º ano de uma escola municipal da cidade de Salvador, Bahia, com alunos na faixa etária de 11 a 12 anos.

A pesquisa qualitativa com uso de observação participante periférica permite ao investigador assumir o papel de observador exterior, não interferindo em qualquer decisão das situações que observa. Ao escolher esse tipo de pesquisa o investigador defende a ideia de que será mais imparcial no momento que for realizar a análise dos resultados da pesquisa. Esta linha de pensamento se situa com o que apresenta a publicação de Carlos Fino (1993), *Etnografia enquanto método*, na qual consta que:

Adler e Adler, Lapassade considera a existência de três tipos de observação participante. O primeiro tipo – observação participante periférica – é escolhido pelos investigadores que consideram ser indispensável um determinado grau de implicação para captarem a visão do mundo dos observados e uma participação apenas suficiente para serem admitidos como “membros”, sem, no entanto, serem admitidos no centro das actividades (FINO 1993, p. 5).

Para Adler e Adler (1987, *apud* FINO, 1993, p. 26) a observação participante objetiva captar as impressões do ambiente que estão em volta do observador, ou seja, um “contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”. Além disso, a observação participante é

Fundamentalmente naturalista na sua essência, ocorre no contexto natural da ocorrência, entre os atores que seriam naturalmente, participantes na interação (...). Goza de vantagem de situar observador no interior da complexidade fenomenológica do mundo, onde as conexões, correlações e

causas podem ser testemunhas conforme se revelam (ADLER e ADLER, 1987 *apud* FINO, 1993, p.81).

Também foi utilizada a entrevista informal, que segundo Gil (1999), é O tipo menos estruturado possível, se restringindo à simples conversação, pois seu objetivo principal é a coleta de dados. É recomendada nos estudos exploratórios que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão próxima do problema a ser pesquisado. Também foi utilizada a análise de documentos, sendo estes projetos, acervo musical de Luiz Gonzaga e textos utilizados em sala de aula.

A coleta desta pesquisa teve como objetivo identificar e perceber o ganho pedagógico com a utilização do acervo musical do Rei do Baião na sala de aula do ponto de vista dos envolvidos, tendo em vista que o contexto escolar é um ambiente que deve oferecer às crianças oportunidades para realizar criações e possibilidades de aquisição de conhecimento. Segundo Ludke e André (2005, p. 45), “analisar os dados qualitativos significa ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições das entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”.

Para acesso ao local desta pesquisa, inicialmente foi realizado um contato com a escola e marcado um encontro com os gestores, coordenadores pedagógicos e alguns professores. Foi conversado sobre a pesquisa. Vale ressaltar que é uma cultura das escolas da Região Nordeste do Brasil desenvolver projetos que tem como base as músicas de Luiz Gonzaga, ressaltando a cultura nordestina e mantendo esta cultura viva. A pesquisadora foi apresentada à turma de alunos e foi socializado o objetivo do estudo, fazendo-se de conhecimento de todos os objetivos e a metodologia do trabalho. Findada essa etapa foi acordado com a gestão, professora e coordenação escolar o período de desenvolvimento da pesquisa. Todo o trabalho foi desenvolvido com êxito, pois houve uma boa receptividade por parte da escola.

4.2 INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA DE RAIZ ETNOGRÁFICA

Ao se construir o conhecimento científico é importante que este seja baseado em pesquisas de forma a se criar a possibilidade de debater, de analisar e confrontar os dados obtidos do contexto social observado e o que traz as teorias existentes, sobre um

conhecimento determinado. Foi desta forma que a pesquisa em questão foi alicerçada usando como base a pesquisa etnográfica, pois retrata a realidade de forma clara e objetiva.

Lapassade (2005) nos traz a ideia de que a etnografia não se restringe à etimologia da palavra, pois os etnógrafos além de fazerem a descrição da cultura tem como objetivo compreendê-la, contextualizá-la, tendo como ponto de partida o local de onde ela surge. Para Fino (2011), à etnografia

[...] compete fornecer os meios para sondar, questionar, descrever as práticas pedagógicas enquanto práticas culturais fundadas na intersubjetividade do que aprendem e dos que facilitam a aprendizagem, no seio de uma instituição específica – a escola -, ou no seio da própria sociedade, além de implicar, também, o debate epistemológico sobre a validade do conhecimento obtido pelo seu intermédio (FINO, 2011, p. 4).

Seguindo esta linha de pensamento é possível afirmar que ao utilizar a etnografia na pesquisa o pesquisador necessita ter um contato direto com a realidade, ou seja, com a prática pedagógica, para que possa descrevê-la de forma mais fidedigna possível. Deve utilizar técnicas adequadas de coletas de dados de forma a proporcionar o alcance dos objetivos propostos na pesquisa. André (2012) descreve a etnografia como uma forma de pesquisa desenvolvida dentro da antropologia para compreender a cultura e a sociedade. A utilização do método etnográfico é de grande relevância como ferramenta de trabalho numa investigação de uma problemática, pois o investigador terá um contato direto com o objeto de pesquisa.

Por outro lado, para Macedo (2006), o pesquisador deve ter a compreensão do objeto pesquisado e do contexto no qual a pesquisa está inserida, ficando atento para as peculiaridades e especificidades do fenômeno a ser investigado. Para que isso aconteça se faz necessário a utilização de registro de observação em diário de campo. Neste instrumento serão registradas as impressões do pesquisador e seus sentimentos sobre o campo de pesquisa.

Para Lapassade (2005), o uso do método etnográfico em pesquisa científica é refletido pela descrição:

Descrição (grafia) de um etnos (termo que designa povo, uma cultura). O trabalho etnográfico de campo implica fundamentalmente na observação participante (noção que define ao mesmo tempo a etnografia em seu conjunto e as observações prolongadas feitas no campo ao participar da

vida das pessoas). Atualmente, o termo etnografia tende a designar uma disciplina, com todos os privilégios que comporta, e, ao mesmo tempo, um método (a observação participante e as técnicas anexas) e um trabalho de interpretação dos dados coletados no decurso do trabalho de campo (LAPASSADE, 2005, p. 148).

Assim, é notável que a pesquisa etnográfica “preocupa-se primordialmente com os processos que constituem o ser humano em sociedade e em cultura e compreende esta como algo que transversaliza e indexa toda e qualquer ação humana e os etnométodos que aí se dinamizam” (MACEDO, 2009, p. 09). Isso insere o pesquisador no contexto da pesquisa, permitindo que este conheça detalhes sobre o objeto de estudo, analisando todas as situações do ambiente e os pesquisados.

Conforme Spradley (1979 *apud* FINO, 2000, p. 149), “etnografia é o trabalho de descrever uma cultura e o objectivo do investigador etnógrafo é compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos dessa cultura.”. Consegue-se, então, uma resposta mais clara, o mais próxima possível da realidade. Segundo Fino (2008):

[...] a etnografia deve ser entendida como a descrição de uma cultura, que pode ser de um pequeno grupo tribal numa terra exótica, ou de uma turma de uma escola dos subúrbios, sendo a tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo (FINO, 2008, p. 1).

Por volta da década de 80, a etnografia ganhou popularidade como um estudo no qual era possível descrever o cotidiano da sala de aula e as relações que envolviam o contexto escolar. Essa descrição era possível devido ao uso de instrumentos como entrevistas, fotografia, questionários etc. Estes instrumentos eram a base para análise, tendo grande significado para quem pesquisava.

Para André (2012),

Este tipo de pesquisa permite, pois, que se chegue bem perto da escola para tentar entender como operam o seu dia os mecanismos de dominação e resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, valores, crenças, modelos de ver e de sentir a realidade e o mundo (ANDRÉ, 2012, p. 41)

A etnografia quando utilizada num contexto educacional proporciona uma relação entre o ambiente e os que estão envolvidos neste ambiente, pois “um olhar já não é de

alguém superiormente estranho, que vem de fora para observar, mas um olhar interessado, implicado, ou seja, um olhar etnográfico” (SOUSA, 2000, p.5). Conforme os estudos do professor Carlos Fino (2008b):

[...] a etnografia da educação, sobretudo por recusar qualquer possibilidade de arranjo de natureza experimental, e por, ao invés, estudar os sujeitos nos seus ambientes naturais, pode constituir uma ferramenta poderosíssima para a compreensão desses intensos e complexos diálogos intersubjectivos práticas pedagógicas. Um diálogo inter-subjectivo, o que decorre entre os actores que povoam um contexto escolar, e narrado de “dentro”, como se fosse por alguém que se torna também actor para falar com um deles (FINO, 2008b, p. 4).

É notório que a Etnografia precisa do diálogo com o ambiente e com participantes inseridos nele para que os seus resultados possam ser transparentes. Durante todo o processo da pesquisa várias situações surgem e vão ganhando ajustes para que se chegue a um denominador comum. Para André (2012):

Finalmente, a pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não a sua testagem. Para isso, faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade (ANDRÉ, 2012, p. 30).

Conforme o exposto e segundo Macedo (2009) a pesquisa etnográfica busca analisar o comportamento social no local, diante de dados qualitativos, resultados de observações e explicações obtidas no ambiente que serviu como base para a pesquisa. Assim, é possível compreender que o método etnográfico é um processo investigativo no qual se observa por um período determinado e se registra os fatos ocorridos, sendo interpretados de forma ampla e específica.

Quando se aborda sobre o método de pesquisa de cunho etnográfico, Macedo (2010, p. 82) nos diz que: “[...] valoriza-se intensamente a perspectiva sociofenomenológica, que orienta ser impossível entender o comportamento humano sem tentar estudar o quadro referencial, ou seja, a bacia semântica e o universo simbólico [...]” Seguindo esta linha de

pensamento podemos entender o método etnográfico como caminho optado/ação-reflexiva/formação, o que corrobora para uma construção crítica durante o processo da pesquisa.

Para Severino (2007) a pesquisa etnográfica:

[...] visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhado com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Utiliza-se do método etnográfico, descritivo por excelência (SEVERINO, 2007, p. 119).

Para definir uma prática pedagógica como inovadora é fundamental uma avaliação minuciosa de todo o ambiente escolar e seus envolvidos, sendo a etnografia uma ferramenta eficaz no processo de investigação. Desta forma, as ferramentas e todo o percurso realizado durante a pesquisa deve ser refletido de forma ampla e ao mesmo tempo minuciosa. É de responsabilidade do pesquisador etnográfico um trabalho que tenha como base a busca pelo entendimento da problemática e das realidades humanas em suas peculiaridades.

Todo pesquisador etnográfico deve ater-se primeiramente em averiguar se o objeto de estudo é apropriado. Deve desenvolver sua sensibilidade, ser cauteloso, imparcial, reconhecendo-se como um instrumento importante na coleta e na análise dos dados obtidos. Ao mesmo tempo deve estar consciente das possíveis incertezas e prováveis dúvidas que possam surgir ao longo da pesquisa. O investigador/observador etnográfico segundo Sousa (2004) precisa:

[...] compreender as realidades culturais de determinado grupo, vistas de dentro. Porque nesse mundo vivido e sentido dificilmente se consegue captar em situação formal de sala de aula. A auscultação dos diversos mundos culturais só pode ser feita através da chamada “observação participante” [...], fazendo uso de uma imensidão de técnicas bem ao alcance de cada um, se se estiver, acima de tudo, etnograficamente implicado (SOUSA, 2004, p.16).

Ao desenvolver uma pesquisa etnográfica o pesquisador tem a oportunidade de estar presente no contexto da pesquisa, sendo-lhe permitido conhecer o ambiente pesquisado. Porém o pesquisador deve ficar atento às tomadas de decisões, registrando todos os

detalhes possíveis que servirão de embasamento na construção do resultado da sua pesquisa.

Segundo André (1995) para ser pesquisador é necessário que se tenha sensibilidade, algo muito importante quando se trata de interagir com o outro, pois existe uma variedade de comportamentos. Deve-se ter muita atenção principalmente durante a coleta de dados e ser imparcial com os indivíduos envolvidos. Tendo a sensibilidade, consegue-se nos primeiros momentos da coleta de dados ter uma visão do ambiente de uma forma mais ampla, o que lhe possibilita perceber as ações dos sujeitos envolvidos na pesquisa, pois todos esses detalhes irão servir de base para a produção da sua pesquisa.

4.3 INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA COLETA DE DADOS

Toda a coleta de dados foi realizada com participantes envolvidos no projeto elaborado a partir das músicas de Luiz Gonzaga, sendo desenvolvido numa instituição pública. Foi utilizada a entrevista informal a qual, de acordo com Gil (2011), se diferencia da simples conversação por ter como objetivo básico a coleta de dados. Neste contexto foram realizadas as entrevistas com a professora e os alunos envolvidos no processo da pesquisa, o que gerou as informações importantes para esta pesquisa e fundamentou o entendimento do objeto estudado.

A coleta desta pesquisa teve como objetivo identificar e perceber o ganho pedagógico com a utilização do acervo musical do Rei do Baião na sala de aula do ponto de vista dos envolvidos. Tendo em vista que o contexto escolar é um ambiente onde deve oferecer as crianças oportunidades para realizar criações e possibilidades de aquisição de conhecimento. Segundo Ludke e André (2005, p. 45), “analisar os dados qualitativos significa ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições das entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”.

Tendo como base o que diz Ludke e André (1986) e Santos (1999; 2002) podemos dizer que investigar é o ato de elaborar conhecimento sobre aspectos da realidade com o intuito de apresentar soluções para os problemas expostos. Para Bell (1997), uma investigação é conduzida para resolver problemas e para alargar conhecimentos sendo, portanto, um processo que tem por objetivo enriquecer o conhecimento já existente.

Numa investigação qualitativa, é importante levar em consideração os aspectos epistemológicos, sendo estes de caráter científico da própria pesquisa e o que se objetiva com a relação subjetividade/objetividade. O fato de o investigador ser o instrumento principal e a fonte de dados ser o ambiente natural, torna esta peça principal perante a formação de uma realidade que é resultado da nossa realização, como refere Popper (1992). Estando o sujeito profundamente implicado no processo de produção de conhecimento, torna-se imperioso reconhecer a subjetividade inerente a esse processo como parte integrante da objetivação, aprofundá-la e refletir sobre ela.

Numa observação participante, é de fundamental importância, o registro dos fatos ocorridos, comportamentos, reações, impressões do ponto de vista dos participantes envolvidos no processo. Nele, o diário de campo desempenha um papel relevante e auxilia no registro, avaliação e reflexão do pesquisador relacionados às atividades de campo.

Brazão (2008) descreve que:

O diário pode ser usado como método de investigação, método de colecta de dados, de descrição dos processos e estratégias da própria pesquisa e análise das implicações subjectivas do pesquisador; método de formação dos docentes, análise de práticas pedagógicas e desenvolvimento profissional e pessoal; método de intervenção, investigação-acção (BRAZÃO 2008, p. 127).

O diário de campo apresenta uma variedade de possibilidades em seu uso, tendo grande relevância para registrar os dados durante a pesquisa, favorecendo o registro das ações, sendo possível detalhar as informações. Também é possível através do diário de campo perceber a opinião dos participantes investigados com mais objetividade.

Macedo (2006, p. 133) mostra que esse tipo de instrumento serve para conceituar “a descrição minuciosa e densa de existencialidade, que alguns pesquisadores despojados das amarras objetivistas constroem ao longo da elaboração de um estudo”. O diário de campo é um instrumento de reflexões para o pesquisador, pois através dos diários é possível rever o seu percurso durante as observações.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 O LOCUS DA PESQUISA

Todo o trabalho foi realizado na Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, que fica localizada no Bairro da Paz, nas proximidades da Avenida Paralela, mais precisamente zona Norte da cidade de Salvador. A Escola pertence à rede municipal de ensino de Salvador, que está integrada na Coordenadoria de Itapuã (CREI). A referida escola está situada à Rua Nelson Mandela, nº 290, Alto da Bela Vista, Bairro da Paz. Foi construída pela Prefeitura Municipal de Salvador e inaugurada no dia 10 de fevereiro de 2002.

Com 30 anos de existência o Bairro da Paz é reconhecida pela sua história de luta na busca pela melhoria do Bairro e melhores condições de moradia. Hoje o Bairro conta com diversos grupos locais que desenvolvem atividades sociais e culturais contribuindo na melhoria da autoestima dos moradores, gerando emprego e renda.

A escola funciona nos três turnos oferecendo, no diurno, Educação infantil e Ensino Fundamental I e no noturno com Educação de Jovens e Adultos II (Ensino Fundamental II). Atende à comunidade do Bairro da Paz e Adjacências. Possui duas turmas do terceiro ano do ensino regular, composta por 31 alunos a turma do matutino e 30 alunos a turma do vespertino.

Em termos de estrutura, a escola é constituída de secretaria, uma sala para diretoria, sala de coordenação, uma sala para os professores, cozinha, 15 salas de aula, uma biblioteca, sala do Atendimento Educacional especializado, sala de informática, salas para atividades de reforço e uma sala do Serviço de Orientação Educacional. Também apresenta dois banheiros masculinos e dois femininos para alunos, banheiros para professores e funcionários e uma área com mesa e cadeiras acopladas para o lanche dos alunos.

A escola oferece aulas diversificadas de educação física, artes visuais, inglês, música e informática. O objetivo da escola é promover a educação voltada para a formação integral do indivíduo que seja capaz de participar e contribuir ativamente para a transformação da sociedade através do seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Secretaria Municipal de Educação, órgão gestor da escola, é a base das ações pedagógica que buscam assegurar a presença do aluno na escola visando que este conclua sua formação escolar de forma exitosa. O intuito é contribuir para a inclusão social e

econômica e o exercício cidadania de forma igualitária, em conformidade com diretrizes curriculares nacionais e com as normas legais de acordo com a localidade, definindo metas que possam garantir a melhor qualidade possível do ensino e da aprendizagem.

A reunião com a equipe pedagógica acontece uma vez por semana com duração de duas horas e sempre às sextas-feiras. Nestes encontros são divulgados os acontecimentos escolares, eventos, projetos, ocorrências, dentre outros. É também um momento em que o professor pode relatar algo que ache pertinente de sua rotina escolar, esclarecer questões referentes ao planejamento, e receber suporte da coordenação pedagógica. Algumas reuniões extraordinárias acontecem em momentos em que a gestão julgue necessária, a depender do grau de urgência. O mesmo ocorre quando o professor necessita socializar algum fato para a equipe gestora.

No final de cada bimestre ocorrem os conselhos de classe, reunião com os professores, coordenadora e gestão, na qual é relatado o desempenho dos alunos e todos opinam sobre cada situação relatada, chegando-se a um denominador comum, o que é registrado em ata escolar. Logo após esse momento, é convocada uma reunião com os familiares dos alunos para falar do desempenho destes e outras questões que estejam impedindo o bom rendimento escolar.

5.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

De acordo com Ciribelli (2003) a análise dos resultados compreende uma parte importante da pesquisa, pois demonstra de forma simples e objetiva os dados investigados, registrados e descritos tendo como base alcançar os objetivos propostos. É possível apresentar a análise dos dados em dois aspectos, quantitativos ou qualitativos, ou se o pesquisador preferir pode usar as duas modalidades, o importante é atingir as informações coletadas e levar o leitor a compreender de forma crítica da realidade descrita. Segundo Papert (2008) é importante permitir que o aluno desenvolva atividades ou projetos vinculados à sua realidade usando o recurso multidisciplinar.

Através da observação participante periférica e das entrevistas foi possível detectar a presença do lúdico na sala de aula, pois a utilização das músicas era contagiante e os alunos ficavam empolgados a cada aula. Desde o primeiro dia de observação, foi possível

identificar o fato de quanto à música de Luiz Gonzaga motiva a discussão e instiga o raciocínio dos estudantes em várias facetas vivenciadas.

*Assim começa a narrativa sobre o comportamento do pássaro (ave típica da Região Nordeste) que no período da seca procura outro lugar para sobreviver e só retorna após a chegada da chuva. No decorrer da aula alguns alunos falaram que conhecem a história, pois conhecem o pássaro e a avó contava essa história. A narrativa das histórias trazidas pelas letras das músicas entra em consonância com que vivem muitas das famílias dos alunos. Eles cantam e se empolgam com a letra da música. A professora desenvolve atividade de leitura, análise e reflexão da língua, traz o papel do povo nordestino na construção da história e progresso do Brasil. Num segundo momento a professora relaciona os pontos nos quais o Nordeste contribuiu e contribui ainda hoje, trouxe também questões sobre fauna e flora abordando a preservação do meio ambiente e a extinção dos animais – **Registro de Observação do dia 15/03/2017.***

Outro momento também relevante foi quando,

*Após a acolhida e correção da tarefa de casa, a professora distribuiu a letra da música xerografada “Vamos juntar os troços”. Na letra desta música nota-se o regionalismo, também traz a religiosidade, canta o amor, o carinho e fala de sentimentos. A música é apresentada com muita animação, que acaba contagiando os alunos e estes participam da aula com muita alegria, entusiasmo e ficam todos empolgados - **Registro de Observação do dia 21.03.2017.***

As intervenções feitas pela professora levavam os alunos a refletir sobre sua realidade, sendo o conteúdo contextualizado com a vivência dos alunos. Ficou nítido não haver nenhum resquício da escola tradicional na qual o aluno era um mero depósito do conhecimento.

Quando questionado aos alunos o que significa o título da música “A volta da asa branca”, os alunos respondem no geral que significa que o pássaro que tinha ido embora retornou, pois “Asa branca” é um pássaro que quando surge à seca vai embora e só retorna com a vinda da chuva em seguida foi questionado o que significa esses retornos. Após algumas sugestões alguém falou: “Que começou a chover no sertão!”.

Este momento da sala de aula converge com o que disse Papert (2008), que a criança como um sujeito ativo na construção do seu conhecimento tem a capacidade de compreender suas ações e neste sentido comunga com o Construcionismo. O autor diz que:

[...] para muitos educadores e para todos os psicólogos cognitivos minha palavra evocará o termo Construcionismo, cujo uso educacional contemporâneo em geral remete á concepção de Piaget de que o conhecimento simplesmente não pode ser “transferido” ou “transferido pronto” para outra pessoa [...] (PAPERT, 2008, p. 137).

Neste ambiente inovador são desenvolvidas as habilidades e competências cognitivas entre os alunos com a constante observação e mediação do professor. Todas as aulas passeavam pelo conteúdo e pela história de vida dos alunos, a identificação deles com suas histórias era perceptível quando eles próprios relacionavam os fatos que traziam as músicas com suas realidades. A aluna E disse: *Minha mãe me contou essa história de Acauã do pássaro que trazia mau agouro*, a aluna R disse: *No interior da minha avó tinha a seca e minha avó mudou para a cidade*. E assim outras falas surgiam, ficando mais evidente que o conteúdo que a professora trazia não era algo estanque.

A prática pedagógica que tem como base a inovação pedagógica deve propiciar um ambiente de aprendizagem no qual o aluno possa ser o construtor do seu conhecimento tendo o professor o papel de mediador. Vale ressaltar a participação do aluno durante as atividades, pois este desenvolvia as atividades com autonomia.

Foi perceptível a presença da Inovação pedagógica na prática observada, pois havia um ambiente na qual a prática da professora não era condizente com as práticas tradicionais. Havia neste contexto a autonomia doada aos alunos, a participação dos alunos durante as aulas questionando, argumentando, refletindo, fazendo analogias entre o conteúdo apresentado pela professora e o seu próprio contexto. Ao desenvolverem as atividades os alunos falavam da sua própria cultura.

Fino (2007) afirma que a:

[...] inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais. E a abertura para emergências de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. [...] No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos

premeditados e absolutamente assumidos em direção muitas vezes inesperada (FINO, 2007, p. 278).

Assim a inovação pedagógica está presente nas práticas educacionais que permitem o desenvolvimento do aluno através de situações realistas. A inovação ocorre nas experiências que permitem que o aluno seja autônomo na construção do seu conhecimento e o professor intervenha para que o aluno desenvolva suas potencialidades.

*Os alunos escolheram apresentar para a escola a música Acauã. Eles farão a dramatização da música. Um grupo fica responsável pelo ensaio da dramatização, outro grupo fica responsável por confeccionar e organizar o cenário para apresentação - **Registro de Observação do dia 08.05.2017.***

Outro ponto interessante foi o contexto familiar emergir na sala de aula e desta forma o ambiente familiar também participou deste processo de aprendizagem, no qual se falava da cultura, da história, do ambiente, da economia, da geografia, enfim, de todo um contexto social, econômico, histórico e cultural:

*Alguns alunos falam que no interior da vó, tio, do avô, da mãe, enfim, o interior de suas famílias, quais as músicas de Luiz Gonzaga, outros dizem que a mãe ouvir as músicas de Luiz Gonzaga outros dizem que no São João (uma festa junina típica do Nordeste) tem Forró (dança típica do São João) toca as músicas de Luiz Gonzaga - **Registro de Observação do dia 03/03/2017.***

Segundo Piaget (2007):

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p. 50)

Um ponto importante que foi observado foi o fato dos conteúdos que a professora trazia fazerem uma ponte com a vivência dos alunos e estes, por terem um conhecimento

prévio, facilitaram o desenvolvimento das aulas, sendo a aprendizagem coesa. O aluno valorizava o que a professora trazia, interagiu, se posicionando como construtor da sua aprendizagem. A professora fomentava a reflexão dos alunos, permitindo que estes emitissem suas opiniões o que tornava um ambiente rico no qual estava presente o diálogo, o respeito, a troca e acima de tudo a aprendizagem.

*Quando questionado aos alunos o que significa o título da música “A volta da asa branca”, os alunos respondem no geral que significa que o pássaro que tinha ido embora retornou, pois “Asa branca” é um pássaro que quando surge a seca vai embora e só retorna com a vinda da chuva. em seguida foi questionado o que significa esses retornos. Após algumas sugestões alguém falou: Que começou a chover no sertão - **Registro de Observação do dia 06.03.2017.***

Cabe ao professor fomentar a participação do aluno na construção do seu conhecimento. Segundo Sousa (2004, p, 143) “[...] fazer da escola um espaço de pluralismo cultural, de expressão e de afirmação de práticas de referências e de identidades, como ponto de partida e núcleo estruturador dos percursos de aprendizagem dos alunos”. Para Papert (1985), o professor deve estabelecer para o aluno um “ambiente de aprendizagem” cognitivamente “nutritivo”, de forma que seus alunos sejam construtores do próprio conhecimento.

Segundo Fino (2011)

[...] encontrar inovação pedagógica necessita de um persistente trabalho de garimpeiro, cuja actividade se caracteriza muito mais por procurar do que pela felicidade de encontrar. A única coisa que o garimpeiro pode e tem de saber, à partida, é distinguir aquilo que procura do que não lhe interessa. E saber onde será mais provável encontrar o que procura. É claro que um garimpeiro afortunado pode encontrar bolhas de inovação dentro de uma escola, num projecto em funcionamento, numa sala de aula com a porta fechada. Mas deve saber que essa inovação talvez seja mais provável em ambientes de aprendizagem menos marcados histórica e culturalmente pelo velho paradigma (FINO, 2011, p. 10).

Durante esta pesquisa, a prática pedagógica desenvolvida e aqui descrita apresenta vários indicativos de uma prática pedagógica inovadora. Assim sendo, as músicas de Luiz Gonzaga podem ser utilizadas no processo de aprendizagem e ser consideradas como

instrumento de inovação pedagógica. Este entendimento foi gerado diante da análise da prática pedagógica desenvolvida com as músicas de Luiz Gonzaga e tendo como base o conceito de Inovação Pedagógica.

5.3 A PROFESSORA E OS ALUNOS PARTICIPANTES

Segundo Perrenoud (2000),

O perfil de docente mais adaptado às novas conjunturas do mercado de trabalho é aquele que não teme mudanças, que está sempre no redemoinho das novas transformações e que consegue envolver os acadêmicos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento, para que possa existir uma relação direta entre relação com o saber e com a pesquisa (PERRENOUD, 2000, p. 37).

A professora é pedagoga, formada pela Universidade Federal da Bahia, tem pós-graduação em Educação Especial e em Supervisão Escolar. É pesquisadora e nessa unidade escolar trabalha um turno, no turno oposto trabalha como coordenadora de outra unidade escolar. Está constantemente participando de cursos em sua área, é comprometida com os alunos e com a escola. Em sua prática, sempre busca realizar a aula de forma diversificada. Costuma utilizar recursos tecnológicos. Está sempre realizando com os alunos atividades de pesquisas, trazendo para a sala de aula as discussões destas pesquisas.

Tem um excelente relacionamento com a turma, problematiza e estimula a participação dos alunos, partindo dos saberes que estes trazem do seu cotidiano, promovendo vários momentos favoráveis de construção de aprendizagens. Trabalha de forma interdisciplinar, intercalando os conteúdos com maestria. Realiza um trabalho envolvendo a leitura no qual o aluno desenvolve a consciência crítica na participação e na interação. A sua prática é voltada para o aluno. Na sua intervenção, um a um, ela estimula a turma, reserva um momento para observar cada caderno e tirar possíveis dúvidas. A aula é descontraída, utiliza estratégias e recursos variados de acordo com a aula trabalhada, tornando-a aula produtiva.

A professora realiza a avaliação dos alunos utilizando a avaliação processual, além de recorrer a produções de textos, pesquisas, participação na aula e nas atividades fora da sala de aula. Os alunos também realizam avaliação externa elaborada pelo Ministério da

Educação. Essa avaliação ocorre no início e no final do ano. Neste caso a professora fica responsável por aplicar a avaliação.

O grupo observado foi composto por alunos na faixa etária de 11 a 12 anos, uma turma heterogênea. Os alunos eram inquietos e muito falantes, além de participantes ativos das aulas. Todos eram moradores do bairro da escola, oriundos de famílias que na sua maioria são do interior do estado da Bahia, famílias estas que por serem de baixa renda recebem auxílio de programas do governo. Nesta comunidade tem muitos projetos sociais de várias vertentes tais como: música, artes marciais, capoeira, boxe, informática, dança, acompanhamento pedagógico e psicológico. Muito destes alunos frequentam esses projetos, que funcionam no turno oposto ao horário de aulas.

5.4 O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS COM AS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA

A observação desta pesquisa decorreu de março até junho de 2017, durante 20 aulas do ano 2017 do Ensino Fundamental. No entanto, vale ressaltar que antes disso acontecer foi realizada uma conversa com a comunidade escolar – alunos, professores e direção da escola. Neste período foram realizadas várias visitas ao local da pesquisa, e estes momentos foram ímpares para a obtenção dos dados e a percepção das relações socioculturais e educativas desenvolvidas neste ambiente.

O processo da pesquisa em questão, ocorreu no campo-escola, seria o ambiente a serem observados, os pequenos detalhes os quais seriam registrar tudo no diário etnográfico. As observações aconteceram de forma tranquila, o contexto escolar e a turma eram acolhedores. A partir da presença do pesquisador na sala de aula foi possível coletar as informações necessárias relacionadas às atividades desenvolvidas pelos alunos e todo o trabalho pedagógico desenvolvido pela professora.

Observando o cotidiano da professora, ficou notório que a mesma possui uma prática educativa de grande relevância, todas as aulas transcorriam significativa as atividades, os conteúdos trabalhados tinham em sua maioria como ponto de partida situações do contexto dos alunos. A professora realizava suas aulas com muito diálogo o que favorecia para a construção da aprendizagem dos alunos. Os primeiros contatos foram com o contexto físico do ambiente observado e de forma gradativa o olhar ampliou-se para todo o contexto da sala de aula, no qual sobre cada detalhe observado era registrado os aspectos relevantes.

A sala de aula tinha cerca de 35 alunos entre 11 e 12 anos, uma turma heterogênea e com muita vivacidade. Os alunos eram inquietos, participaram das aulas energicamente, sempre, o que requeria uma dinâmica constante da professora, que em muitos momentos precisava ser mais rígida com alguns alunos.

Esse perfil da turma corroborou para a dinâmica das aulas com a música, pois a utilização das músicas na sala de aula favorecia para acalmar o ambiente nos dias de mais agitação, pois os alunos se envolviam e se concentravam mais. Por outro lado, o fato deles serem cheios de energia trazia em muitos momentos alegria para o ambiente, pois eles cantavam as canções e participavam das aulas alegremente. Como disse Platão (427 a.C.) "A música é um instrumento educacional mais potente do que qualquer outro".

Quando a professora A. M. apresentou o artista Luiz Gonzaga para a turma, muitos disseram que já ouviram o pai ou a mãe falarem sobre o artista, e que também conheciam o artista de ouvir suas músicas durante os festejos juninos. Outros disseram que a avó ou o avô cantavam ou ouviam as músicas de Luiz Gonzaga. Ficou claro neste momento que o cantor permeava o universo dos alunos e que as músicas do Rei do Baião estavam inseridas naquele contexto social. Segundo Freire (1979, p. 30) “quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade, e procurar soluções”.

Nesta pesquisa foi utilizado o processo de observação participante periférica. Lapassade (2001) valida três tipos de observação participante. Em primeiro lugar a observação participante periférica, na qual o observador tem certo grau de envolvimento com o grupo, porém não de forma muito próxima ao ponto de interferir na sua capacidade de análise.

A pesquisadora atentava-se para os contextos, verbal e não verbal em dados momentos se posicionava em um dos cantos da sala para ter uma visão ampla de toda a turma, sem interferir na dinâmica da aula, estando livre para colher detalhes que só uma observação bem cautelosa poderia perceber. Isso possibilitou captar comportamentos e atitudes espontâneas. Havia também a interação com os alunos, não de forma intensa, mas de forma integrada, sendo a pesquisadora mais um integrante daquele ambiente de aprendizagem.

Durante todo o processo foram feitas anotações sobre as aulas e os alunos, sobre a interação deles com a professora, com as aulas e entre eles. Havia uma participação de forma empolgada, questionando, argumentando etc. Nas aulas eram utilizados os recursos

tecnológicos disponíveis na escola tais como *data-show*, som, sala de multimídias, além de cadernos e material didático dos alunos.

Na sala de aula, o processo se iniciava com uma conversa informal, promovendo a integração da turma. De início foi trabalhada a biografia de Luiz Gonzaga, a sua representatividade cultural no cenário nacional e internacional. No decorrer das aulas, a ação pedagógica interdisciplinar foi sendo evidenciada através do trabalho com as músicas, discutindo, além de conteúdos do currículo formal, temas como a cidadania, ética, meio ambiente e pluralidade cultural.

Através das músicas de Luiz Gonzaga foi apresentada a representação regional geográfica brasileira e nordestina, e também foram trabalhados os fenômenos climáticos relacionados nas letras das músicas com localizações geográficas específicas. Além disso, foi desenvolvido um trabalho para os alunos compreenderem a relação entre o homem e a natureza indicados nas canções, promovendo a identificação da fauna e da flora relacionadas à região Nordeste.

Durante as aulas a valorização da cultura popular nordestina e brasileira também foi promovida, estabelecendo relações de causa e efeito, passado e presente do ponto de vista histórico, geográfico e científico. No contexto de Língua Portuguesa foi trabalhada a reflexão da língua escrita e oral, o gênero literário poesia, a linguagem conotativa e expressões idiomáticas regionais características do povo nordestino.

As atividades eram desenvolvidas com exibição de cartazes, apresentação de slides contendo as letras das músicas e temas correlacionados nas músicas – meio ambiente, animais, cultura regional etc. – vídeos sobre o cantor e outros artistas com os quais ele fez parcerias, entre outras coisas.

5.4.1 *Asa Branca*: discutindo o contexto histórico-social nordestino

Num segundo momento, a professora trouxe a música *Asa Branca*, apresentando a letra da música num *data show*, e também xerografada, distribuindo entre os alunos. Neste momento é realizada a leitura da letra música pela professora, os alunos ouvem atentamente. Em seguida a professora pergunta se eles conheciam aquele cenário apresentado na letra da música.

Segundo Piaget (2012), a troca de saberes permite a promoção da cognição, pois dessa forma os conhecimentos produzidos podem ser validados e acentuados. Nessa troca de conhecimentos, muitos alunos começaram a relatar que no interior da avó era daquele jeito. Um aluno disse que a mãe contava que quando pequena teve que sair de onde morava por causa da seca. E assim foram vários relatos.

A professora começa a instigar os alunos a refletirem sobre a letra da música. Fomenta a tempestade de ideias, levando os alunos a fazerem uma relação entre a letra da música e a realidade que ela traz. Este contexto na sala de aula comunga com o pensamento de Fino (2003) que defende a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico na sala de aula.

Neste momento a professora explica aos alunos que a canção “Asa Branca” relata a seca no Sertão. O cantor Luiz Gonzaga faz uma analogia entre as queimadas com a fogueira junina, que destruiu a plantação. A canção também retrata a falta de chuva e escassez da água, que dentre várias consequências causou a morte de animais, inclusive do cavalo Alazão, uma espécie típica da região.

Dando continuidade, a professora lê a frase:

Inté mesmo a asa branca

Bateu asas do sertão

Neste momento os próprios alunos falavam o que significa esta frase, e chegaram à conclusão que a Ave, que é uma esperança de chuvas, também foi embora deixando uma certa aflição na região com a falta de chuva. Era essa a resposta que a professora esperava dos alunos.

A música Asa Branca é considerada um hino do sertão nordestino, pois retrata o povo sertanejo, que deixa sua família, sua terra, sai do sertão devido à seca em busca de uma vida melhor, levando o sonho de voltar para sua terra e rever sua família. Em seguida, alguns alunos dizem que isso aconteceu na família deles, que saíram da sua terra em busca de melhorar de vida. Para Vygotsky (1999), a aprendizagem está interligada às relações entre as pessoas, e estas precisam de um ambiente propício para seus atores desenvolverem as capacidades que possuem de maneira ampla.

Era visível a proximidade da vida do sertanejo apresentada na música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga com o contexto histórico-social relatado pelos alunos ao relacionarem o

que trazia a música e o que já foi vivido por seus familiares. Foi notória a familiaridade com o contexto apresentado, o que favorecia a participação deles na aula, pois o conteúdo ali trabalhado tinha como base algo que eles conheciam, era algo dentro da realidade deles. Não era algo estanque, era algo real.

Ao analisar a letra de “Asa branca”, a professora fez uma delimitação do tempo, deixando claro a pessoa e o espaço enunciado, a trajetória, o sofrimento em meio à seca no nordeste, o distanciamento, a solidão do sertanejo ao ter que abandonar sua terra natal que muito ama, carregando dentro de si a esperança de voltar. Também foi feita uma localização geográfica da região Nordeste, sua economia e sua cultura, e o quanto esta cultura está presente na vida da maioria do povo brasileiro nos dias atuais.

Em relação a todo esse conhecimento adquirido, o aluno precisa estar consciente do que aprendeu, do que foi acrescentado ao seu conhecimento, pois desta forma ele poderá fazer a autoavaliação. Ao serem perguntados durante as entrevistas individuais o que aprenderam com as músicas de Luiz Gonzaga, os alunos responderam que aprenderam sobre:

A vida do povo nordestino, sertanejo e a seca (Aluna E.S.)

A seca, os gados que morrem por conta da seca (Aluna R. C.)

Eu gostei de estudar as músicas. As falas nordestinas e os estados nordestinos, a gente aprendeu mais sobre a região e sobre Sertão, meu Norte, sobre o agreste (Aluno G. F.)

Aprendi um pouco mais sobre a seca, como eles sofrem muito. As festas, as culturas (Aluno J. S.)

Aprendi sobre as músicas de Luiz Gonzaga, as danças, as comidas (Aluno. R.S)

Nestas falas é possível perceber que os alunos sabem o que aprenderam, sabem o que foi acrescentado ao seu conhecimento. Isso faz diferença para que o aluno ganhe autonomia e seja construtor do seu conhecimento. De acordo com Fino (2007, p. 3) “o conhecimento é uma construção do aprendiz e não substância independente e descontextualizada, que se pode transacionar”.

Ao permitir que a música adentrasse na sua sala de aula a professora entrou em consonância com o que Santos (2002) traz sobre ludicidade, pois este diz que a ludicidade é:

(...) uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento (SANTOS, 2002, p. 12).

Seguindo a linha de pensamento de Santos (2002), a música permite essa ludicidade importante na vida do ser humano, o que favorece uma aprendizagem mais consistente. Isso possibilita o desenvolvimento em diversos aspectos na vida do ser, trazendo à tona a socialização, a comunicação e a construção do conhecimento.

No repertório do Rei do Baião tem, além da música “Asa Branca”, outra canção que é considerada sua continuação chamada “A volta da Asa branca”. Como sempre, trabalhando a letra da música escrita e falada, a professora apresenta a letra:

*Já faz três noites
Que pro norte relampeia
A asa branca
Ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asas
E voltou pro meu sertão*

Neste recorte a professora traz a informação que essa música foi criada para protestar, para chamar a atenção das autoridades frente o sofrimento do povo do nordeste, e para o descaso com o povo nordestino. Esta música traz exatamente essa saída do sertão para os centros urbanos em busca de uma melhor condição de vida e a indignação de deixar sua terra e muitas vezes a própria família.

Foi chamada atenção para um detalhe do nome da música que foi o significado da Asa Branca, presença forte deste pássaro na vida do sertanejo:

*Ai, ai eu vou me embora
Vou cuidar da prantação*

Ao ser visto no céu do sertão, traz esperança e alegria, pois é um sinal de que a chuva está por vir. O interessante neste momento foi perceber a interação dos alunos com a história, alguns que relataram que já conheciam a história contada por algum familiar. Os

alunos tinham naquele momento a oportunidade de ter aquela história que ouviam no interior da sua casa como conteúdo no seu processo de aprendizagem.

O sentimento de pertencimento neste momento é enorme, pois o aluno se integra de tal forma ao conteúdo e ao ambiente de aprendizagem que a aula transcorre com harmonia, como uma orquestra afinada. Para Piaget (1978):

[...] fazer é compreender em ação uma dada situação em grau suficiente para atingir os fins propostos, e compreender é conseguir dominar, em pensamento, as mesmas situações até poder resolver os problemas por elas levantadas, em relação ao porquê e ao como das ligações constatadas e, por outro, utilizadas na ação (PIAGET, 1978, p. 176).

Importante que haja na sala de aula situações que promovam a aprendizagem, pois para compreendermos conceitos, estes serão melhor aprendidos se forem interligados com situações nas quais já se tenha tido experiência. Para Fino (2006, p. 4) “Inovar [...] não se trata de procurar soluções paliativas para uma instituição (ou para o sistema educacional) à beira do declínio. Trata-se de olhar para além dela, imaginando outra [...]”.

Essa outra escola precisa estar livre das amarras do que nos prende ao passado no qual o aluno não pensava e o professor era um mero transmissor do conhecimento de uma forma verticalizada. A inovação pedagógica traz essa leveza para a sala de aula, na qual o aluno também constrói o seu conhecimento e o professor é o mediador que permite que seu aluno possa interagir, que experimente, traga as suas experiências para a sala de aula.

5.4.2 Crenças e fenômenos naturais na música *Acauã*

Dentre outras músicas trabalhadas, a professora trouxe a música “Acauã”. Esta música foi composta por Zé Dantas – compositor, amigo e parceiro de Luiz Gonzaga em muitas canções – e cantada por Luiz Gonzaga. A professora inicia a aula trazendo o significado do nome Acauã, que tem origem indígena, vem do tupi “*waka’wã*“, que significa “falcão”, em referência à menor ave de rapina que pertence ao gênero Falcão.

São muitas histórias em torno do nome Acauã. Uma delas é que a sua origem está ligada ao som que produz seu canto, que a ave repete por diversas vezes. Acauã é considerado um pássaro de mau-agouro em algumas regiões do país. Algumas pessoas

dizem que o som do seu canto quer dizer “Deus chamou” ou ainda “Deus quer um”, o que é interpretado como o último dia do ovinite.

A história que essa música traz faz parte do cotidiano dos familiares de alguns alunos. Como exemplo disso temos o relato da professora, que contou sobre como a mãe de um aluno reagiu ao trabalho com a música “Acauã”:

Tivemos um processo de apresentação desse projeto e uma mãe, inclusive, me chamou atenção porque quando nós trabalhamos a letra Acauã, ele fala dessa ave como sinal de agouro. Isso quer dizer para o sertanejo que a seca ainda persiste, porque como é um falcão, ele se alimenta de outros animais mortos. A mãe de A. (aluno) disse “É verdade, pró! é um sinal de agouro o acauã cantar, porque a seca não vai cessar, ainda continua porque ele se alimenta dos animais

De acordo com Fino (2010, p. 277) “A inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas” e neste contexto o olhar atento da professora e a mudança na sua prática pedagógica são visíveis, pois ela não permaneceu limitada ao ensino tradicionalista. Isso favoreceu para que a construção do conhecimento estivesse viva na sala de aula.

Na localidade de Serra do Espinhaço, divisa entre os estados de Minas Gerais e Bahia, Acauã é considerado um sinal de que alguém conhecido irá morrer. Já para os índios este pássaro é chamado de “*uirá jeropari*”, que quer dizer “demônio”, por ter o costume de pôr seus ovos em qualquer lugar, o que leva os indígenas a acreditarem que esses ovos são chocados pela besta (RIBEIRO, 2019).

Toda essa história cria um ambiente de expectativa e curiosidade. Um dos alunos mencionou que já havia escutado que quando esse pássaro cantava era sinal de que alguém iria morrer. Neste momento surgiram muitas conversas e histórias em torno do pássaro, do que acontecia, se era verdade ou uma lenda, sobre a fauna, a preservação dos animais, sobre o cuidado com o meio ambiente, sobre a variedade de animais existentes na fauna brasileira, etc. Todo este momento nos faz reportar a Soares (2001), quando diz que a sensibilidade é um elemento coadjuvante da educação:

Além do conhecimento atualizado, de metodologias próprias e compatíveis com sua visão de mundo, o educador necessita ter desenvolvida a sensibilidade para diagnosticar contradições, não apenas

da prática educativa, mas das questões do homem, da natureza e da cultura. A sensibilidade é esse elemento coadjuvante da educação vista no seu sentido mais amplo, que considera a totalidade da existência social do indivíduo (SOARES, 2001, p. 28).

Esse é o papel do professor quando se fala em inovação pedagógica: é trazer para sala de aula uma visão de mundo, de forma a sensibilizar o aluno num sentido amplo, fazendo que este tenha um olhar além do ambiente da escola. É neste momento que o aluno percebe que o mundo que o rodeia está inserido no seu ambiente escolar, não há uma dicotomia, pois são mundos que estão interligados.

Para que a inovação pedagógica aconteça, é necessária uma mudança no comportamento do professor, pois este precisa trazer para sua sala de aula o novo, precisa se desvincular de ações pré-estabelecidas e possibilitar que as ações novas sejam utilizadas, engajadas, experimentadas e integradas às suas ações.

Segundo Toffler (1970, p. 104), eis “um grande desafio da ciência contemporânea: criar e transmitir o conhecimento necessário a que se compreenda e faça frente a um futuro que continua em grande parte desconhecido”. Assim, uma prática inovadora deve ter sempre como foco o aprendizado do aluno, sua participação na sala de aula, para que o conhecimento ali adquirido seja levado para a sua vida além dos muros da escola.

Neste sentido a professora traz uma reflexão importante:

Então isso contextualiza, situa o aluno na problemática que o afeta, no aqui e agora, mas que tem uma origem teoricamente remota, distante, mas que está interligada. Então eles compreendem que tudo que acontece na nossa vida tem uma ligação, uma interdependência.

Com a música Acauã a professora desenvolveu atividades envolvendo língua portuguesa, geografia, ciências e história. Passeou em todas essas disciplinas de forma a intercalar os conteúdos harmoniosamente. Em língua portuguesa, trouxe o estudo das linguagens, do gênero textual e posteriormente trabalhou a interpretação e produção de texto.

Em geografia abordou a localização da região Nordeste e seus limites no mapa. Em Ciências, trouxe o conteúdo sobre os animais, mostrando também elementos da natureza com exemplos da fauna (acauã, João corta pau, coruja, etc.). Abordou também sobre os

fenômenos naturais como a chuva, o sol, o verão, a seca entre outros. Em História, trouxe o contexto histórico e social do povo sertanejo e a sua para o país.

5.4.3 Xote das Meninas: discutindo variações linguísticas e comportamentos sociais

Outra música trabalhada na sala de aula foi “Xote das meninas”. Esta música traz em seus versos a figura do Mandacaru, que é apresentado como um cacto (um tipo de planta típica da região Nordeste) que floresce independente de ter ou não ter chuva.

Ao ouvir a música acontece inicialmente um certo alvoroço na sala, principalmente das meninas, que talvez tenham se sentido representadas na canção. A música se reporta à fase da adolescência, na qual as meninas começam a deixar de lado a boneca e começam a ter interesse pelo namoro. A professora e as crianças iniciaram uma conversa de como era o namoro antigamente, sobre as regras que os pais estabeleciam, a vigilância que se tinha com os casais de namorados, etc. A professora contou como era o namoro num tempo mais antigo.

Antigamente, para namorar, o rapaz ia na casa da moça pedir a moça em namoro. O pai da moça fazia um interrogatório sobre a vida do rapaz. Caso ele permitisse o namoro, tinha horário para chegar e ir embora. Os namorados sentava na sala e nunca ficavam sozinhos, sempre alguém ficava de olhos atentos para o casal. (Fala da professora)

Com a música a professora propôs uma atividade cujo objetivo era destacar as variações linguísticas que a canção apresentava. Os alunos perceberam que havia uma variedade de expressões populares a exemplo: uso do *r* em lugar do *l*: *vorta* (volta), *frô* (flor), *tarvez* (talvez), *mardade* (maldade) e *sorto* (solto); de *vocalização* (transformação de consoante em vogal ou semivogal): *óio* (olhos), *mió* (melhor), *oiá* (olhar) e *óios* (olhos); (perda de fonema(s) no final da palavra: *pio* (piores), *cantá* (cantar), *mio* (melhor) e *avuí* (avoar), etc.

Na hora de expor o resultado da atividade alguns alunos diziam que a avó, avô ou no interior dos pais falava-se daquele jeito. Segundo Laraia (2006):

[...] A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao

comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade [...] (LARAIA, 2006, p. 67).

E assim foi trabalhado o respeito às variadas formas de linguagem, enfatizando a necessidade de se aprender a norma culta. Estava presente neste momento um processo de aprendizado no que tange à comunicação numa sociedade em que está presente a necessidade de sobrevivência e as relações entre os povos.

5.5 O QUE DIZEM AS ENTREVISTAS

Segundo Gil (2007) a entrevista pode assumir formas variadas o que permite que essa técnica tenha maior flexibilidade. Pode ser informal quando se apoia numa conversação dirigida, pode ser parcialmente estruturada e guiada pelo interesse do pesquisador, e ainda pode assumir uma característica totalmente estruturada quando o pesquisador se vale de uma relação fixa de perguntas.

Para Macedo (2010),

[...]a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico para apreensão de sentidos e significados e para compreensão das realidades humanas, na medida em que se torna como premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação, (MACEDO, 2010, p. 104)

A entrevista é um recurso de grande potencial para uma pesquisa, pois vai muito além de uma simples coleta de dados, ocorrendo através da observação no contato com os envolvidos na pesquisa, é um recurso que indispensável numa pesquisa etnográfica.

As entrevistas ocorreram em momentos de forma natural e também numa conversação informal. As perguntas para a professora foram direcionadas com o objetivo de que recolher elementos que pudessem perceber como ela concebia o trabalho desenvolvido com as músicas de Luiz Gonzaga em sala de aula. Já as entrevistas com os alunos tinham o intuito de perceber como estes viam a presença da música na sala de aula e o quanto esse contexto contribuía para seu aprendizado.

Quando foi perguntado para alguns alunos de que forma viam que esse projeto tinha contribuído para o seu aprendizado, algumas respostas foram:

Ah, que a gente aprendeu mais sobre o Nordeste, as civilizações, o povo nordestino e a seca no sertão. (Aluna E)

Porque ele me ajudou a (...) entender mais sobre o sertão, sobre a seca e me ajudou a desenvolver vários trabalhos. (Aluna V.)

Eu aprendi mais sobre Luiz Gonzaga, né? Porque ele é considerado o rei do baião, e todo mundo conhece ele pelas músicas dele, mas nem todo mundo conhece a história de Luiz Gonzaga, né? Muitos acham que o nome dele é mesmo Luiz Gonzaga, mas não é, né? É muita coisa! E eu aprendi mais sobre isso. (Aluna E)

Diante desta fala da aluna acima citada é possível perceber o quanto significou para esta aluna participar das aulas e o quanto foi verdadeiro, real, vivido, sentido esse momento na sala de aula, pois o próprio aluno consegue mensurar o ganho que teve, o aprendizado que adquiriu e o quão valoroso foi para ele este conhecimento. Segundo Parpet (2008) é importante permitir que o aluno desenvolva atividades ou projetos vinculados à sua realidade, usando o recurso multidisciplinar.

Para Sousa (2011),

O olhar etnográfico permitirá chegar ao conhecimento do cotidiano dos alunos, baseado no sensório, no afecto, no imediato e no concreto. Ao captar significativamente essa “cultura popular” específica - veiculada igualmente pela música, pelas revistas, pela televisão – o professor conseguirá aceder a uma parte importante da vida dos seus alunos para, a partir daí, lhes proporcionar outros saberes, atitudes e competências. (Sousa, 2011, p. 07).

Através das entrevistas também foi possível detectar a presença do lúdico na sala de aula, pois a utilização das músicas era contagiante e os alunos ficavam empolgados a cada aula. As intervenções feitas pela professora levavam os alunos a refletirem sobre sua realidade, sendo o conteúdo contextualizado com a vivência dos alunos. Ficando nítido não haver nenhum resquício da escola tradicional, na qual o aluno era um mero depósito do conhecimento.

Do projeto o que eu mais gostei? Foi às aulas! A professora ligava as músicas, e o gênero musical de Luiz Gonzaga era forró, aí a gente dançava forró, né? Eu gostei mais disso. (Aluna E)

Pra mim foi maravilhoso porque as músicas dele falam da realidade do sertão, né? A seca, os gados que morrem por conta da seca. Eu gostei de estudar as músicas. (Aluna E)

A entrevista numa pesquisa etnográfica permite a proximidade de duas pessoas com papéis distintos: o entrevistador e o entrevistado. Lapassade (2005, p. 79) os chama de “o que conduz a entrevista e o que é convidado para responder”. Para Bogdan e Biklen (1994), as entrevistas em investigações qualitativas

[...] podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para recolha dos dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 134).

Poder perceber na fala dos alunos os ganhos que tiveram durante as aulas com as músicas de Luiz Gonzaga, mostrando o quanto foi prazeroso para eles estudar o conteúdo através das letras das músicas trabalhadas:

Aprendi um pouco mais sobre a seca, como eles sofrem muito. As festas, as culturas. (Aluno R)

Foi no dia da amostra, que aí a gente fez uma cena dos gados morrendo, da ave, da asa branca indo embora. Foi essa atividade que mais gostei. (Aluna T).

A fala desses alunos faz reportar o que é dito em relação ao papel do lúdico no processo de aprendizagem. Segundo Almeida (1994),

A educação lúdica, na sua essência, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio (ALMEIDA, 1994, p. 41).

O resultado das entrevistas traz o sentimento dos alunos em relação às aulas. Traz também em suas falas um conhecimento de situações vividas em seus ambientes. Está presente nos seus depoimentos a valorização da cultura e o sentimento de pertencimento.

Neste ambiente inovador são desenvolvidas as habilidades e competências cognitivas entre os alunos com a constante observação e mediação do professor.

Todas as aulas passeavam pelo conteúdo e pela história de vida dos alunos. A identificação deles com suas histórias era perceptível, fato que acontecia quando eles relacionavam os fatos que traziam as músicas com suas realidades. Várias falas surgiam ficando mais evidente que o conteúdo que a professora trazia não era algo estanque.

Minha mãe me contou essa história de Acauã do pássaro que trazia mau agouro. (Aluna E).

No interior da minha avó tinha a seca e minha avó mudou para a cidade. (Aluna R).

A seca. Que eu morava no interior, e lá a gente costumava ver a seca, porque sempre tinha um lugar que era um mato, em algum lugar assim, e esse mato quando não chovia “tava” seco, seco, seco. E quando chovia, não. “tava” verde, bonito. Quando não chovia “tava” seco, principalmente o sisal, porque lá era o único meio de trabalho que a maioria das pessoas tinha de trabalhar, no sisal, se não tivesse chuva, não tinha sisal. (Aluna E)

A prática pedagógica que tem como base a inovação pedagógica deve propiciar um ambiente de aprendizagem no qual o aluno possa ser o construtor do seu conhecimento tendo o professor o papel de mediador. Vale ressaltar a participação do aluno durante as atividades, pois estes desenvolviam as atividades com autonomia. Para Vygotsky (1999),

[...] um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento da criança (VYGOTSKY, 1999, p. 117-118).

A Inovação pedagógica na prática observada estava presente, pois as aulas ministradas pela professora eram uma ruptura com as práticas tradicionais, os alunos participavam das aulas com entusiasmo, realizavam questionamentos, argumentavam, refletiam, faziam conexões com os conteúdos apresentados pela professora e também faziam referências ao contexto cultural que vivem. Fino (2007) afirma que:

[...] a inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais. E a abertura para

emergências de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. [...] No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção muitas vezes inesperada (FINO, 2007, p. 278).

Assim a inovação pedagógica está presente nas práticas educacionais que permitem o desenvolvimento do aluno através de situações realistas. Ocorre nas experiências que permitem que o aluno seja autônomo na construção do seu conhecimento e o professor esteja intervindo para que o aluno desenvolva suas potencialidades. Sobre a intervenção, a professora expressou:

Para mim foi extremamente proveitoso e estimulante, primeiro por se tratar da cultura popular brasileira e em especial nordestina, e que muito fala a realidade dos alunos onde atuo, que é um bairro de periferia que foi surgido de um êxodo rural de famílias, e que dentre elas estão aqueles que se concentram na chamada região sertaneja da região nordeste, estado da Bahia” (Professora A.M).

Foi interessante observar a forma como os conteúdos entrelaçavam com as vivências dos alunos e estes por terem vivido muitas das histórias apresentadas nas músicas trabalhadas na sala de aula, tinha propriedade do que falavam, os argumentos eram coerentes, enriquecendo este momento de aprendizagem. .

E diante deste contexto as músicas de Luiz Gonzaga constituíram a base que possibilitou que o ambiente de aprendizagem desta sala de aula se tornasse um ambiente no qual estava presente uma prática inovadora. Tornou as músicas do Rei do Baião uma ferramenta de inovação pedagógica, sendo o objetivo desta investigação é responder se estas músicas podem ser consideradas ferramentas de inovação pedagógica.

Para que a inovação esteja presente na sala de aula cabe ao professor fomentar a participação do aluno na construção do seu conhecimento, e também cabe a ele, como afirma Sousa (2004, p, 143) “[...] fazer da escola um espaço de pluralismo cultural, de expressão e de afirmação de práticas de referências e de identidades, como ponto de partida e núcleo estruturador dos percursos de aprendizagem dos alunos” . Para Papert (1985), o professor deve estabelecer para o aluno um “ambiente de aprendizagem” cognitivamente “nutritivo”, de forma que seus alunos sejam construtores do próprio conhecimento.

Práticas pedagógicas baseadas na motivação são fundamentais para que os alunos despertem o interesse pelas atividades propostas em sala de aula e participem de forma ativa no processo de aprendizagem. Isso leva à construção do conhecimento. O ser humano passa por diversas mudanças no processo biológico, intelectual, social e cultural. Cabe à escola proporcionar atividades que permitam aos seus alunos se posicionarem ativamente nesta construção.

Diante de todo o contexto apresentado nesta pesquisa e na apresentação dos resultados ficou perceptível que as músicas de Luiz Gonzaga podem ser consideradas uma ferramenta auxiliar numa prática pedagógica inovadora. A prática pedagógica da professora parte integrante da pesquisa mostra de que forma essas músicas podem ser utilizadas no processo de aprendizagem e ser consideradas como instrumento de inovação pedagógica.

Foi possível perceber o impacto da utilização das músicas na interação social, pois os alunos participavam das aulas, como foi relatado no diário de campo. Elas mostram o contexto vivido pelos alunos e seus familiares e fazem relação com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Neste contexto foi possível utilizá-las para o desenvolvimento dos conteúdos curriculares.

A professora abordava os conteúdos curriculares a partir das músicas de Luiz Gonzaga com maestria. Um dos alicerces para o êxito obtido na sala de aula com essas músicas foi o fato da prática pedagógica da professora ter sido de forma adequada e planejada, o que resultou numa aprendizagem significativa e inovadora.

Importante ressaltar que a realização desta pesquisa amplia novas possibilidades de investigações devido a amplitude do tema e por sua relevância social, pois através das músicas de Luiz Gonzaga, é possível a abordagem de uma gama de conteúdos e temáticas diversas trazendo para a sala de aula questões sociais, econômicas, históricas e culturais.

5.6 DIÁRIOS DE BORDO

DATA: 03.03.2017 - PRIMEIRO DIA.

A professora realiza o acolhimento, chamada e correção para casa. É realizada uma atividade de leitura de poema da literatura de Cordel. A professora apresenta a imagem no data show de uma revista chamada Minha exposição de Xilogravura e Cordel, os alunos estão atendendo às imagens e realizam vários questionamentos. A professora desenvolve

todo um trabalho relacionado a essa literatura e a importância dessa literatura no cenário brasileiro. Após o intervalo a professora retorna a aula e fala sobre Luiz Gonzaga, questiona aos alunos se alguém conhece ou já ouviu falar sobre o cantor. Alguns alunos falam que no interior da vó, tio, do avô, da mãe, enfim, o interior de suas famílias, quais as músicas de Luiz Gonzaga, outros dizem que a mãe ouvir as músicas de Luiz Gonzaga outros dizem que no São João (uma festa junina típica do Nordeste) tem Forró (dança típica do São João) toca as músicas de Luiz Gonzaga. A professora apresenta a biografia de Luiz Gonzaga, fala sobre sua trajetória de vida, início de sua carreira, como ele ganhou visibilidade nacional e mundial. Fala sobre a relação com sua família, as dificuldades que o artista enfrentou, o preconceito por ser Nordestino. A professora fala que teve sua infância marcada pelas músicas de Luiz Gonzaga, pois desde criança ouvia em casa o Rei do Baião. Disse também que era fã do cantor e que gostava das suas músicas, do ritmo musical que ele trouxe. Durante a aula foi abordado o quanto Luiz Gonzaga contribuiu para a cultura nacional e mundial. A professora fala que as letras das músicas falam de uma gama de temas do nosso cotidiano, que as letras das músicas de Luiz Gonzaga falam sobre a economia, questões ambientais, culturais, sociais e históricas. Foram realizadas atividades em sala de aula em grupo e individuais.

DATA: 06.03.2017 - SEGUNDO DIA.

A professora aborda sobre o Dia Internacional da Mulher, em seguida fala sobre a variação linguística indígena e sobre vários recursos da língua escrita, modo de falar de cada povo, a necessidade de se respeitar sobre as variações de linguagens. Como recurso a professora trouxe a letra da música de Luiz Gonzaga e pediu que dividisse uma folha de papel ofício no meio e em dupla escrevesse dois tipos de bilhetes com a mensagem cada um. Os bilhetes seriam escritos de acordo com o jeito de cada um. Em seguida a professora realiza a atividade no livro didático. Durante a atividade os alunos trouxeram várias formas de falar nos interiores que as famílias viviam. Surgiram muitas palavras. Esse dia foi muito interessante, pois os alunos interagiram com a atividade de forma que eles se encontravam nas palavras trabalhadas, pois eram palavras que estavam dentro do seu cotidiano. Após cada um apresentar o seu bilhete, a professora pediu que eles colocassem todo o conteúdo em uma linguagem formal, solicitando que circulassem as palavras de uso não formal que eles costumavam ouvir em casa dos seus avós, tios e familiares. Foi uma atividade muito rica, a professora trouxe várias palavras do regionalismo Nordestino as quais foram se encaixando dentro do contexto dos alunos.

DATA: 07.03.2017 - TERCEIRO DIA.

Após a acolhida, a professora realizou a correção da tarefa de casa, trouxe um filme sobre a vida de Luiz Gonzaga, apresentou trechos do filme, comentou que o filme seja e será exibido na TV em vários capítulos. Surge uma conversa sobre o filme. Os alunos falaram o que chamou mais atenção no filme, houve comentários sobre o cenário apresentado, sobre a terra, sobre as lembranças que traziam dos seus interiores. Foi apresentada a letra da

música Xote das Meninas. Após ouvir a letra da música surgiu uma discussão sobre o que diz a música, o que o cantor queria dizer com aquela canção. Durante a apresentação houve certo alvoroço. Os alunos apontavam um para o outro, principalmente quando eles ouviram o refrão da música “ela só quer, só pensa em namorar”. A professora explica que essa mudança que ocorre com as meninas, que deixam de gostar de brincar de boneca para ter interesse nos namoros também ocorre com os meninos, pois é a fase que muda, pois é um momento onde se começa a adolescência e os interesses passam a ser outros. Surge nas falas o fato da menina citada na música não querer mais brincar de boneca, pois já estava interessada no namoro. A professora falou como era a fase do namoro no tempo dela, que são diferentes dos tempos atuais. Alguns alunos também falaram o que as mães comentaram em casa, que o namoro no tempo dela era diferente dos tempos atuais. A professora, dentro dessa história, aproveita o momento e fala sobre as mudanças que ocorrem ao longo do tempo na sociedade no âmbito da economia, da história, da mudança geográfica e também na linguagem e neste momento ela traz elementos da música destacando as palavras “dotô”, “fulô” e depois trabalha a língua escrita e falada. Neste momento é apresentada a atividade que os alunos farão no caderno, mas de forma coletiva. Eles devem reescrever os trechos da música na qual aparece a linguagem não convencional, mudando para a linguagem normativa. Na próxima atividade a professora traz o mapa do Brasil destacando a região Nordeste, fazendo relação com o eixo da leitura de Cordel, o lugar onde Gonzaga nasceu etc.

DATA: 09.03.2017 - QUARTO DIA.

Depois da acolhida e da correção da atividade de casa, a professora traz um novo vídeo no qual apresentava a música Xote das Meninas no data show. A professora distribuiu a letra da música xerografada e neste momento apareceu na sala todo o entusiasmo do dia anterior quando falou-se de namoro. Alguns cantavam e dançavam em seus lugares, todos muito animados. A professora pediu que eles representassem através do desenho o tema da música. Ao concluir essa etapa, eles fizeram uma produção de texto dentro do conteúdo trabalhado. Sempre intercalando com o trabalho desenvolvido em sala, a professora abordou sobre a economia, sobre o desemprego e o emprego, sobre as frentes de trabalho, sobre a necessidade que o homem tem de ter o seu próprio sustento. Ao falar sobre esse conteúdo, a professora faz menção sobre o que traz as músicas de Luiz Gonzaga sobre o homem do campo, o homem sertanejo acostumado a arar a terra, a tirar seu sustento da planta, que se vê obrigado a deixar sua terra para sobreviver e manter sua família. Este homem precisa buscar novas formas de sustento, deixando assim sua terra para buscar uma forma de sustentar a si mesmo e sua família. É realizado um painel de ideias para finalizar, onde os alunos expõem seus entendimentos sobre todo o conteúdo trabalhado.

DATA: 13.03.2017 - QUINTO DIA

Após a acolhida, a professora informa que a aula será sobre literatura de cordel (um gênero textual pertencente à cultura nordestina). São realizadas atividades de leitura e compreensão de texto, apoiando-se nos conhecimentos que os alunos trazem sobre as características da literatura de cordel já trabalhadas em aulas anteriores. A professora começa a fazer intervenções sobre as expressões jornalísticas e expressões regionais características do homem sertanejo, nordestino. Neste momento professora fala sobre o cotidiano da vida no sertão, como os sertanejos lutam para sobreviver à seca. Uma aluna fala que ela teve que sair do interior com sua família porque não tinha mais como sobreviver no lugar que morava por causa da seca. Daí surge a fala sobre o que traz algumas músicas de Luiz Gonzaga e o que acontece com muitas pessoas que moram em regiões de seca. A professora aborda o que ocorre na economia no contexto social e geográfico trazendo a situação do êxodo rural. Com mapa a professora localiza com os alunos da Região Nordeste o percurso que geralmente realiza o sertanejo ao sair de sua terra e os prováveis lugares que ele busca refúgio. Os próprios alunos começam a relacionar lugares em que ocorre essa saída da terra em busca de uma vida melhor, pois como dizem muitos deles, foram histórias que aconteceram com a própria família.

DATA: 15.03.2017 - SEXTO DIA

Depois da acolhida, a professora realizou a correção da atividade de casa, em seguida apresentou a música "Asa Branca". Distribuiu a letra da música xerografada e começou a contar a história sobre o pássaro que é apresentado na música, sendo o nome da música referência dessa ave. Assim começa a narrativa sobre o comportamento do pássaro (ave típica da Região Nordeste) que no período da seca procura outro lugar para sobreviver e só retorna após a chegada da chuva. No decorrer da aula alguns alunos falaram que conhecem a história, pois conhecem o pássaro e a avó contava essa história. A narrativa das histórias trazidas pelas letras das músicas entra em consonância com que vivem muitas das famílias dos alunos. Eles cantam e se empolgam com a letra da música. A professora desenvolve atividade de leitura, análise e reflexão da língua, traz o papel do povo nordestino na construção da história e progresso do Brasil. Num segundo momento a professora relaciona os pontos nos quais o Nordeste contribuiu e contribui ainda hoje, trouxe também questões sobre fauna e flora abordando a preservação do meio ambiente e a extinção dos animais.

DATA: 17.03.2017 - SÉTIMO DIA

Após a acolhida, a professora traz o gênero literário cordel. Mais uma vez recorda que é uma literatura oriunda da Região Nordeste. A professora trabalha a biografia de outros artistas nordestinos assim como Luiz Gonzaga, que levaram a cultura nordestina para o Brasil e para o mundo. São trabalhadas as características dos textos apresentados, as expressões, foi abordado sobre o preconceito linguístico e reforçado o quanto temos que respeitar os vários falares existentes no Brasil. Os alunos constroem uma tabela

comparativa entre os textos estudados, desenvolvem a atividade sem dificuldade, percebem a diferença entre algumas palavras e alguns afirmam que já ouviram algumas expressões, pois os familiares que moram no interior do estado ainda falam: “barrer”, “bassoura”, “inté”, “mulé”, “colé” etc. Neste dia a aula terminou mais cedo, pois houve reunião de pais.

DATA: 21.03.2017 - OITAVO DIA

Após a acolhida e correção da tarefa de casa, a professora distribuiu a letra da música xerografada “Vamos juntar os troços”. Na letra desta música nota-se o regionalismo, também traz a religiosidade, canta o amor, o carinho e fala de sentimentos. A música é apresentada com muita animação, que acaba contagiando os alunos e estes participam da aula com muita alegria, entusiasmo e ficam todos empolgados. A professora realiza leitura e interpretação do texto permitindo que os alunos apresentem a sua compreensão sobre o texto. É realizada uma discussão sobre a temática na qual todos os alunos sempre relatavam algum fato relacionado com seu dia a dia, com sua história de vida. Em dupla, os alunos elencaram as palavras do texto que fazem parte do vocabulário regional e em seguida foram orientados a utilizarem a forma escrita das palavras do vocabulário regional utilizando formas similares. A professora conversou com os alunos dizendo que a intenção da atividade não é desmerecer o regionalismo e sim mostrar outras linguagens para apresentar ideias similares. Os alunos desenvolvem atividade e é realizada a correção.

DATA: 22.03.2017 - NONO DIA

Após a acolhida e correção da atividade de casa atividade, a aula foi iniciada com a fala da professora trazendo a reportagem sobre a seca do noticiário do dia anterior. Essa reportagem foi apresentada no jornal do dia anterior e alguns alunos disseram que assistiram à reportagem na TV. A notícia também estava sendo vinculada no jornal escrito. Com o jornal escrito em mãos, a professora iniciou sua aula com uma discussão sobre a seca no Nordeste, o sofrimento dos sertanejos e como apesar de passar por tantas dificuldades conseguem ser um povo alegre, que tem tantas festividades. Foi realizada a leitura e interpretação da notícia. Neste mesmo contexto a professora iniciou um conteúdo sobre a Região Nordeste, sendo utilizado o livro de geografia do aluno. Foi construído um painel com fotos das cidades brasileiras, contrapondo com mapa do Brasil, e se iniciou um trabalho sobre as regiões apresentadas em sala, no qual os alunos questionam, argumentam e comparam as regiões, questionam sobre a forma de viver de cada região, quais as regiões que o povo buscava abrigo e após, quais trabalhos desenvolviam nessa região. Foi realizada a confecção do mapa do Brasil que ficou exposto na sala para apreciação de todos os alunos.

DATA: 23.03.2017 - DÉCIMO DIA

Após a acolhida e correção do exercício para casa, a professora retoma a aula com a letra da música Asa Branca e trabalha a compreensão do texto, as variações dos termos específicos relacionados à realidade sertaneja e faz os seguintes questionamentos: O que significa esses termos no contexto que o leitor lê? Traz alguma informação sobre a seca? Qual? A professora traz uma notícia de jornal escrito e questiona os alunos: “Se fizermos uma comparação entre a letra da música Asa Branca e essa notícia de Jornal o assunto é o mesmo? A forma de tratar o assunto é a mesma?”. Os alunos começam falar que o texto traz como é a seca, como é a vida de quem vive nestes lugares de seca, e o outro texto traz a fala de alguém que não vive na região, mas conhece a seca. Abre-se uma longa discussão sobre as mudanças que ocorrem nas famílias que deixam o lugar onde moram para adaptar-se num outro lugar, uma nova estrutura, novos costumes e novos amigos. Nesse contexto o fato de muitos que chegam a um novo espaço e não conseguem retornar para sua terra natal e passa uma vida toda guardando um sonho de poder viver na terra que deixaram para trás em busca de sobreviver. Muitos alunos trouxeram exemplos da própria família.

DATA: 04.04.2017 - DÉCIMO PRIMEIRO DIA

A professora realiza atividade de acolhimento ao iniciar as aulas, faz correção da atividade de casa. Às vezes a correção é realizada individualmente, às vezes é uma correção coletiva, em seguida realiza atividade de leitura de imagem, utiliza o livro didático. Inicialmente sobre período Colonial. Usando o recurso do datashow, a professora apresenta a letra da música Acauã, e também distribui a letra da música que está xerografada. Realiza em seguida a interpretação juntamente com a análise e reflexão sobre a linguagem escrita e falada. Uma aluna traz a história de que a Acauã é um pássaro que traz o mau agouro, que segundo sua mãe quando este pássaro canta é sinal de que alguém na região vai morrer, pois o canto do pássaro é um aviso da morte de alguém. Neste momento a professora faz a intervenção falando sobre as histórias contadas nos interiores e que são contadas pelos mais idosos e que muitos consideram essas histórias como lendas e outros afirmam a veracidade das histórias. Surge a explicação sobre tipologia textual lendas. Os alunos cantam a letra da música Acauã alegremente. A professora faz vários questionamentos sobre a letra da música, sobre os elementos que aparecem nos textos, sobre a fauna e sobre a flora brasileira. Em seguida exhibe slides com figuras de animais citados na música. Surgem várias falas sobre os animais típicos da região, os maus tratos aos animais e o desmatamento, a poluição ambiental e a preservação do meio ambiente, que segundo os alunos é algo importante para a nossa sobrevivência. A professora também traz sua contribuição sobre a importância de cuidarmos do nosso ambiente.

DATA: 06.04.2017 - DÉCIMO SEGUNDO DIA

Após acolhimento, chamada, correção da atividade de casa, é apresentada a canção A volta da Asa Branca. A professora explora o significado do título baseado no conhecimento da música Asa Branca. É realizada a verificação das estrofes e o que cada uma comunica, o que cada estrofe traz de conhecimento. Quando questionado aos alunos o

que significa o título da música “A volta da asa branca”, os alunos respondem no geral que significa que o pássaro que tinha ido embora retornou, pois “Asa branca” é um pássaro que quando surge a seca vai embora e só retorna com a vinda da chuva. em seguida foi questionado o que significa esses retornos. Após algumas sugestões alguém falou que começou a chover no sertão. E assim vai transcorrendo a aula, os alunos realizam perguntas, tiram dúvidas, questionam, discordam, concordam etc. A professora realizou uma atividade de significado das palavras e de algumas expressões que aparecem no texto e realizou atividades de escrita sobre o texto. A atividade está xerografada e é distribuída aos alunos. Essa atividade é realizada individualmente.

DATA: 10.04.2017 - DÉCIMO TERCEIRO DIA

Após acolhimento, chamada e correção da atividade de casa, a professora começa uma conversa informal sobre as músicas de Luiz Gonzaga e questiona os alunos qual a região das músicas do Luiz Gonzaga que é mais retratada. Assim começa atividades sobre Região Nordeste, sobre as atividades econômicas da mesma, vida nessa região e de que forma essa região foi explorada pelos colonizadores. É realizada uma pesquisa sobre o modo de vida da região, o que para os alunos foi tranquilo e familiar, pois falava da região na qual eles moravam. Foi abordado sobre diversos contextos históricos e sociais, sobre as mudanças que ocorreram ao longo do ano. É abordado também sobre a economia açucareira e desenvolvida a atividade no livro didático do aluno sobre o engenho e o trabalho escravo. Durante esses períodos de aula estão ocorrendo preparativos para apresentações, pois escola trabalha com a mostra pedagógica na qual cada turma apresenta dentro do conteúdo que é desenvolvido em sala um produto final.

DATA: 13.04.2017 - DÉCIMO QUARTO DIA

Depois de acolhida e chamada, é realizada a correção da atividade de casa e em seguida exibido o vídeo do projeto O Boticário e a festa sinfônica. Este vídeo foi produzido em homenagem ao Rei do Baião e foi exibido nas redes televisivas. A professora apresenta slides sobre a vida do Rei do Baião Luiz Gonzaga. A professora trouxe um mapa no qual foi realizada a localização da cidade de nascimento de Luiz Gonzaga. A partir desse momento foi realizado um estudo sobre o estado de Pernambuco e atividade econômica do Estado, a cultura e todo o contexto histórico social do Estado. Foi realizada uma atividade na qual os alunos faziam comparativo entre as regiões do país e suas especificidades. Os alunos perceberam que mesmo se tratando da região nordeste havia lugares que eram mais castigados pela seca do que outros e foi realizado o estudo mais aprofundado para saber o que levava a ter essa diferença. Neste momento trouxe o tema identidade cultural e especificidade de cada região.

DATA: 24.04.2017 - DÉCIMO QUINTO DIA

Com base nas letras das músicas trabalhadas a professora inicia estudo sobre as paisagens nordestinas e a nova divisão que ocorre a partir das características de cada paisagem. É realizada atividade no livro do aluno com recurso do mapa vivo. Dentro dessa

atividade tem questões referentes a cada região, essas questões são trabalhadas em duplas sobre as características que compõem as regiões estudadas e suas divisões sendo elas: Zona da Mata, Agreste e Sertão. Em seguida são verificados os estados do Brasil que apresentam a mesma faixa. Também Foi verificado no mapa os estados que apresentam características comuns sendo classificados nas regiões que pertencem. Após a conclusão dessa atividade os alunos apresentaram para a turma as atividades realizadas por eles.

DATA: 27.04.2017 - DÉCIMO SEXTO DIA

A professora inicia a aula sempre com acolhimento seguido de chamada e correção da atividade de casa. Neste momento ela faz um link das atividades trabalhadas sobre Luiz Gonzaga trazendo a referência da região que suas músicas abordam, fazendo uma explanação sobre o que é Região Nordeste, tendo como objetivo introduzir a compreensão da região por grupos de estados de acordo com as características comuns entre eles. É tratado também sobre o cenário, sobre as pessoas de dentro da Região Nordeste, que de acordo com cada paisagem existe uma nova divisão. Neste momento é trabalhado com o mapa juntamente com o livro do aluno. São destacadas as três paisagens dentro do estado de Pernambuco: Agreste, Sertão e Boca da Mata, em seguida são realizadas atividades em grupo. Nessa atividade cada grupo irá descrever as características das regiões trabalhadas, encontrando no mapa cada região, elencando a cultura agricultura e economia. A professora faz a correção da atividade e em seguida os alunos saem para o intervalo.

DATA: 04.05.2017 - DÉCIMO SÉTIMO DIA

Depois de acolhida, chamada e correção do exercício para casa, a professora faz uma revisão da aula anterior fazendo paralelos. Com o auxílio do mapa ela solicita que os alunos localizem as três regiões trabalhadas e especialmente Exu, cidade de nascimento do Rei do Baião. A professora contextualiza o conteúdo com texto musical de Luiz Gonzaga que ela traz exposto na datashow. Neste momento, a professora traz o questionamento sobre o que é ser sertanejo, o que é ser nordestino, cada aluno expõe a sua opinião e depois da tempestade de ideias a professora, dentro do contexto do trabalhado, traz o conceito e exemplos do ser nordestino e sertanejo. Cada aluno recebe atividade xerografada da Região Nordeste na qual serão realizados individualmente. Nesta atividade os alunos irão relacionar as características e curiosidades da Região, produzindo um texto sobre a região e o que foi aprendido sobre a mesma. Após essa atividade os alunos estarão livres para ensaiar uma apresentação que acontecerá no pátio da escola para todos os alunos. Essa apresentação está relacionada à região Nordeste que está sendo trabalhada. Este processo será supervisionado pela professora.

DATA: 08.05.2017 - DÉCIMO OITAVO DIA

Após acolhimento, chamada e correção do exercício para casa, foi apresentado no datashow várias imagens de Luiz Gonzaga e a Região Nordeste. A professora fez uma retomada da biografia do cantor revendo as músicas, as contribuições artísticas do artista

para o Nordeste dentro da cultura, economia, história, levando o povo nordestino a construir sua identidade. Houve neste momento uma discussão sobre o conteúdo trabalhado. Interessante o quanto os alunos se identificavam com este momento, pois eles traziam fatos. Alguns falavam sobre as músicas que ouviam sobre as festas que participavam, como a família no interior tirava o dinheiro que ganhava cuidando da terra do plantio. Essa conversa entendeu sobre o quanto o Nordeste ficou reconhecido e respeitado ao ser cantado nos versos das músicas do Rei do Baião. Muitos alunos disseram que se identificavam como nordestinos e que tinham orgulho, pois o nordestino é um povo forte e lutador. Eles trazem exemplos de suas famílias e a professora traz outros nomes que também representam o Nordeste e que a partir de Luiz Gonzaga fizeram sucesso no cenário artístico e cultural do Brasil e do mundo. Os alunos realizam atividade individualmente e após correção coletiva a professora libera para ensaio da apresentação. Os alunos escolheram apresentar para a escola a música Acauã. Eles farão a dramatização da música. Um grupo fica responsável pelo ensaio da dramatização, outro grupo fica responsável por confeccionar e organizar o cenário para apresentação.

DATA: 11.05.2017 - DÉCIMO NONO DIA

Depois da acolhida, chamada e correção do exercício para casa, a professora começa a aula trazendo a música Acauã que será trabalhada na dramatização que os alunos farão. Nesta apresentação será abordada a história do Acauã, será trabalhado o seu significado e o que ele representa na região e na vida dos sertanejos e nordestinos. É revista sobre a questão da fauna e da flora, a situação atual sobre extinção dos animais e como está o contexto a atual no que se refere ao desmatamento e toda a situação ambiental no país. A professora solicita uma produção de texto tendo como tema o conteúdo trabalhado. Encerrada essa atividade os alunos dedicam o final da aula para ensaio da dramatização.

DATA: 16.05.2017 - VIGÉSIMO DIA

Esse é o dia das apresentações, os pais são convidados para participarem desde momento para apreciarem o trabalho desenvolvido em sala pelos alunos. São dois momentos: uma visita na sala de aula para ver todo o cenário, cartazes, textos trabalhados confeccionados e produzidos pelos alunos. Os alunos começaram a apresentação que trazia o cenário da seca, do Nordeste e do sertão. A apresentação trouxe todo o cenário da música, todo o movimento de Acauã “o pássaro que trazia mau agouro”. Uma das mães ficou muito emocionada, disse que aquela apresentação fez com que ela lembrasse do tempo que morava em estação, fez lembrar da sua infância e das dificuldades que ela passou e também das alegrias. Segundo a mãe do aluno, ela conhecia a história do Acauã - o pássaro que trazia o mau agouro, desde criança, pois essa história era contada pelos mais velhos e todos na região conheciam a história dele. Todo o contexto e conteúdo desenvolvido pela professora estava presente naquela sala, na fala dos alunos, nas explicações que eles davam para os visitantes, nos cartazes que eles confeccionaram e estavam expostos na sala, nas músicas que foram cantadas e tocadas. Foi um momento muito rico de cultura e de conhecimento para todos que estavam presentes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inovação pedagógica é um dos temas mais atuais que vem sendo discutidos no âmbito educacional, pois através de práticas inovadoras espera-se que o processo educativo vença as limitações que a educação tradicional impõe e que emperram o processo de aprendizagem.

Ao longo desta pesquisa ficou nítido que desenvolver uma prática pedagógica inovadora não é uma tarefa fácil, pois é necessário quebrar várias barreiras impostas pelo próprio sistema educacional e social. Porém será através de práticas inovadoras que os alunos poderão desenvolver-se e modificar o contexto social que vivem, valorizando seus saberes, sua cultura e sua história de vida.

Identificar práticas que sejam inovadoras é compreender todo o percurso que envolve o processo de aprender e educar, ter uma visão clara do que consiste o processo educacional, o desenvolvimento dos métodos de ensino, a cultura intrínseca no âmbito organizacional, pois estes pontos refletem além da comunidade escolar também a sociedade.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa e com a sua conclusão fica notório a importância do conhecimento para o desenvolvimento do ser humano, tendo o conhecimento científico um papel fundamental para embasar os saberes que são adquiridos ao longo da vida. Desta forma, esta pesquisa foi fundamentada nas teorias e pesquisas de autores, respeitados pelos seus saberes e pela seriedade que embasam seus trabalhos.

A inovação pedagógica reflete o rompimento com uma educação tradicional de imposição. Seguindo a linha de pensamento de Fino (2011), para que a inovação pedagógica assuma seu espaço, é necessário ter a definição do papel dos estudantes e dos professores, pois estes precisam ter consciência de que a inovação pedagógica tem a função de construir novas práticas. Porém, para que isso ocorra, se faz necessário mudanças também nos currículos escolares.

Esta pesquisa mostra o quanto é rico quando o professor permite que a mudança esteja presente em sua sala de aula, e que é possível a inovação pedagógica, pois esta traz várias possibilidades de desenvolvimento, de crescimento e de conhecimento. Durante o processo da pesquisa, utilizando a observação participante, ficou claro o quanto a cultura cantada nas músicas de Luiz Gonzaga faz parte do contexto dos alunos, o quanto é

importante dar a devida atenção à cultura de um povo de forma que ele se identifique, se veja nessa cultura e se sinta parte dessa cultura.

Quando isso ocorre na sala de aula é um ganho enorme para os alunos, pois ocorre neste ambiente a troca de experiência. Isso contribui de forma positiva no aprendizado do aluno, que levará o seu conhecimento para fora dos muros da escola. Será algo que levará para a vida. É nesta perspectiva que as escolas devem construir seus ambientes para que venham a desenvolver nos alunos desde tenra idade o exercício da reflexão, do pensar, do questionar, percebendo que sua realidade não está fora do contexto escolar, pois o que ele estuda na sala de aula tem sentido em sua vida fora da escola.

Quando Luiz Gonzaga canta o Nordeste, traz em suas canções um legado de cultura, de vivências, sofrimento, de alegrias, de mudanças sociais, de mudanças econômicas, reflexões críticas ao abandono que vive a Região Nordeste, a resistência de um povo forte que luta incessantemente por uma vida melhor sem perder o amor pela sua terra natal.

Trazer todo esse contexto para a sala de aula de forma interdisciplinar de maneira a permitir que o próprio aluno se veja refletido neste contexto mostra que o ensino é uma prática social porque a interação entre os professores e alunos reflete a cultura e contextos sociais a que pertencem. A intervenção pedagógica do professor é influenciada pelo modo como pensam e como agem nas diversas facetas da sua vida.

Luiz Gonzaga sempre cantou em suas músicas a cultura, sendo considerado um representante da cultura brasileira. Em suas canções estava presente a ecologia, o meio ambiente, a fauna, a flora a caatinga, sempre enaltecendo a natureza. Conseguiu desmistificar a imagem estigmatizada que se tinha do povo nordestino, visto apenas como um povo sofrido, sem instrução, sendo o homem sertanejo um ser de imagem negativa. O Rei do Baião permitiu com suas canções vir à tona a imagem de um povo forte, corajoso, religioso, que luta pela vida. Assim, corroborou para que o povo do Nordeste pudesse dar ênfase a sua identidade regional.

Durante as observações percebeu-se a inovação pedagógica como um romper de paradigmas, vendo que a professora desenvolveu em sua sala não apenas uma mudança de método de ensino. Ela foi além, pois valorizou e demonstrou compreender o conhecimento trazido pelo aluno, permitiu discussões sobre os conteúdos trabalhados promovendo desta forma a mudança e a transformação em sua sala de aula.

Assim, a importância desta pesquisa se dá principalmente nas reflexões apresentadas que convergem para a elucidação do questionamento estabelecido para o estudo desta atividade, de que a utilização das músicas de Luiz Gonzaga pode servir como uma ferramenta auxiliar na aprendizagem de prática pedagógica inovadora. Nas observações desta pesquisa foi possível perceber que a prática adotada pela professora, no que tange o ensinar e o aprender, estimula o aluno a participar das discussões; estimula os alunos a serem protagonistas, possibilitando que sejam sujeitos da aprendizagem produzindo seu próprio conhecimento.

Além disso, houve uma participação dialogada entre professor e aluno, ambos ouviam e respeitavam as opiniões. A sala de aula era um ambiente descontraído, no qual os alunos ficavam à vontade em expor suas dúvidas. Diante do exposto, das falas dos envolvidos, das observações realizadas nesta pesquisa a sala de aula transformou-se num ambiente no qual havia um leque de possibilidades, onde a professora e os alunos conviviam num espaço de troca, descobertas, experiências, crescimento e conhecimento, configurando-se um verdadeiro ambiente de inovação pedagógica.

Diante de todo o contexto apresentado nesta pesquisa e na apresentação dos resultados ficou perceptível que as músicas de Luiz Gonzaga podem ser consideradas uma ferramenta auxiliar numa prática pedagógica inovadora. A prática pedagógica da professora parte integrante da pesquisa mostra de que forma essas músicas podem ser utilizadas no processo de aprendizagem e ser consideradas como instrumento de inovação pedagógica.

Foi possível perceber o impacto da utilização das músicas na interação social, pois os alunos participavam das aulas, como foi relatado no diário de campo. Elas mostram o contexto vivido pelos alunos e seus familiares e fazem relação com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Neste contexto foi possível utilizá-las para o desenvolvimento dos conteúdos curriculares.

A professora abordava os conteúdos curriculares a partir das músicas de Luiz Gonzaga com maestria. Um dos alicerces para o êxito obtido na sala de aula com essas músicas foi o fato da prática pedagógica da professora ter sido de forma adequada e planejada, o que resultou numa aprendizagem significativa e inovadora.

Importante ressaltar que a realização desta pesquisa amplia novas possibilidades de investigações devido a amplitude do tema e por sua relevância social, pois através da

músicas de Luiz Gonzaga, é possível a abordagem de uma gama de conteúdos e temáticas diversas trazendo para a sala de aula questões sociais, econômicas, históricas e culturais.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Fragmento sobre música e linguagem. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 31(2): 2008, p. 167-171.
- ALBA, C. Uma educação sem barreiras tecnológicas - TIC e Educação inclusiva. In: SANCHO, J. M.; HERNANDEZ, F. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ALMEIDA, A.R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 1999.
- ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2004.
- ALVES, L. **Inovação e Criatividade**. **HSM Inspiring ideas** – Update or Die. O maior coletivo não jornalístico do Brasil. 22 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://hsm.updateordie.com/inoçação/2008/09/inoçação-e-criatividade/acesso: 22.11.2020>>
- AMARAL, A. A. **Artes Plásticas na semana de 22**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- AMARAL, A. A. **Outras manifestações do Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- ANDRADE, C. D. A educação do ser poético. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 61, n. 140, out. 1976. p. 593-594.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia na prática escolar**. 18. Ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.
- ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- AUSTREGÉSILO, José Mário. **Luiz Gonzaga: o homem, sua terra e sua luta**. Recife: Fundação de cultura Cidade do Recife, 2008.
- AUSUBEL, D. P. **The psychology of meaningful verbal learning**. New York: Grune and Stratton, 1963.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRETO, S. J.; CHIARELLI, L. K. M. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. **Revista Recre@rte**, n. 3, jun. 2005. Disponível em: <http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03/musicoterapia.htm>. Acesso: 06/03/2018
- BELL, J. **Como Realizar um Projeto de Investigação**. 3. Ed. Lisboa: Gradiva, 1997.
- BELLOCHIO, C. R.; FIGUEIREDO, S. L. F. Cai, cai balão... Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em música. **Música na Educação Básica**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2009, p. 36-45.
- BOAVENTURA, M. E. 22 por 22: **A semana da arte moderna vista pelos seus contemporâneos**. São Paulo: Edusp, 2000.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social: Teoria e exercícios**. 7 ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.

BRAZÃO, P. **O Diário Etnográfico Eletrônico, um instrumento de investigação: Três Testemunhos**. In: FINO, C. N. (org.). *Etnografia da Educação*. Funchal: CIE-UMa, 2011. p. 303-323.

BRITO, T. A. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

_____. **Ferramentas com brinquedos: a caixa da música**. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 24, 89-93, set. 2010.

CARDOSO, A. P. P. de O. A receptividade à inovação e a formação dos professores. **Revista Electrónica Interuniversitária de Formación del Profesorado**, 2 (1). 1992. Disponível em <http://www.uva.es/afop/publica/revefpp/99-v9n1.htm> . Acesso em 25.11.2020.

CHOKSY, L. **The Kodály Method: comprehensive music education from infant to adult**. New Jersey: Prentice Hall, 1974.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S.T.M; CODO; W. (orgs). **O homem em movimento**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987. p 59-75.

CIRIBELLI, M. C. **Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

CORREIA, J. A. **Inovação Pedagógica e Formação de Professores**. 2. ed. Rio Tinto-Portugal: Edições ASA, 1991.

CUNHA, M. I. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.

DEMO, P. Alfabetizações: desafios da nova mídia **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 2007, vol.15, n.57, p.543-564.

DIETZ, G.; CORTÉS, M. **Interculturalidad y educación intercultural en México**. Un análisis de los discursos nacionales e internacionales en su impacto en los modelos educativos mexicanos. México: Secretaría de Educación Pública, 2011.

DONAS, E. Problematizando la canción popular: um abordaje comparativo y sonoro de la canción latinoamérica comprometida desde los anos 60". **Actas del V Congreso IASPM**. Latinoamérica. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em www.unirio.br/mpb/iaspmla2018. Acesso em: 25 jun 2018.

DOURADO, L. F. A Conferência Nacional de Educação e a Construção de Políticas de Estado. In: FRANÇA, M.; MOMO, M. (Orgs.). **Processo Democrático participativo. A construção do PNE**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014. p. 23-40.

DREYFUS, D. **Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. São Paulo: Editora 34, 1996.

DUARTE JR., J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

FERREIRA, A.B. de H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**, 1ª Impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI, contendo 435 mil verbetes, locuções e definições, 3ª Edição, 2004.

FERNANDES, M. R. **Mudança e inovação na pós-modernidade**. Portugal: Porto Editora, 2000.

FINO, C. N. **Um novo paradigma para a escola; precisa-se**. In: FORUMA- Jornal do grupo de estudos Clássicos da Universidade da Madeira - 1,2, 2001.

_____. FAQs, etnografia e observação participante. **Revista Europeia de Etnografia da Educação**. 3. 2003.

_____. Inovação e invariante cultural. In: **Actas do VII Colóquio sobre Questões Curriculares**. Braga: Universidade do Minho, 2006.

_____. **O Futuro da Escola do Passado**. In: A Escola sob Suspeita. Jesus Maria Sousa & Carlos Fino (Orgs.). Porto: Asa, 2007. p. 31-44.

_____. **Inovação e incorporação de novos saberes: o desenho curricular de um mestrado em Inovação Pedagógica**. In: Actas do VIII Congresso da SPCE. Cenários da educação/formação: Novos espaços, culturas e saberes. Edição em CD-ROM: 2007.

_____. Inovação Pedagógica: Significado e campo (de investigação). In Alice Mendonça; António V. Bento (org). **Educação em Tempos de Mudança**. 2008. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicações.htm>. Acesso:23.11.2020

_____. Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de investigação). **III Colóquio DCE-Uma**. 2008. Disponível em: http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/Inovacao_Pedagogica_Significado_%20e_Campo.pdf. Acesso em 03/09/2018

_____. **Inovação Pedagógica: significado e campo de investigação**. In: BENTO, A. V. *et al.* **Educação em tempo de mudança: liderança, currículo, inovação e supervisão**. Funchal: CIE-Uma, 2010.

_____. Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciação. In: **Etnografia da Educação**. Funchal: Universidade da Madeira, 2011. p. 99-118.

_____. **Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciação**. In: FINO, C. N. *Etnografia da Educação*. Funchal: CIE – Uma, 2011. p. 10.

_____. Investigação e inovação (em educação). In FINO, C. N.; SOUSA, J. M. (Orgs.). **Pesquisar para mudar (a educação)**. Funchal: CIE-Uma, 2011.

_____. FAQs, etnografia e observação participante. *Revista Europeia de Etnografia da Educação*. 3, 2003, p. 107 – 117.

FONTOURA, D. R.; NUNES, M. L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de Pediatria**, Vol. 80, n. 2, 2004. p. 95-103.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, W. E. **Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1980.

- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GÓES, R. S. A música e suas possibilidades no desenvolvimento da criança e do aprimoramento do código lingüístico. **Revista do Centro de Educação a Distância – CEAD/UEDESC**, Florianópolis, Vol. 2, n. 1, mai./jun. 2009. p. 27 – 43.
- GOODE, W. J. HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979
- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografia: métodos de investigación**. Barcelona: Paidós, 1994.
- HARGREAVES, A. **O ensino na sociedade do conhecimento**. Roberto Cataldo Costa (trad.). Porto Alegre, RS: Artmede, 2004.
- HERNÁNDEZ, F.; SANCHO, J.M, CARBONELL, J.; TORT, A, SIMÓ, N e SANCHES-CORTÉS, E. **Aprendendo com as Inovações nas Escolas**. Porto Alegre, ARTMED. 2000.
- JEANDOT, N. Explorando o Universo da Música. São Paulo: Scipione 1990.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2006.
- KUHN, T. **A tensão essencial**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- LAPASSADE, G. L' observation participante. **Revista Europeia de Etnografia da Educação**. 2001, 1, p. 9-26.
- _____. **As microsociologias**. v. 9. Brasília: Liber Livro, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 20 Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo: Livros Horizontes, 1978.
- LIBÂNEO, J. C. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, mar. 2012.
- LIMA, J. C. **“Saudade o meu remédio é cantar”**: um estudo sobre a saudade na música de Luiz Gonzaga. UEPB, Guarabira, 2011.
- LOUREIRO, A. M. A. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.
- _____. **O ensino da música na escola fundamental**: um estudo exploratório. 2010. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MACEDO, R. S. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências antropológicas. Salvador: EDUFBA, 2009. 9.
- _____. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa – formação**. 2. Ed. Brasília: Liber Livro, 2010.

- MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política** - livro primeiro: o processo de produção do capital. 14. Ed. v. 1. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1994.
- MARX, K. **Manuscritos Econômico Filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARTINS, R. **Educação Musical: conceitos e preconceitos**. Rio de Janeiro: Ed. Fumarte, Instituto Nacional de Música, 1985.
- McLAREN, P. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia para o dissenso para o novo milênio**. Porto Alegre. Artes Médicas, 2000.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MORAES, M.C. **O Paradigma Educacional emergente**. Campinas: Papyrus, 1997.
- MORAES, M. C.; DE LA TORRE, S. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MOREIRA, A. F. Basta implementar inovações nos sistemas educativos? **Revista Educação e Pesquisa**, 25(1), 1999, p. 131-145.
- MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora da UnB, 2006a.
- MORIN, E. **O enigma do homem: para uma nova antropologia**. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- _____. **O método V: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- NAPOLITANO, M. **História e Música**. História cultural da música popular. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.
- NÓVOA, A. **Os Professores e sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- _____. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.
- OLIVEIRA, G. L. **Gonzaga: O matuto que conquistou o mundo**. Recife: Comunicarte, 1991.
- OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, set./dez. 1999. p. 5973.
- OLIVEIRA, Z. M. **Creches: crianças, faz de conta & cia**. 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- PACHECO, J. A. **Estudos curriculares para a compreensão crítica da educação**. Porto: Porto Editora, 2005.
- PAPERT, Seymour. **A Máquina das Crianças: Repensando a Escola de Frevo na Era da Informática**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.
- PAPERT, S. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- PAREJO, E. Um pioneiro da educação musical. In: MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012. p. 89-123.

- PARRA, C. Cálculo mental na escola primária. In: SAIZ, Cecilia Parra Irma *et al.* (Org.). **Didática da Matemática: reflexões psicopedagógicas**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 190
- PENNA, M. **Música(s) e seu ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- PEREIRA, A. **Educação multicultural**. Porto: Edições ASA, 2004.
- PERRENOUD, P. **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- _____. **Aprender a negociar a mudança em educação - Novas estratégias de inovação**. Porto: Edições ASA, 2002.
- PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- _____. **A Representação do Espaço na Criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- _____. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.
- PIMENTEL, L. **Mestres da música no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2007.
- ROLDÃO, M. C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007. p. 94-103.
- SÁ, S. **Luiz Gonzaga: O Sanfoneiro do Riacho da Brigida**. Fortaleza: Realce, 2002.
- SACRISTÁN, J.G. **Consciência e ação sobre a prática com Libertação Profissional dos Professores**. In: NÓVOA, Antônio (org). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.
- SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SANTOMÉ, J. T. **Multiculturalismo anti-racista**. Porto, Portugal: Profedições, 2008.
- SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1999a.
- SANTOS, J. C. F. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- SANTOS, L. Auto-avaliação regulada: Porquê, o quê e como? In: **Avaliação das aprendizagens: Das concepções às práticas** Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica, 2002. p. 77-84.
- SANTOS, M. N. F. C. **As expressões artísticas no 1º ciclo do ensino básico: uma abordagem à luz da inovação pedagógica**. 2007. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Ciências da Educação, Universidade da Madeira, Funchal, 2007.
- SEMANA DA ARTE MODERNA DE 1922: o movimento modernista, artistas e obras. **Laart**, São Paulo, jun. de 2019. Disponível em: <https://laart.art.br/blog/semana-de-arte-moderna/>. Acesso em: 03 set. 2019
- SILVA, T. T. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, M.J.A.; BRANDIM, M.R.L. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. **Diversa**, Ano I, n. 1, p. 51-66, Jan./Jun. 2008. Disponível em: <http://www.fit.br/home/link/texto/Multiculturalismo.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2018

SOARES, M. A.; RUBIO, J. A. S. A utilização da música no processo de alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n. 1, 2012. p. 1-13.

SOARES, S. G. **Arquitetura da identidade: sobre educação, ensino e aprendizagem**. 2ª Ed., São Paulo: Cortez, 2001, p. 28.

SOUSA, J. M. **O professor como pessoa**. Porto Edições: ASA, 2000.

_____. **O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural**. Revista de psicologia social e institucional, 2 (1), 2000, p. 107-120.

_____. **Scenario Planning em Educação**. Universidade da Madeira, 2004. Disponível em: <http://www3.uma.pt/jesus Sousa/SPE/ProgramaSPE.pdf>. Acesso em: _16/07/2019_. **Educação: textos de intervenção**. Funchal: Editora O Liberal, 2004.

_____. A inadequação da escola num cenário de transição parágnica. In: FINO, C.; SOUSA, J. M. **A Escola sob Suspeita**. Porto: Editora Asa, 2007.

SWANWICK, K. **Ensinar música musicalmente**. Brasil: Moderna, 2003.

TOFFLER, A. **O choque do Futuro**. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Editora Record, 1970.

TONINI, I. M.; GOULART, L.; KAERCHER, N. **Curso de aperfeiçoamento: produção de material didático para a diversidade**. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial**. 2003. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/imagens>. Acesso em: 04 ago. 2018.

VASCONCELLOS, E. **O que realmente significa a palavra “inovação”?** 10 de maio de 2009. Disponível em <<http://eduardovasconcelos.wordpress.com/>> Acesso em 22 de novembro de 2020.

VIEIRA, S. **O Sertão em Movimento: a dinâmica da produção cultural**. São Paulo: Anablume, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento**. Trad. de Agnes Cretella. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZAMBRIN, V. A. **Aprendendo e brincando com músicas**. Belo Horizonte: Fapi, 2003.

